
Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas
VERUS
EDITORA
A garota do CALENDÁRIO
AGOSTO
Audrey Carlan

Audrey Carlan

A garota do CALENDÁRIO

AGOSTO

Tradução
Andréia Barboza

VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Maria Lúcia A. Maier

Capa e projeto gráfico
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
© Daria_Cherry/Shutterstock (casal)

Título original
Calendar Girl: August

ISBN: 978-85-7686-562-9

Copyright © Audrey Carlan, 2015
Todos os direitos reservados.
Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário [recurso eletrônico]: agosto / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 8)

Tradução de: Calendar Girl: August
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-562-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.

16-36271

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Ketty McLean Beale
Agosto é dedicado a você.
Em um mar de estranhos, você me procurou,
ofereceu amizade, um sorriso e bom humor.
Você tornou inesquecível minha primeira
experiência de conexão com meus pares.
Nunca vou te esquecer.

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

A garota do Calendário | Setembro

1

1



No momento em que saí para o sol da Califórnia, esbarrei em um corpo, fui levantada do chão e voei em um círculo estonteante. Lábios úmidos encontraram os meus. A luz do sol, o mar e o cheiro do meu homem permearam o ar ao meu redor. Conforto, alegria e alívio dominaram minhas emoções enquanto eu sugava o lábio inferior de Wes como uma sanguessuga — querendo mais, precisando que ele me marcasse dos pés à cabeça.

Me envolva em você. Eu só conseguia pensar nisso enquanto Wes virava meu rosto de um lado para o outro, aprofundando o beijo, me reivindicando muito além do que a decência permitia.

— Arranjem um quarto! — a voz de um garoto soou, rompendo nossa bolha feliz de boas-vindas. Deslizei o nariz contra o dele, saboreando seu cheiro, a forma como os cílios se fecharam, como se ele também estivesse tendo problemas com a ideia esmagadora que éramos nós dois. Wes e Mia. Um relacionamento.

— Oi, lindo — falei baixinho, minha voz camuflando quanto havia sentido sua falta.

Os dedos de Wes se entrelaçaram em meus cabelos, segurando minha nuca de leve.

— Minha garota — ele sussurrou em reverência antes de me beijar com doçura mais uma vez. Esse beijo foi menos quente que o primeiro, mas não menos significativo. — Vamos. Quero te levar pra casa. A Judi preparou um banquete para a sua volta.

— Sério? Você contou para ela que eu vinha? — Sorri e apertei a mão dele.

Ele puxou meu braço, me levando para a limusine.

— Claro. Eu tinha que contar que a minha *namorada* iria ficar uma semana em casa. Eu precisava ter certeza de que ela estaria preparada.

— Muito gentil da sua parte, sr. Channing... — Coloquei um pé dentro da limusine, balançando o traseiro o máximo que consegui. Como abelha em uma flor, o olhar dele foi descaradamente atraído para o meu bumbum. Rebolei até dizer chega e sorri quando seus olhos encontraram os meus. — ... Terceiro — sussurrei e pisquei.

Ele riu e bateu na minha bunda com força. Eu ia ter que esfregar aquela marca por um bom tempo.

— Entre, linda. Estamos perdendo tempo, e eu quero te comer antes de te alimentar.

Wes entrou na limusine com elegância. Ele era uma coisa de tão lindo. Alto, longilíneo, magro nos lugares certos. Os músculos abdominais e peitorais definidos eram ligeiramente visíveis através do tecido fino da camisa polo. Ele usava uma bermuda cargo condizente com o surfista que era, não com o ricaço roteirista da alta sociedade que eu sabia que ele podia ser, pelo menos quando necessário. Seus pés estavam enfiados em um par de tênis Vans.

No instante em que o motorista arrancou, Wes subiu o vidro interno e me atacou. Houve um momento em que eu não tive certeza de que ele faria alguma coisa, mas deveria ter adivinhado. Estávamos muito ávidos. Tinha se passado uma semana desde que nos vimos pela última vez. Num piscar de olhos, Wes me tinha no colo, com as pernas ao redor das dele, as mãos grandes na minha bunda, esfregando-a, acariciando-a e apertando-a de um jeito delicioso.

— Você vai realizar o meu sonho e me deixar transar com você aqui? — Seus olhos verdes estavam em chamas, uma bola de fogo de luxúria.

Balancei a cabeça e pressionei a pélvis, me esfregando em seu eixo rígido. Movimentando os quadris para a frente e para trás, criei um ritmo que nos deixou ofegantes.

— Não, não. *Eu* vou transar com você. — Um sorriso que provavelmente combinava com o meu deslizou em seus lábios.

As mãos de Wes ergueram minha saia curta e rodada, depois foram até a parte de trás da calcinha, segurando minha bunda inteiramente.

— Linda, eu sou todo seu. Do jeito que você quiser. Desde que a sua boceta apertada esteja engolindo o meu pau, eu realizo todos os seus desejos.

Ouvir Wes falar em "pau" foi o mesmo que tocar meu clitóris com ferro em brasa. Ele estremeceu e latejou, querendo atenção.

Sem esperar muito, me afastei de suas coxas, tirei a calcinha, fiquei de joelhos na limusine e abaixei sua bermuda. Seu pau saltou, livre. Passei a mão na base e apertei.

Wes gemeu, fechou os olhos e sua cabeça caiu para trás, no assento de couro. Uma gota perolada do líquido pré-ejaculatório apareceu na ponta, me parecendo boa demais para deixar passar. Wes olhou para baixo assim que lambi a ponta do seu membro.

— Puta merda! — Ele cerrou os dentes, e eu segurei suas pernas abertas. Olhei em seu rosto e vi um homem prestes a perder a sanidade. Em questão de segundos eu seria puxada para cima, e ele me colocaria sentada em seu pau. Eu sabia. Ele sabia. Wes gostava de estar no controle. Toda vez que eu tentava tomar as rédeas, ele tentava — como o cavalheiro que era — deixar. No entanto, no segundo em que meus lábios engoliam seu membro, eu tinha pouco ou nenhum tempo antes que seu controle se esvaísse. Não me entenda mal. Wes amava minha boca, adorava que eu o chupasse, mas geralmente só estaria interessado em sexo oral depois de me comer até dizer chega. Meu homem esperava intimidade primeiro; sexo safado, só depois.

Segurando firme ao redor da base, chupei a cabeça, girando a língua sobre a fenda e sorvendo o líquido que estava se formando ali. No momento em que seus quadris se ergueram, eu o levei até a garganta. Quando seu comprimento atingiu o fundo, fiz um movimento de sucção na ponta grande. Como eu havia previsto, Wes perdeu a cabeça. Sua mão envolveu meu pescoço e ele fez movimentos fortes de vaivém em minha boca, perdendo a capacidade de comunicação coerente.

— Vou foder a sua boca quente. — Ele meteu, sua mão me segurando no lugar. — Ah, isso. — Eu o senti se afastar alguns centímetros. — Tome tudo. — Enfiou novamente, como se estivesse com raiva de mim por chupar seu pau. — Que delícia... — Cerrou os dentes e recuou novamente. — Mais uma vez, baby. — Ele enfiou com força e eu relaxei a mandíbula, respirando pelo nariz. Ele parou em um lugar de prazer suspenso. — Me leve lá no fundo. Caramba, Mia. Eu te amo. — Ele puxou de volta e desta vez tirou tudo. Curvando-se, alcançou meus braços e me puxou para cima, me colocando mais uma vez em seu colo. Com minhas pernas e meu sexo abertos, ele encaixou o pau em mim. — Agora tome o que é seu, linda.

E foi o que eu fiz. Com força e profundamente, do jeito que eu tinha imaginado a semana toda. Seguindo seu caminho, ele deslizou um polegar talentoso entre nossos corpos e me tocou em movimentos circulares. Engoli em seco. Ele continuou circulando. Prendendo a respiração, entrei no ritmo e o aprofundei dentro de mim, até não ter certeza de onde ele terminava e eu começava. O tempo parou. Tudo o que nos rodeava era calor, prazer e beijos de derreter os ossos. Wes segurou meus ombros, me pressionando de encontro ao seu membro, ao mesmo tempo em que afundava em mim. Gritei em sua boca, mas ele engoliu o som. O orgasmo me

atingiu. Eu estava totalmente despreparada para a pressão escaldante que me consumiu todos os nervos e poros enquanto ele continuava a meter em mim.

Quando parei de me mover, perdida em nós dois, ele se inclinou para a frente, colocou a mão em minhas costas, apoiou um joelho no chão e me deitou para trás. Eu era apenas sensações, os nervos disparando em todas as direções, me levando à beira do precipício novamente.

— Wes... baby — foi tudo o que eu consegui dizer. Ele respondeu pressionando as mãos atrás das minhas coxas, empurrando meus joelhos em direção ao peito e entrando mais alguns centímetros em mim. Era possível e impossível ao mesmo tempo. Um grito saiu da minha boca, mas ele não tentou abafar desta vez, apenas manteve o ritmo brutal. Seus quadris continuaram se movendo descontroladamente, seu pau roçando minha carne de um jeito delicioso.

— Como senti falta dessa boceta. Eu amo a sua boceta, baby. Quero morrer aqui. Um dia, quando a gente tiver noventa anos, eu vou morrer comendo você. Exatamente. Desse. Jeito. — Ele girou os quadris e se inclinou, pressionando seu peso e o pau profundamente em mim, que podia senti-lo no umbigo. — Quero ver você gozar — ele rosnou entredentes.

— Eu já gozei, lindo — eu o lembrei do orgasmo de fazer a terra tremer que me levou ao chão. Caramba, o homem era uma máquina, movendo os quadris, me possuindo em lentas estocadas.

— Não, eu preciso mais uma vez. Eu quero a sua boceta apertando forte o meu pau. Quero gozar com a sua boceta me prendendo. Juntos, linda. — Ele me beijou, puxou meu lábio inferior com os dentes e começou tudo de novo. Sabendo exatamente do que eu precisava, deslizou a mão mais uma vez, girou o polegar mágico e me deu longas e lentas estocadas, até os músculos do meu núcleo estarem comprimidos e minha virilha, minhas pernas e tudo o mais fazerem exatamente o que ele disse: apertarem. — É isso aí. Ah, Mia. Tão bom. — Ele pressionou fundo, seu pau firmemente plantado dentro de mim, e se permitiu a liberação. Meu sexo o sugou até ele secar. Quando os tremores acabaram, ele caiu em cima de mim, rolando para o lado e me levando consigo.

Um sorriso bobo apareceu em seu rosto enquanto o que parecia uma sensação de paz o dominou.

— Melhor agora? — perguntei, com uma risadinha.

Ele abriu os olhos e ergueu a mão para minha bochecha, acariciando-a.

— Eu estou sempre melhor quando estou com você.

— Eu também.

— Meu bem! — Judi me recebeu de braços abertos. Corri até ela e a abracei. Ela se afastou e se concentrou em mim, seus olhos me avaliando. — Estou muito contente em vê-la. — O sotaque britânico fazia as palavras soarem como açúcar, especiarias e tudo de bom.

Eu sorri.

— Estou feliz por estar aqui, Judi. — Inalei o aroma apetitoso de alho, cebolas grelhadas e pimentões. — O que tem para o jantar? O cheiro está delicioso. — Minha boca se encheu de água. Eu só tinha comido uma barra de granola no voo de seis horas entre Miami e Malibu. Depois da brincadeira na limusine, eu precisava de alguma coisa substancial. Não tinha como me manter de pé, com o apetite insaciável de Wes por mim, se não me enchesse de carboidratos.

Os olhos de Judi brilharam enquanto ela caminhava de volta para a cozinha.

— Comidinha caseira. Algo para você se lembrar de casa. — Ela olhou para Wes e revirou os olhos. — Costeletas de porco, legumes grelhados, cuscuz com parmesão e pão de alho quentinho. O que você acha?

— Divino. — Ela me conquistou nas costeletas de porco. Eu tinha comido fora na maior parte do mês. Anton e Heather não costumavam fazer refeições em casa, principalmente porque não tinham tempo de fazer compras e, como estavam sempre viajando, nunca chegaram a contratar um cozinheiro, apesar de Anton ter dinheiro suficiente para isso. Ele deveria pensar em contratar um nutricionista para ajudá-lo a manter aquele corpo. Anton se exercitava muito. Se adotasse uma dieta mais saudável, não precisaria se esforçar tanto. Fiz uma anotação mental para falar sobre isso com Heather na próxima vez em que mandasse uma mensagem. Agora que ela era oficialmente a empresária dele, precisaria de mais tempo para se concentrar em suas atividades e não no que ele iria querer no café da manhã, almoço e jantar.

Judi me levou ao balcão da cozinha.

— Venha, venha. — Ela deu um tapinha no banco alto com encosto. — Me conte o que você fez nesses seis meses.

Contar o que eu tinha feito? Hum. A versão resumida serviria.

— Bem, eu estive em vários lugares. Seattle, Chicago, Boston, Nova York, Washington, Havaí e Miami.

Ela assentiu e mexeu o molho que estava aquecendo na frigideira.

— E conheceu alguém interessante? — Judi inclinou o pescoço, mas seus olhos focaram os meus.

Sorri.

— Eu conheci um monte de gente, Judi. Fiz vários amigos.

— E o meu menino? Ele é seu amigo? — perguntou, daquele jeito maternal que só alguém que tivesse sido babá antes de trabalhar em sua casa faria.

Inclinando-me para a frente, apoiei o cotovelo no balcão e o queixo na mão.

— Eu acho que você sabe que o Wes é mais que um amigo pra mim.

Seus olhos se arregalaram e uma mão foi para o peito.

— Eu? Não sei de nada. Conte as boas-novas para esta velha.

Eu ri, pensando no sexo selvagem que tínhamos feito no carro alguns minutos atrás, mas parei quando seus olhos encararam os meus.

— Desculpe. Hum... — Segurei uma mecha de cabelo e a enrolei nos dedos. — Acho que podemos dizer que o Wes e eu chegamos a um acordo. Nós estamos juntos.

— Juntos. — Seu tom era acusatório, e eu não entendi por quê. Em seguida, ela bufou alto. O que aconteceu entre aquele monte de abraços com direito a jantar especial e essa demonstração de aborrecimento?

— Algum problema com o fato de nós estarmos juntos? — perguntei, hesitante.

Ela negou.

— Não, não. Eu lhe dei essa impressão?

— Hum, você está um pouco estranha, Judi. Eu falei alguma coisa que te ofendeu?

Ela se inclinou e acariciou minha mão, que estava sobre o balcão.

— Não, meu bem. É que eu sei que, quando você foi embora, o meu garoto sentiu muito a sua falta. Depois disso, aquela mulher esnobe andou aparecendo aqui e eu fiquei preocupada.

Ah, agora eu entendi.

— A Gina. Tudo bem. Eu sei tudo sobre ela.

— E não se importa? — Ela estreitou os olhos.

Pensei cuidadosamente na melhor forma de responder. Nem todo mundo entenderia o nosso relacionamento. Merda, nem eu mesma entendia na maior parte do tempo, e definitivamente não agora, quando ainda era tão recente.

Umedecendo os lábios, respirei fundo.

— O Wes e eu sempre tivemos sentimentos um pelo outro. — Ela assentiu,

como se essa informação não fosse de todo surpreendente. — Nós mantivemos contato durante todo esse tempo, mas não estávamos em um relacionamento sério. Ele estava livre para fazer o que quisesse, e eu também. Agora que entramos em um acordo sobre o que está acontecendo, estamos vendo como as coisas ficam e curtindo o presente. Faz sentido para você?

Ela encolheu os ombros.

— Não é da minha conta, mas eu gosto de ver o sorriso no rosto do meu garoto quando ele está com você. Ele planejou um monte de coisas, a semana toda, para a sua chegada. Queria que você tivesse roupas novas, coisas que ele colocou no armário *dele*, aliás. — Ela abriu um daqueles sorrisos repletos de sabedoria que só as mulheres com jeito de mãe conseguem ter. Do tipo que diz que sabe alguma coisa de que você não faz ideia ou que tem um conhecimento incrível para transmitir.

Acabei rindo com suas palavras.

— Então ele me mudou para o quarto dele, é?

Seu sorriso estava radiante.

— Sim, e eu recebi instruções para acompanhá-la ao seu apartamento amanhã, com alguns ajudantes, e embalar todas as suas coisas. Ele quer que você traga tudo para cá.

— Hum... O quê? — Balançar a cabeça não me ajudou a assimilar mais rápido o que ela estava dizendo. — Ele quer que eu encaixote tudo no meu apartamento e me mude pra cá? Pra sempre?

As sobrancelhas dela se estreitaram.

— Isso não é óbvio?

Bati no balcão. Uma pontada de dor atingiu minha mão. Segurei a palma dolorida e a esfreguei.

— Parece que o *lorde* Channing e eu vamos precisar ter uma conversinha mais tarde. Não faça esses planos para amanhã.

Judi acariciou minha mão novamente.

— Ah, meu bem, você não sabe mesmo com quem está lidando. O compromisso já está marcado para amanhã com os carregadores. Vou estar preparada para liderar o grupo às dez.

Desta vez fui eu que estreitei o olhar.

— Estou dizendo que isso não vai acontecer.

Judi riu.

— Tudo bem, querida. Continue acreditando nisso.

— Por que não? É o meu apartamento. Eu digo o que vai acontecer e,

definitivamente, digo para onde vou me mudar. — Apontei o dedo para o granito. — E não vai ser pra cá.

É claro que eu adoraria morar ali. Ter meu jantar pronto e servido, refeições deliciosas todas as noites. Sentar na varanda para ver o mar ou o lado oposto, que dava para as colinas. Dormir na nuvem de felicidade que era a cama de Wes. Mas eu não faria isso porque o meu namorado estava exigindo. De jeito nenhum.

Judi parou de mexer a panela, baixou o fogo e nivelou seu olhar com o meu. Apoiou os cotovelos no balcão e se inclinou para a frente.

— Meu bem, eu estou com o Weston há um bom tempo. Desde que ele era pequeno. Existem pouquíssimas coisas que ele não consegue quando decide que quer. Seria bom você aprender isso agora. Se é você que ele quer, é você que ele vai ter. Ou vai morrer tentando.

Quando pensei a respeito, e eu realmente pensei, até que era bom ser cobiçada dessa forma. No entanto, eu não era nem me tornaria posse de um homem rico. Se ele achava que eu iria me mudar sem discussão, estava enganado.

— Bem, o meu querido namorado vai ter que me pedir — falei, me levantando, com a determinação que tentava ao máximo sentir.

— Pedir o quê? — Wes voltava do escritório, aonde tinha ido checar alguma coisa de trabalho antes do jantar.

— A Judi disse que você quer que ela traga todas as minhas coisas pra cá. — Apoiei o peso em uma perna e coloquei a mão no quadril. Usei minha expressão supersséria de "nada-vai-passar-por-mim", aperfeiçoada ao longo dos anos.

Wes franziu o cenho e depois deu de ombros.

— Você não quer ficar comigo?

Bom, quando ele falou desse jeito, não tive outra resposta além de:

— Sim, claro.

— E não vai querer morar aqui algum dia? — Sua cabeça se inclinou para o lado, num gesto não defensivo.

— Bem... Sim — respondi, sem conseguir entender aonde ele queria chegar.

— Certo. — Ele se aproximou, me prendendo, colocando os longos braços em cada lado do balcão atrás de mim. Abaixou bem o rosto para que eu pudesse olhar diretamente em seus olhos. Verde-com-verde. Sua respiração soprou em meus lábios e fez outras partes do meu corpo começarem a prestar muita atenção. — Mia, linda, você quer trazer as suas coisas pra minha casa e fazer com que ela seja sua também?

Umedeci os lábios e o encarei, notando a forma como as linhas finas ao redor dos olhos e dos lábios o faziam parecer especial. Bonito. Mais que perfeito. Respirei

fundo e ele esperou, tranquilo, pela minha resposta. Eu era completamente impotente diante do seu charme.

— Tudo bem. Eu me mudo pra cá.

Ele abriu um sorriso de derreter calcinhas, e eu quase desmaiei.

— Te amo. — Quando ele terminava qualquer frase com *isso*, conseguia o que queria. Sério. Eu precisava começar a me preparar para os "eu te amo" futuros e o efeito daquilo em minha mente.

— Te amo — respondi.

Ele me beijou, o mais leve toque, antes de se afastar, então bateu palmas.

— Muito bem, isso está resolvido. O jantar está pronto, Judi? Tudo preparado?

Eu me virei e me sentei novamente.

Judi abriu um sorriso afetado enquanto servia o jantar.

— Tudo perfeito, meu querido. — Ela olhou em minha direção e piscou. Eu queria odiá-la por estar certa, mas não podia. O amor que ela tinha por Wes vinha do tempo de convivência e, no fim das contas, ela o conhecia melhor que eu.

Por enquanto... mas não por muito tempo.

2



A enorme caixa de roupas, de número cinco, estava fechada e pronta para ser despachada. Coloquei-a na pilha. Judi estava cantarolando na cozinha, fechando as coisas que havia empacotado.

— Terminei aqui — ela falou, alegre. Fiz uma careta. — Meu bem, o que está deixando você tão pra baixo?

Movi o pescoço de um lado para o outro, esperando ouvir o estalo que sinalizaria a liberação da tensão, e franzi a testa quando nada aconteceu.

— Não sei. Odeio dia de mudança. Sempre parece tão definitivo. É como se... você desse um passo à frente e não pudesse voltar atrás.

— Ah, que bobagem. Você vai se instalar muito bem conosco, como se estivesse ali desde sempre.

Como se estivesse ali desde sempre. Ótimo. Uma coisa estagnada e imóvel. Mas eu iria para a casa do meu próximo cliente em poucos dias. Wes sabia disso, e nós ainda não tínhamos discutido o assunto. Eu precisava saber que poderia continuar fazendo o meu trabalho, o qual havia iniciado pela minha família, sem ser obrigada a aceitar uma pilha de dinheiro do meu namorado podre de rico. A última coisa que eu queria era ser uma parasita. As pessoas odeiam parasitas. E eu também. Eles sugam os outros, e eu estava determinada a não ser um deles. Wes, por outro lado, devia gostar de parasitas e esperava que eu fosse vagabundear por aí. De jeito nenhum.

Quando a manhã terminou, depois que havíamos embalado minha vida inteira durante três horas, meu humor não tinha melhorado. Peguei o celular e liguei para a vadia.

— É bom que seja importante. Estou de olho em um jogador dos grandes — disse Gin, do outro lado da linha.

Minha carranca provavelmente piorou quando fiz sons de engasgo, asfixia e outros barulhos.

— O que foi? Não me julgue. Eu não estou montada no centésimo segundo gostosão no espaço de... o quê, seis meses? Uma garota precisa pensar no futuro, sabia?

— Gin, sério? Um jogador dos grandes? Foi você quem disse que não existe nada pior que um jogador. Que esses cretinos perdem a casa, a esposa e o dinheiro da faculdade dos filhos na esperança de ganhar do cassino. Não se misture com esse lixo. Um jogador realmente dos grandes estaria atrás de portas fechadas, em torneios clandestinos de pôquer, jogando com os amigos ricos, e não se exibindo para uma garota de Las Vegas. Deixe o cara pra lá e fale comigo.

O som estalado de seu chiclete soou alto em meu ouvido. Mesmo com medo de ter perfurado meu tímpano, eu preferia ouvir aquilo ao som da sua baforada num cigarro.

— Eu me mudei para a casa do Wes.

O barulho do chiclete parou. Tudo parou. Nenhum som na linha. Afastei o telefone e olhei para a tela. A ligação não tinha caído.

— Gin? Alô?

— Você se mudou para a casa do partidão número um? Não. Brinca. Porra. — Seu tom era surpreso e parecia querer dizer "puta merda".

— Err... não exatamente. Quer dizer, mais ou menos. Sim. Talvez. Hum... sim? — Mordisquei a unha.

— Você foi morar com o Ken Malibu?

Pisquei e esperei.

— O sr. Regras? — ela alfinetou.

Mais uma vez, ficar em silêncio era a única opção. Eu a conhecia a vida toda, e sabia que ela precisava de um tempo para processar essas coisas.

— O deus dourado da prancha de surfe? — Sua voz ficou sonhadora. Certo, agora estávamos chegando a algum lugar. — O roteirista de filmes que muda os personagens para que eles fiquem parecidos com a gata da minha melhor amiga? Você se mudou pra casa dele? A mansão em Malibu?

— Não é exatamente uma mansão... — comecei, mas ela me cortou.

— Cala a boca! Você. Está. *Louca?* Precisa que a sua cabeça seja analisada?

Esfreguei o topo do couro cabeludo.

— Não. Eu mesma fiz isso.

Ela gemeu.

— Tá. Me diz uma coisa. Vai ser chato te perguntar isso, mas eu preciso. — Respirando lentamente, eu me preparei para a artilharia pesada. — Você está fazendo isso por causa daquele babaca de pau pequeno que te atacou em Washington?

Fechei os olhos e me abracei.

— Não, amiga. De jeito nenhum. Quando eu estava em Miami, o Wes foi me ver no meu aniversário.

— Sim, sim, eu sei. Fui eu que avisei pra ele, lembra?

— Enquanto ele estava lá, nós dois admitimos alguns sentimentos... Coisas que a gente estava sentindo desde que eu fiquei aqui, em janeiro. Gin, eu amo o Wes.

— Ah, meu senhor... Não vem de novo com essa merda de "eu amo o cara"! — Ela começou a murmurar alguma coisa que não consegui ouvir, mas eu sabia que era um discurso completo. — Você ama *todo mundo*, Mia. Faz parte do seu DNA, do seu código genético. Você conhece um gostosão. Trepa com o gostosão. Se apaixona pelo gostosão. Esta não é a primeira nem a última vez que você repete esse padrão.

Ginelle tinha razão. No passado, esse tinha sido o meu *modus operandi*. Mas não agora. Não com Wes.

— Eu não fiz isso com os outros caras com quem transei este ano. Pode me explicar?

— Eu vou te explicar o que acontece numa transa. Ok. Quando um cara e uma moça se encontram, acontece uma química que libera feromônios...

Gemi e soltei uma respiração áspera.

— Ginelle! Foco! — Quase pisei em meu próprio pé, exasperada. Merda. Eu tinha ligado para a irmã errada. Devia ter ligado para Maddy, a irmã de sangue, não a de alma. Ela teria ficado louca de felicidade. Principalmente porque tinha encontrado o seu primeiro e único amor e estava comprometida com ele. Ia se casar. Pessoas assim querem que todos os outros fiquem como elas: felizes e apaixonadas.

— Mia, eu... eu só não quero que você se machuque. Mais uma vez. — Ela suspirou longa e profundamente. Tanto que pude sentir o ruído de sua angústia, mesmo àquela distância.

— Eu sei, Gin. Eu entendo. É que... você sabe que nós dois ficamos nesse chove não molha durante meses. Se eu não tivesse que resolver a confusão do pops, ainda estaria aqui.

— Se você não tivesse que resolver a confusão do pops, jamais teria estado aí! — *Touché*. Boa lembrança. — E quanto àquela mulher, a va-Gina? O que aconteceu com ela? — Seu tom era de desdém e não escondia o desgosto.

— Acabou.

Ela pigarreou.

— Acabou. É isso aí. Já era. — A pronúncia forçada deixava clara sua descrença.

Dei de ombros, mas ela não podia ver.

— Segundo o Wes, sim.

Outro som sufocante veio através da linha.

— Pelo menos ele tem bom senso.

Uma risada surgiu, liberando o aperto que pressionava meu peito. A tensão que senti começou a se dissipar, trazendo alívio.

— Fique feliz por mim — sussurrei, quase implorando.

— Amiga, eu estou. Sempre vou estar, mas você sabe que a sua melhor amiga tem que jogar dos dois lados. Te proteger até quando você mesma não faz isso. Está no livro das melhores amigas, logo abaixo da parte que diz: "Dê um tapinha nas costas dela e faça a garota se sentir melhor quando tiver uma transa casual e não lembrar o nome do cara no dia seguinte, agindo feito uma biscate". É o meu trabalho garantir que, mesmo quando você estiver agindo como uma biscate, não se sinta assim.

Sua lógica tinha mérito. Um mérito meio torto, mas, ainda assim, ela se importava. Ginelle me amava mais que a maioria das pessoas, e eu tinha certeza disso, tanto quanto tinha de que eu amava camisetas de bandas e minha moto, a Suzi.

— Obrigada. Pelo cuidado e pela preocupação... mesmo que você seja uma vadia barata.

Ela respirou fundo.

— Sei... Então nós voltamos a isso. Tudo bem. — Ela estalou a língua. — Peguei você. Te enganei direitinho, sua maluca.

E ali estava minha amiga. Eu sorri.

— Pelo menos eu não rebolo pra ganhar a vida — mandei de volta.

— Pelo menos eu não abro as pernas por dinheiro, vagabunda!

— Te amo, Gin.

— E eu amo essa sua cara feia. Te vejo em breve?

— Espero que sim, bunda-mole. — Desliguei super-rápido. Essa era a regra. Eu ganhei. Girei o punho no ar e fiz uma dancinha feliz, mexendo os joelhos para dentro e para fora enquanto rebolava do jeito que Maria De La Torre me ensinou em Miami. Nossa, aquela mulher sabia dançar. Agora, se eu parecia uma galinha

sem cabeça ou não, era outra história. Pelo menos, com minha melhor amiga, a última palavra foi minha. Isso raramente acontecia, mas esse round... era todo meu.



— Eu não quero que você vá. — Wes mexeu os quadris, pressionando profundamente. Ele estava ficando duro de novo dentro de mim, apesar de termos acabado de encerrar uma rodada de sexo enlouquecedor.

— Nós já conversamos sobre isso. Você concordou.

Ele franziu a testa e empurrou os quadris de leve. O suor em nossos corpos ainda não havia secado e ele já estava começando a segunda rodada. Insaciável. Eu era uma garota de sorte, muita sorte.

Seus dedos apertaram a parte carnuda dos meus quadris.

— Eu sei que já conversamos, mas achei que talvez eu pudesse te convencer de outra maneira, mais agradável. — Ele se inclinou e tomou um mamilo rosado na boca. O calor daqueles lábios em meu seio, combinado com os movimentos suaves de sua língua, me fez me esfregar instintivamente em sua pélvis, forçando a ereção entre minhas coxas ainda mais fundo. Nós dois gememos. — Está vendo? Você já está começando a entender. — Ele sorriu e me penetrou mais fundo enquanto puxava minha cintura. Totalmente duro dentro de mim. Coloquei as mãos em seu peito, usei a força das coxas para me levantar e sentei nele. — Ahh, nossa! Avise da próxima vez, baby. Assim você me capa antes mesmo de a diversão começar. — Ele ergueu o tórax, apoiado nos calcanhares, e deslizou para a cabeceira da cama, onde se recostou, me aconchegando em seus braços. Levantando os dois joelhos em um ângulo de noventa graus, seu membro, duro como aço, ficou em uma nova posição dentro de mim, muito linda, por sinal. Eu me casaria com aquela posição se pudesse.

Suspirando, envolvi seu pescoço com as mãos e trouxe seus lábios para os meus. Língua com língua, peito com peito e coração com coração, ficamos dando uns amassos. Nenhum dos dois se mexia. Ele era grosso, longo e ainda estava enterrado profundamente em mim. Eu o beijei, me entregando àquele momento. Eu queria que ele soubesse que o que havia entre nós era real. Não importava aonde eu fosse, estava comprometida com aquilo. Com ele. Com nós dois.

Wes rosnou e mordeu meu lábio.

— Você vai mesmo embora amanhã, né?

Assenti e esfreguei a testa na dele. Nossas bocas estavam tão próximas que respirávamos o ar um do outro. Era íntimo demais. Estar perto dele, compartilhar o ar que sustentava a vida com ele profundamente dentro de mim. Tudo isso era mais que mágico.

Como ele havia dito antes... era o paraíso. E foi então que eu me dei conta. Wes e eu teríamos anos daquilo, uma vida para compartilhar, amar, viver um para o outro. Infelizmente, naquele momento, eu precisava cuidar da minha própria vida e da do pops antes de poder ficar naquela bolha para sempre.

— Wes, você sabe que eu preciso ir. O nosso relacionamento tem que ficar livre da dívida do meu pai.

— Seria tão mais fácil se você simplesmente pegasse o meu dinheiro, pagasse aquele imbecil e ficasse aqui comigo. Você não quer ficar aqui? Recomeçar a vida do zero, livre?

— Eu adoraria, Wes, mas eu me conheço. — Coloquei a mão no peito, no lugar do coração. — Eu sei que, no fundo do meu coração, sempre sentiria que te devo alguma coisa. Meio milhão de dólares não é uma quantia que eu conseguiria devolver. Nunca. Nós não podemos começar a nossa relação com um devendo alguma coisa para o outro. Não é certo. Isso não seria um recomeço.

Seus ombros caíram, e ele segurou minhas bochechas.

— Me mata saber que você vai passar um tempo com outro homem. Que vai permitir que ele dê em cima de você. Se apaixone por você.

Dessa vez fui eu quem segurou seu rosto.

— Isso não vai acontecer.

— Não? — Sua sobrancelha se arqueou de maneira desafiadora.

Acariciando de leve sua testa, balancei a cabeça.

— Não, não vai.

— Mas aconteceu comigo. Eu me apaixonei por você. Aposto que metade dos homens, se não todos eles, se apaixonou por você de alguma forma. Quem garante que, nos próximos meses, um deles não vai ser o homem mais incrível que você já conheceu? E se ele quiser te conquistar? Hein? E aí?

Respirei fundo.

— Impossível.

— Mas é... — ele começou, até que coloquei dois dedos sobre aqueles lábios que eu estava morrendo de vontade de morder.

— Não. É impossível, porque alguém já deu em cima de mim. Eu já conheci o homem mais incrível do mundo, e ele me conquistou tão completamente que eu

não consigo nem olhar para outro. — Ele abriu aquele sorriso sexy de surfista, que eu queria admirar todos os dias pelo resto da vida. Entendi isso como um sinal de que era o momento de mostrar quanto ele significava para mim. Pairando meus lábios sobre os dele e sentindo sua respiração contra a minha, sussurrei: — O meu coração pertence a você. O meu corpo pertence a você, porque eu te amo. Você precisa confiar em mim.

Wes fechou os olhos. Ele parecia um anjo quando estava de olhos fechados. Cílios negros contrastando com a pele bronzeada. Seu cabelo, um emaranhado confuso de camadas douradas, atingiu meu coração com uma onda de paixão tão profunda que quase não consegui respirar. Afastei uma mecha de sua testa e acariciei sua têmpora com um dedo, deslizando-o pela lateral do rosto até o queixo, que segurei entre o polegar e o indicador. Levantei seu rosto até ele abrir os olhos.

— Eu te amo, Wes. *Você*. Por favor, confie que eu vou fazer o que é preciso, sabendo que eu vou ser fiel. — Então, eu o beijei.

Percebi o momento em que o beijo mudou. Seus lábios ficaram mais firmes e a boca se abriu mais; a língua ficou mais gananciosa, e, quando os dentes entraram no jogo, com a mão em volta do meu pescoço, ele assumiu o controle do beijo. Liderou o caminho por uma trilha de fogo e luxúria, um desejo tão feroz que roubava tudo, menos a necessidade de me possuir. Nossos corpos se fundiram, e qualquer pensamento que não dissesse respeito a nós dois voou para quilômetros de distância de onde estávamos nos adorando.

— Eu quero você o tempo todo — Wes resmungou. Seus dedos se cravaram em meus ombros, ao mesmo tempo em que o quadril pressionava, me penetrando impulso após impulso. O prazer entorpecente era tão intenso que meus dentes batiam com cada golpe.

Suguei seus lábios, esfreguei a boca em sua bochecha numa trilha molhada de beijos, chegando ao seu ouvido e chupando a cartilagem até que ele gemeu e seu corpo apertou.

— Eu sempre quero mais — confirmei, ofegante, perdendo a cabeça quando me ergui novamente, espremendo seu pau com as paredes sensíveis do meu centro, tentando tirar o máximo de prazer possível não só para mim, mas para ele também. Quando apertei seu membro, sua mandíbula cerrou. Amei fazê-lo sorrir e sentir aquilo, sentir tanto prazer que ele esqueceria qualquer mulher que tivesse chegado antes de mim.

Impulso após impulso, metemos um contra o outro o máximo que conseguimos aguentar. Aquilo não era fazer amor. Não era sexo. Era uma trepada com força, não

exatamente com raiva, mas definitivamente sem borboletas, arco-íris e palavras suaves de amor. As coisas safadas que ele dizia me deixavam mais quente, mais úmida e totalmente louca.

— Vou deixar essa boceta dolorida. — Ele me penetrou com força. Naquele ponto, eu estava segurando a cabeceira da cama enquanto ele forçava os quadris para cima e eu movimentava a bunda para baixo, juntos em uma confusão de membros nus e partes íntimas escorregadias.

Ele me comeu com tanta força e intensidade que eu perdi a capacidade de falar de forma coerente. Uma série de grunhidos, murmúrios e gemidos saiu da minha boca enquanto eu montava Wes, a um sopro de distância do segundo clímax da noite.

Ele sugou um mamilo e mordiscou a ponta. Gritei, segurando sua cabeça contra mim. Não queria que ele parasse de chupar, morder ou enviar aqueles impulsos elétricos de êxtase direto para o meu clitóris a cada golpe.

— Alguém gosta que eu dê atenção aos seios, não é, linda?

Não consegui responder, pois estava muito perdida na beleza que era transar com Wes. Ele mudou de seio, sugou e mordeu o mamilo até eu girar os quadris, tão molhada que podia ouvir o barulho de nossos corpos juntos. O entra e sai do seu pau quando se enterrava profundamente e tirava, roçando minha carne hipersensível, me deixou tonta. Era o céu e o inferno de uma vez só. Cada metida era tão boa que eu suspirava. Cada vez que ele tirava era tão gostoso que minha única preocupação era que o seu corpo estava deixando o meu, e eu não queria que isso acontecesse.

— Eu quero que você goze no meu pau, linda. Eu preciso sentir quando essa boceta doce estremecer em mim. É sexy demais o jeito como ela me aperta, como se nunca mais quisesse me deixar. Não se preocupe... — Ele meteu com força e eu ofeguei, sentindo as ondas e os formigamentos do orgasmo prestes a explodir. — Eu vou te preencher tanto que você vai sentir o meu fluido escorrendo entre as pernas por dias, só para te provar que eu sou o dono dessa boceta. *Eu*. Agora goza! — ele ordenou, e o meu corpo respondeu.

Tensionei cada músculo, os nervos faiscando a cada nova onda que batia em mim. Toda a minha pele se sentia viva, amada e, mais importante, adorada. Apertei as mãos ao redor do pescoço de Wes, colando meus lábios nos dele, e o beijei com tudo o que eu tinha, lambendo e mordiscando, até que o corpo dele ficou muito duro e ele gemeu, grunhiu e convulsionou debaixo de mim. Com sua boca na

minha, provei seu desejo, sua paixão e seu amor quando ele soltou sua essência, bombeando dentro de mim.

— Amor — ele disse em minha boca com os lábios macios, úmidos e sensíveis dos meus beijos.

— Amor — repeti.

— Minha — ele ofegou, a última onda do orgasmo derrubando seu corpo grande.

— Meu — concordei, basicamente porque eu era dele e ele era meu. Não havia outra definição dali em diante. Eu só esperava que desse certo, que tivéssemos finalmente chegado a um acordo sobre o meu trabalho e a nossa situação como casal. Eu não estava indo embora, nem podia ficar. Por enquanto. Mas em breve, e eu esperava que fosse pelo resto da vida, eu estaria nesta cama, com este homem, fazendo exatamente isto, daqui a um, dez, cinquenta anos, até dar o meu último suspiro.

— Eu não acredito que você vai mesmo embora — ele falou, dando beijos ao longo do meu pescoço e clavícula, massageando minha nuca e me acalmando em um estado de puro êxtase. Não que eu já não estivesse lá, depois das duas rodadas de sexo.

— Sim, mas sabe de uma coisa? — Entrelacei os dedos em seus cabelos.

— Humm? — ele murmurou, um pouco melancólico.

— Eu vou estar de volta em três semanas. Prometo que volto pra casa entre um trabalho e outro.

Um enorme sorriso apareceu em seu rosto.

— Pra *casa*? — Ele sorriu, sem esconder o fato de que adorava quando eu usava essa palavra de forma incontestável. Quando eu dava a entender que "casa" significava estar aqui, em Malibu. Que, sorrateiramente, ele tinha me convencido a me mudar.

— Sim. A minha casa é onde você está. — Deitei a cabeça em seu peito e beijei o lado do coração. — Mas eu vou ficar com saudade.

Ele suspirou.

— Vou ficar com mais saudade ainda. — Mesmo duvidando, amei ouvi-lo dizer aquilo.

Eu nunca tinha sido *algo mais* para alguém, mas, agora que era, entendia por que as pessoas faziam aquilo. Se comprometiam com quem amavam. Saber que eu era a escolhida de alguém, sua luz, o final feliz de um dia de merda, me dava uma

sensação de poder que não podia ser apagada. Estaria sempre lá, brilhando pelo amor dele e iluminando o meu caminho de volta para casa.

3



Cheguei ao aeroporto com torcicolo e o coração pesado. Deixar Wes para encontrar meu novo cliente em Dallas não foi bom. Ele queria que eu ficasse, pegasse o dinheiro que continuava me oferecendo e achasse que estava tudo bem. Teimoso. Ele não aceitava que eu precisava fazer aquilo. Que precisava pagar sozinha a dívida com Blaine, tanto para salvar meu pai como para *me* salvar. Eu queria terminar algo que tivesse começado; queria vencer. Precisava saber que, de uma vez por todas, eu era dona do meu destino. Que cada decisão que eu tomasse de agora em diante seria por minha conta. Só minha.

Era a minha jornada, e eu pretendia terminá-la. Eu queria que ela custasse a minha relação com Wes? Não. Nem em um milhão de anos. No entanto, ele precisava acalmar seus impulsos e entender que nem tudo tinha a ver com a forma como ele via as coisas. Não era tão simples entregar meio milhão de dólares a uma pessoa e achar que todos os problemas do mundo seriam resolvidos. Nossa relação era muito recente. Estávamos nos conhecendo. Em meio a essa novidade, de alguma forma ele bateu o pé e me fez mudar para sua casa. Pior ainda: eu deixei.

Sem nenhuma discussão real, embalei as coisas do meu minúsculo apartamento de Los Angeles, coloquei as caixas em um dos cinco carros que ficavam estacionados na garagem dele e guardei meus objetos — que ainda seriam desempacotados — no meu antigo quarto. Na verdade, todas as minhas porcarias poderiam desaparecer. Apenas os itens guardados em uma caixa de sessenta por sessenta centímetros realmente importavam para mim. Sem querer desperdiçar o pouco tempo que tínhamos um com o outro, não perguntei nada sobre deixar minha marca em sua casa com as minhas coisas, como qualquer mulher faria. Talvez eu precisasse de um tempo para perceber que, tecnicamente, havia acabado de me mudar para a casa de Weston, mas planejava continuar com o trabalho de acompanhante pelo resto do

ano. Não era exatamente algo sobre a sua nova namorada que você gostaria de contar para seus amigos e parentes.

Meus pensamentos estavam uma confusão só. Saí do aeroporto distraída e com uma sensação de vazio, perdida em divagações. Enquanto eu caminhava pela calçada, resmungando comigo mesma, uma mão quente segurou meu braço e me fez parar. Olhei para cima até que a borda de um chapéu de caubói bloqueou o sol e minha vista se ajustou. Olhos verde-claros surgiram. Tão claros que pareciam uma ametista verde, uma cor muito semelhante à dos meus olhos. Aliás, de perto era exatamente como a cor dos meus olhos. Estranho. Um sorriso complementava a mandíbula com a barba por fazer. Dentes brancos brilharam quando ele disse alguma coisa, mas eu não ouvi, perdida demais em pensamentos. Mechas de cabelo loiro podiam ser vistas na parte de trás de seu pescoço, provando que o que quer que estivesse debaixo do chapéu era rebelde, provavelmente encaracolado e precisava ser cortado.

— Mia? Você é a Mia, certo? — o homem perguntou, mas o tom de sua voz acertou meu coração e o apertou. Não com desejo, mas com um leve indício de algo mais. Meus sentidos se encheram de familiaridade, como se fosse um sonho perdido que eu lembrasse ao acordar, mas fosse incapaz de encaixar as peças adequadamente. — Meu anjo, você está bem? — Outra mão grande segurou meu braço. Olhei para aquelas mãos enormes, de unhas limpas e bem cortadas, como se tivessem sido feitas recentemente.

Dei um passo atrás, mas ele segurou meus braços com mais força.

— Eu estou... hum, bem. Desculpe. — Pisquei várias vezes, tentando clarear a mente. — Nós já nos conhecemos?

Seu sorriso se alargou.

— Não, mas acho que durante este mês vamos nos conhecer muito bem. Sou Maxwell Cunningham. Pode me chamar de Max. — Ele estendeu a mão. Os calos tocaram minha palma, arranhando bruscamente a carne macia.

Ele vestia uma camisa polo amarela, esticada sobre o peito amplo e musculoso, se é que os contornos através do tecido eram alguma indicação. Parecia que as mangas, ao redor dos bíceps protuberantes, se rasgariam a qualquer momento com o tamanho dos músculos. Com a polo — que, aliás, ficava muito bem em seu corpo —, ele usava jeans escuro e um cinto largo de couro com fivela de prata de pelo menos sete centímetros de largura por cinco de altura, com uma estrela dourada no meio. Os pés estavam em um par de botas de caubói empoeiradas na cor ferrugem, combinando com o cinto. Na minha opinião, ele tinha feito um esforço para

combiná-los. Enquanto eu observava seu traje, ele examinou o meu. Aqueles olhos verdes, tão parecidos com os meus, analisaram meu vestido de verão simples e minhas sandálias. Meu cabelo estava com cachos soltos fluindo por todos os lados.

— Você é muito linda — ele sussurrou, a voz soando corajosa, como se tivesse dito as palavras sem querer. Seus olhos pareciam assombrados, magoados de um jeito que me fez querer abraçá-lo. Não sei por que eu sentia aquilo, especialmente depois do que Aaron havia feito comigo quando estive em Washington.

Olhei ao redor, para as pessoas que passavam, e segurei o vestido apenas para ter algo nas mãos. O ar entre nós estava desconfortável, denso e cheio de coisas não ditas. Quando um homem diz que uma mulher é linda e olha para ela como se quase pudesse ver suas entranhas, uma resposta é praticamente obrigatória.

— Hum... obrigada.

Seus olhos se arregalaram.

— Ah, hum, desculpe. Eu não quis dizer desse jeito. É que você é bonita, muito bonita mesmo. Apesar de ter visto suas fotos, eu não estava preparado para a coisa real, ao vivo e a cores. Minha nossa, isso também não saiu certo. — Ele esfregou a nuca e olhou para os pés. Uma carranca estragou seus lábios cheios.

— Senhor, aquela caminhonete é sua? — Um segurança do aeroporto, que usava um colete fluorescente, interrompeu nossa conversa estranha e apontou para um Ford F-150 prata.

— Sim. Algum problema?

O homem assentiu.

— Se o senhor não começar a se mexer, vamos ter. Seu carro está bloqueando a passagem. — Ele apontou mais uma vez para a caminhonete.

— Ah, droga. Desculpe. Mia, por aqui. — Ele pegou minha mala, abriu a porta de trás da caminhonete cabine dupla e a jogou lá dentro. Então abriu a porta do passageiro e estendeu a mão. Olhei para ela como se estivesse mergulhada em ácido. — Mia, meu anjo, eu nunca te faria mal. Estou um pouco atrapalhado, mas, se você for comigo para o rancho, nós vamos te acomodar e a Cyndi vai fazer tudo ficar melhor. — Ele deu um sorrisinho e manteve o braço esticado.

Quando coloquei a mão na sua, tive novamente aquela sensação estranha, e algo me trouxe uma antiga lembrança. Era uma coisa que estava logo ali, como quando você não consegue lembrar o nome de uma música, mas está na ponta da língua.

Entrei na cabine e me sentei.

— Quem é Cyndi?

Ele abriu um sorriso enorme, que era irritantemente familiar. Eu tinha certeza

de que já conhecia aquele homem. Tinha que conhecer. Maxwell se sentou atrás do volante, deu partida, verificou o retrovisor e saiu.

— A Cyndi é a minha esposa.



Depois de duas horas na caminhonete, finalmente seguimos pelo caminho de cascalho. A casa amarela de dois andares da fazenda, com janelas azuis brilhantes, ficava lá no final. Uma cerca de madeira branca ladeava a parte da frente da casa, onde uma criança pequena brincava com bonecas em cima de um cobertor no sol de fim de verão. Uma mulher de vestido longo estava encostada em uma coluna de madeira branca ao lado das escadas que levavam à varanda ao redor da casa. O vestido tinha uma variedade de azuis e verdes, me fazendo lembrar das águas tropicais que eu havia visto em Miami. Uma de suas mãos pálidas se moveu, pousando sobre a barriga grande e arredondada. Ela parecia estar prestes a explodir. Seu ventre era do tamanho de uma bola de basquete debaixo do vestido. O cabelo castanho-claro balançava com a brisa suave, preso por um elástico ou uma fita. Ela e sua evidente fertilidade pareciam sublimes naquele cenário.

Quando o carro parou, ela acenou para Max, e ele sorriu de volta. Aquele mesmo sorriso gigante que abrira algumas horas antes, quando mencionara a esposa, estava novamente colado em seu rosto. Desde então, eu soube que o nome dela era Cyndi e que eles tinham uma filha chamada Isabel e um menino a caminho. Ele estava em êxtase com o fato de poder passar a um filho homem o sobrenome Cunningham.

Descobri que ele era filho único, criado por Jackson Cunningham, que tinha falecido recentemente, deixando para ele cinquenta e um por cento das ações da empresa. Os outros quarenta e nove por cento deveriam ir para sua irmã. Uma irmã que ele nunca conheceu. Aquela que ele havia dito que tinha o mesmo nome e a mesma data de nascimento que eu. Os detalhes do que Max queria que eu fizesse ainda eram nebulosos, mas ele disse que durante o mês as coisas se tornariam mais claras.

Quanto a mim, estava animada com o fato de ele ser casado e feliz, pelo que isso representava. Eu não tinha nenhuma pretensão de ter um relacionamento amoroso. Com a minha relação tão recente com Wes, eu sentia que era uma dádiva de Deus

representar o papel de uma irmã desaparecida havia muito tempo. Não haveria toques, aproximações fingidas ou beijos de qualquer tipo.

Seria uma boa notícia para o meu surfista que fazia filmes. Uma pontada de dor atingia meu coração quando eu pensava em Wes. Fazia menos de um dia, e a distância entre nós parecia ainda mais aguda do que eu imaginava que seria. Nos últimos seis meses, eu havia sido capaz de estar em lugares diferentes durante semanas a fio sem sentir nada. Em maio eu não troquei uma mensagem sequer com ele. Nós dois ficamos muito afastados após a discussão a respeito de Gina. Apertei os dentes ao pensar na queridinha mais sexy de Hollywood e na maneira como ela colocou as garras no meu homem. Antes que eu percebesse, Maxwell abriu a porta e me ajudou a descer.

— Amor, venha conhecer a Mia. Bell, venha conhecer a amiga do papai — ele gritou para a menina. Sua esposa deu alguns passos, uma mão segurando o corrimão e a outra, a barriga inchada. No momento em que ela se aproximou, ele colocou uma das mãos sobre sua barriga e a outra ao redor do pescoço. Baixou o rosto e a olhou nos olhos. — Como está, meu amor? Tudo bem? — Ela abriu um sorriso lindo, e suas bochechas ficaram coradas quando assentiu. — E o nosso rapazinho? — Acariciou a barriga da esposa.

— Está perfeito, Max. Estamos muito bem, eu juro. — Ela se inclinou e o beijou suavemente antes de se afastar. Seus olhos azuis brilhantes, da cor de safiras, se concentraram em minha aparência. Ela estendeu a mão. — Cyndi Cunningham. Bem-vinda à nossa casa.

Apertei sua pequena mão.

— Mia Saunders. Fico feliz por estar aqui. — A menina estava se escondendo atrás das pernas da mãe, com um braço enrolado em seu joelho. — E quem é essa coisinha linda escondida aí? — Apontei para a criança.

Maxwell inspirou, e seu peito pareceu inchar ainda mais.

— Essa é a minha filha, Isabel. Bell, querida, venha conhecer a amiga do papai.

A menininha espiou por trás da perna da mãe. Os olhos verde-claros e o cabelo dourado emolduravam o rosto em forma de coração, parecido com o do pai. Lábios de querubim apareceram quando ela saiu do esconderijo. Olhei em seus olhos e cabelos, e aquela sensação de familiaridade despertou novamente. Eu devia ter encontrado essa família antes, mas não sabia dizer quando.

— Oi, eu sou a Mia. — Acenei com os dedos enquanto Isabel puxava o vestido da mãe e o balançava de um lado para o outro, os pés chutando a poeira ao redor. Seu vestido era coberto de arco-íris, adequado para uma criança da sua idade, que

descobri ser quatro anos durante a viagem de carro com Max. — Gostei do seu vestido.

Seus olhos verdes ficaram mais escuros.

— Eu amo arco-íris. São tão lindos.

— Eu concordo. Você já viu um arco-íris de verdade? — Eu me ajoelhei para olhar a menina nos olhos. Ela assentiu com a exuberância que somente alguém da idade dela faria. — Eu também. Você sabe o que dizem sobre o arco-íris, né?

Seus doces olhinhos se arregalaram, e ela balançou a cabeça.

— Bom, tem uma lenda irlandesa que diz que no final do arco-íris fica um pote de ouro. E que esse pote é protegido por um duende! Um carinha feliz que usa um terno verde e um chapéu alto!

Ela riu.

— Talvez a gente encontre um enquanto você está aqui — disse, com a voz cheia de esperança.

— Parece uma aventura e tanto. No próximo arco-íris que aparecer, nós vamos procurar. Você e eu. Tudo bem?

Isabel pegou minha mão. Cyndi e Max olharam para nós duas de mãos dadas. A surpresa era nítida em seu olhar, mas eles não disseram nada.

— Eu vou te mostrar a nossa casa. Você gosta de panqueca? Ah! E os Ursinhos Carinhosos? Qual deles é o seu favorito?

Quando uma criança arrasta você, há pouco a fazer além de segui-la. E foi o que eu fiz.

— Hum, eu amo o Ursinho da Sorte, aquele que tem o trevo na barriga. E acho panquecas muito gostosas. Especialmente quando a gente coloca calda de chocolate em cima.

Isabel parou de andar, se virou, cruzou os braços e bateu o pé minúsculo, calçado com sandálias.

— Por que a gente nunca coloca calda de chocolate na nossa panqueca? — perguntou aos pais, claramente pensando que aquela questão merecia toda a atenção de quem estivesse ao alcance de sua voz.

Cyndi e Max riram.

— Nós vamos fazer do jeito da Mia amanhã de manhã, Bebel — Cyndi respondeu, acariciando os cabelos da filha. — Você ia mostrar o quarto da Mia para ela, lembra?

Isabel se virou na ponta dos pés e riu enquanto subia as escadas.

— Vem, Mia! — gritou.

— Ela sempre tem tanta energia assim? — perguntei aos pais enquanto subia as escadas atrás da menina.

— Sim! — eles responderam juntos, e todos nós rimos.

— Vai ser um mês divertido. Já deu pra perceber — falei e me virei para ver se eles estavam me seguindo.

Max esfregou o pescoço e olhou para a esposa. Ela desviou o olhar, sem fazer contato visual com qualquer um de nós.

— Estamos felizes por você estar aqui, Mia — foi tudo o que ele disse, mas a maneira como falou foi estranha, significativa e me deixou ansiosa. Tive a sensação de que, mais cedo ou mais tarde, eu pensaria exatamente o contrário.



Sentei em meu quarto naquela noite, peguei o telefone e liguei para Wes.

— Oi, linda. Já vai dormir? — ele perguntou, sem rodeios.

Sorri e me aconcheguei ainda mais no edredom.

— Sim. E você?

Ele bocejou.

— Ainda não.

— Mas você parece cansado.

Wes fez um simples "ãhã", e o som atravessou diretamente meu corpo, suavizando e umedecendo, como sempre acontecia. Traidor.

— Estou sim. Foi um dia longo. Mas estou com saudade. Menos de uma semana e eu já me acostumei a ter você na minha cama.

Rindo, brinquei com uma linha que encontrei pendurada na costura do cobertor.

— Você só está com saudade de transar comigo.

— Verdade. Ter você nua na cama comigo definitivamente tem esse efeito colateral. Não é nada gostoso dormir sozinho. Acho que essa vai ser a parte mais difícil, além do seu jeito de fungar quando vira e esfrega o nariz e a boca no meu braço, babando.

— Eu não babo!

Ele riu muito, e isso me fez sentir uma pontada de tristeza, sabendo que levaria mais três semanas para vê-lo de novo. Isso se ele estivesse na cidade e não em uma locação das filmagens.

— Não, você não baba, mas se aconchega em mim. Por mais que eu achasse que fosse odiar isso, eu adoro.

— Eu te amo — reforcei.

Ele suspirou.

— Eu sei. — O som de sua respiração ecoou na linha enquanto eu imaginava que estava lá, deitada contra seu peito nu, ouvindo aquele som enquanto sua respiração batia como uma brisa no meu cabelo. Virando, esfreguei ainda mais o rosto no cobertor, curtindo o cheiro suave do sabão de lavanda. — Me fale do seu cliente. Já descobriu por que ele precisa que você finja ser irmã dele?

— Na verdade, não. No caminho do aeroporto até aqui, ele me contou que o pai morreu recentemente e deixou para ele cinquenta e um por cento da empresa, e o resto ficou para uma irmã que ele não conhece, nem sabia que tinha.

— Que estranho — Wes comentou.

— Não é? Enfim, de acordo com algumas provas manuscritas que o pai colocou no testamento, parece que a irmã tinha o meu nome e a mesma data de nascimento. O que também é esquisito, apesar de Mia ser um nome comum. Ele encontrou duas na mesma faixa etária que eu. E Saunders também é comum. Porém, de acordo com o Max, que é o meu cliente, o nome estava escrito a mão de uma forma que pode ser um "o" em vez de "a", o que aumenta o número de homônimos. Ele disse que foi um verdadeiro golpe de sorte ter me encontrado e eu estar disponível para contratação. Seja lá o que isso signifique.

— Hum, é bem estranho que vocês tenham o mesmo nome e a mesma data de nascimento, e que ele tenha te encontrado. Aliás, como foi que ele te encontrou?

Eu não havia pensado nisso, mas era uma excelente pergunta.

— Não sei. Mas vou descobrir.

— O que mais você sabe sobre esse cara?

Eu podia dizer, pelo seu tom de voz, que Wes faria uma investigação. Secretamente, aquilo me emocionava e irritava em medidas iguais. Millie já tinha pesquisado sobre Max e dito que ele era inofensivo. Ultrarrico, mas nada com que me preocupar. Certamente nada que precisasse ser investigado por Wes.

— Wes... — comecei, com um aviso, para que ele soubesse como eu me sentia. — Sério, esse cara é tranquilo. Ele tem trinta anos, é um caubói, mora em um rancho normal, sem aquelas coisas extravagantes que a gente imagina que um milionário teria. A esposa dele, Cyndi, é linda e está grávida do segundo filho, e ele está louco de felicidade. A filha deles, Isabel, tem quatro anos e é uma menininha muito fofa. Eles são normais.

— E por que uma família normal contrataria uma acompanhante? Linda, é estranho. Eu entendi a coisa do nome, mas ainda assim ele poderia ter contratado qualquer pessoa para fingir ser a irmã, se são os interesses da empresa que estão em jogo. Por que você? Por que alguém que tem exatamente o mesmo nome e a mesma data de nascimento?

— Pode ser uma ortografia diferente — eu tentei, mas sabia que tinha falhado quando Wes gemeu de um jeito que significava que ele estava puxando o cabelo. — Não puxe o cabelo! — disparei.

Ele riu.

— Como você...

— Quando você está frustrado, eu sei que você faz isso. Eu amo o seu cabelo e quero continuar a vê-lo pelo resto da vida, ou pelo menos por mais trinta anos, então pare de arrancá-lo! Você vai ficar careca antes do tempo.

Gargalhadas podiam ser ouvidas através da linha. Ele ofegou e riu quando respondeu:

— Tá bom, tá bom. Mas você viu o cabelo do meu pai, e ele está bem servido nesse aspecto, apesar da idade, então acho que você não tem nada com que se preocupar.

Imaginar Wes trinta anos mais velho me deixou quente e mole por dentro.

— Não se preocupe comigo, tá?

— Impossível. Até você estar em casa, dormindo na minha cama e ao meu lado, eu vou me preocupar. Ah, onde foi que você disse que a fazenda fica?

Desta vez eu ri. Esse meu namorado só tinha uma preocupação. Passei o endereço e pude ouvir o estalido de um teclado.

— Não brinca — ele sussurrou.

— O quê? — Me sentei, repentinamente preocupada.

— A fazenda dele fica ao lado da de um amigo meu. Bom, a esposa é minha amiga, e ela mora lá durante metade do ano. Eu fui ao casamento deles nesse rancho.

— Quem?

— Aspen Bright-Reynolds. — Eu já tinha ouvido o nome, mas não me lembrava do rosto. — Bem, tecnicamente ela é Aspen Jensen agora. Casada com Hank Jensen, dono da fazenda literalmente ao lado da do Cunningham. Nossa, eu conheci o Maxwell — ele disse, com uma pontada de surpresa. — Você devia se encontrar com a Aspen, se ela estiver na cidade. Vou ligar pra ela.

O fato de o meu homem mencionar uma mulher com tanta familiaridade fez o

ciúme aflorar.

— De onde você conhece ela?

— Ela trabalha na indústria do cinema. É dona da AIR Bright Enterprises. Você acha que eu sou rico? Pois ela está no topo da lista das mulheres mais ricas do mundo do cinema, e é bem jovem. Talvez esteja com trinta anos agora, e acabou de ter uma filha. Eu sei que eles visitam a casa da fazenda sempre que podem, pois o Hank faz o gênero caubói. Ele precisa de espaços abertos e tudo o mais. Vou entrar em contato com ela. Posso marcar alguma coisa, se você quiser.

— Hum, talvez. Não sei. Você não vai estar aqui pra nos apresentar. Pode ser estranho.

— Bem, de qualquer forma, vou procurar mais informações sobre os Cunningham.

— Baby, sério. A Millie já fez isso...

Ele me cortou:

— Minha namorada, minha preocupação. Isso vai me deixar mais tranquilo. Se você está passando um tempo longe da nossa vida e da nossa casa, eu preciso ter certeza de que vai estar segura. Além disso, essa coisa toda me parece suspeita. Admita pelo menos isso, Mia.

Honestamente, eu perdi quase tudo o que ele falou depois da parte *minha namorada, minha preocupação*. Ter um homem cuidando de mim, se preocupando em investigar para quem eu estava trabalhando, era um novo nível de amor. Um amor que eu certamente nunca tinha experimentado. O simples pensamento me fez querer pegar um avião, ir para sua casa em Malibu e pular em seu pau. Infelizmente eu não faria nada disso, então respondi vagamente:

— Ãhã, acho que sim. Faça o que precisa para conseguir dormir à noite, Wes. Só não se preocupe comigo. Hoje eu vou dormir com as galinhas.

— Dormir com as galinhas? Eles já estão transformando a minha garota em uma caipira?

Nós rimos.

— Te amo.

— Sonhe com o paraíso. — Sua voz era um estrondo gutural do qual eu senti tanta falta naquele momento que segurei o telefone com mais força.

— Você quer dizer sonhar que estou com você? — Esperei até ouvi-lo suspirar. — Te ligo amanhã.

— Te amo. Se cuida.

4



Maxwell dirigiu os quarenta e cinco minutos necessários para chegarmos à sede da Cunningham Óleo e Gás. O edifício era enorme. Parecia mais uma pequena universidade do que uma sede corporativa. Não sei por quê, eu esperava ver um lugar parecido com um rancho empoeirado, algo que um verdadeiro caubói chamaria de local de trabalho. Para onde quer que eu olhasse, havia pilares brancos elegantes e paredes de vidro. Árvores pontilhavam o caminho até a guarita da portaria.

— Uau, quantas pessoas trabalham aqui?

Max estava concentrado manobrando lentamente a caminhonete pelo pátio, até que estacionou perto das portas da frente, em uma vaga claramente sinalizada: "Maxwell Cunningham, diretor-presidente", em uma placa branca com fonte em negrito.

— Aqui? Tem cerca de doze mil funcionários neste campus.

— Campus? — Eu ri. — Combina. Parece mesmo uma faculdade.

— Nós estamos fazendo um bom trabalho aqui. Mas a empresa como um todo tem mais de setenta e cinco mil.

— Pessoas? Puta merda. E você é responsável por todas elas?

Suas sobrancelhas se uniram, e ele tirou o chapéu.

— Não é tão glamoroso quanto parece. Ou melhor, eu não permito que seja. Vamos lá, vou te mostrar. Tem muita coisa pra ver.

Saí do carro. Ele parou com a mão na maçaneta.

— Um cavalheiro sempre abre a porta para uma dama — advertiu.

Sua declaração me fez colocar as mãos nos quadris instintivamente, um lado se projetando com atitude.

— Caro irmão — brinquei, tentando demonstrar carinho —, eu não sou sua mulher. Sou sua irmã.

Ele sorriu, mas algo sereno apareceu em suas feições e desapareceu rapidamente.

— É mesmo, meu anjo. Vamos lá. Tem pessoas interessadas em conhecer a minha primeira e única irmã, desaparecida há muito tempo. — Max curvou o cotovelo, eu entrelacei meu braço no dele e ergui os óculos escuros.

— Seu pai construiu tudo isso do zero? — Fiz uma varredura pelo campus, pelo menos até onde eu podia ver do estacionamento.

— Não, não. O negócio foi iniciado há tempos pelo meu avô, um verdadeiro John Wayne do Velho Oeste. E a empresa cresceu através das gerações. Agora — ele estendeu um braço grande, expressando a vastidão da propriedade —, é digna de orgulho mesmo. Quando eu era criança, não via a hora de sair correndo do rancho para trabalhar aqui. Sempre fui o braço-direito do meu pai, mas, agora que ele se foi, estou tomando as rédeas. — Seus lábios se contraíram, e o humor virou melancolia.

Esfreguei seu ombro e braço.

— Sinto muito pelo seu pai. Se ele era parecido com você, deve ter deixado saudade em um monte de gente.

— Sim, acho que você está certa. Mas por que ele manteria em segredo por todos esses anos o fato de eu ter uma irmã está além da minha compreensão.

— A sua mãe deve ter se casado novamente, não é?

Ele bufou e abriu a porta de vidro.

— A minha mãe nunca se casou com o meu pai, e não foi por falta de tentativa. Ele disse que pediu muitas vezes enquanto eles viveram juntos. Chegou até a exigir, quando eu nasci. Mas ela simplesmente desapareceu. Deixou o meu álbum do bebê, algumas fotos dela com o papai... e foi isso. Nunca mais se ouviu falar dela. Pelo menos era o que o meu pai dizia. — Seus ombros tensionaram, e a pele em torno da mandíbula pareceu apertar. Era evidente que a mãe não era seu assunto favorito.

Ele me conduziu, com uma mão na parte inferior das minhas costas, para dentro do elevador. Subimos os cinco andares até o topo. Apesar de a empresa ter muitos funcionários, o edifício não era alto. Acho que, se eles pretendiam manter o charme da região, não iriam querer arranha-céus bloqueando o sol.

— Oi, Diane, como vai? — Max cumprimentou a mulher com jeito de fada sentada à mesa diante de um conjunto de portas duplas. Seu cabelo branco estava preso para trás em um coque elegante. Óculos rosa-pálido repousavam sobre seu nariz. Ela abriu um grande sorriso e estendeu a mão. Max a segurou, se inclinou, a

beijou e, em seguida, deu um tapinha no dorso. A mulher tinha idade para ser sua avó, mas eu podia dizer, pela inteligência em seu olhar, que era afiada como uma navalha.

— E quem é essa moça bonita? — Ela olhou para o meu corpo, me avaliando, ou pelo menos analisando minha escolha de vestuário. Seu exame evidente não parecia alarmante ou rude; parecia mais que estava curiosa a meu respeito.

— Minha irmã, Mia. — Ele disse isso com tanto orgulho que atingiu meu coração como um abraço apertado, me fazendo desejar ser sua irmã. Qualquer mulher adoraria ter um irmão carinhoso como ele. Era obviamente um homem de família, e aparentemente um líder forte.

Ela se levantou, provando ser ainda menor do que eu suspeitava. Seus braços se abriram, e o sorriso poderia iluminar qualquer dia maçante. Ela me puxou para um abraço.

— Que bom conhecê-la, Mia. Bem-vinda à família, querida. — Ela segurou minhas bochechas. — Não se sinta como uma estranha, ouviu?

— Hum, tudo bem. Vou tentar...

— Obrigado, Diane. Agora, pode soltar — Max a incentivou enquanto puxava minha mão. Ela me soltou e cruzou os braços, sorrindo alegremente, como se estivesse se abraçando. À medida que nos retirávamos, pude ouvir algumas fungadas e um murmúrio:

— Nunca pensei que veria esse dia.

Max abriu a porta de seu escritório — e que escritório. "Enorme" não o descreve suficientemente bem. A sala ficava em um canto do prédio, com vista para o campus. Centenas de hectares de terra e diferentes edifícios apareciam entre as árvores.

— Nós fazemos o máximo para ter uma postura sustentável, mas sempre tem algum ativista querendo proteger o planeta. Eu entendo, mas isso não muda a nossa necessidade de usar os recursos naturais. — Seu tom era suave, sem condenação. Ele estava só constatando um fato.

— Você tem muitos problemas para dirigir um negócio como este? — perguntei, olhando para a paisagem.

Ele se apoiou na mesa e olhou para a vista ao meu lado.

— Temos nossa cota de problemas. É preciso ter transparência, prestar contas... Às vezes enfrentamos questões relacionadas a minerais de zonas de conflito.

— Como assim? — O começo eu entendi, mas a coisa dos minerais, nem tanto.

— Fontes de recursos como ouro, cobre, estanho, tungstênio e tântalo são

muitas vezes essenciais para serem utilizadas na fabricação ou na funcionalidade dos produtos. Temos que lidar com as políticas energéticas e ambientais do nosso governo e do de outros países, no caso das nossas usinas no exterior.

— É uma multinacional?

— Sim. Como eu falei, nós empregamos mais de setenta e cinco mil pessoas. Nem todas nos Estados Unidos. Claro que eu tenho gente comandando cada uma das filiais. Meus primos e alguns executivos que eu contratei. Em todas as filiais tem um Cunningham na cúpula, garantindo a participação da família.

— E os investidores?

— São muitos também, mas eles não são sócios da empresa; só têm interesse nela. Quanto mais nós ganhamos, mais eles ganham. Infelizmente, essa é parte da razão pela qual você está aqui.

Eu me virei e sentei em uma das cadeiras de couro.

— Me explique isso.

Ele suspirou e se sentou na cadeira à minha frente. Uma mesa de vidro com a base feita do que parecia o tronco de uma árvore morta nos separava. A mesa realçava o clima rústico do espaço. Gostei. Combinava com o homem que trabalhava lá.

— Bem, o meu pai deixou quarenta e nove por cento da empresa para a minha irmã.

— Aquela que você não conhece.

Ele desviou o olhar e respondeu:

— É, podemos dizer que sim. Basicamente, ele deixou quase metade da empresa para essa mulher e me deu um ano para encontrá-la. Eu a procurei por meses. — Ele riu. — Isso vai parecer ridículo, e você provavelmente não vai acreditar, mas eu ouvi o seu nome num programa de TV que a minha mulher assiste. Disseram que você estava ligada a um homem que eu conheci há alguns anos. Amigo de uns amigos nossos. Então eu perguntei de você para eles.

— E quem é esse amigo?

— Meu amigo é o Hank Jensen. Ele é nosso vizinho, e a esposa dele...

— É a Aspen, amiga do Weston Channing. Estou chegando perto?

Seu humor mudou novamente, como uma onda quebrando sobre ele. A melancolia que percebi antes o abandonou.

— Sim, exatamente! Eu conheci esse camarada no rancho, no casamento dos dois, há alguns anos. Ele é legal. Homem do cinema. Enfim, eu vi o seu nome no

programa e depois confirmei em um tabloide no supermercado. Então eu, hum... mandei investigar a sua vida.

Ali estava. Honesto. Simples. Não havia nada terrível à espreita, esperando para me atacar. Era só um cara procurando a irmã, que, por coincidência, tinha o mesmo nome que eu.

— Imagine a minha surpresa quando eu descobri que você era uma acompanhante. Devo dizer que isso me chocou um pouco. — As palavras saíram em um resmungo, quase com raiva, e não combinavam em nada com ele. — Aliás, por que você é acompanhante?

Levantei a mão.

— Espere um pouco. Não tente mudar de assunto. Você mandou me investigar. O que encontrou, além do fato de eu ser acompanhante?

— Uma coisa ou outra. Eu soube que o seu pai está no hospital. Sei que você trabalhou em vários lugares como garçonete. Em Las Vegas e na Califórnia, onde também trabalhou como atriz. Vi alguns comerciais seus. Você é muito boa.

Ahhh, ele me viu atuando.

— Obrigada. — Sorri e percebi que estávamos mudando de assunto. — E o que mais?

— Que você agora trabalha para a Exquisite Acompanhantes de Luxo e saiu em algumas revistas de fofocas por namorar o Weston Channing. E então, um mês depois, você estava trabalhando para um pintor francês. Depois disso você apareceu ligada aos Fasano, os donos da rede de restaurantes italianos. Eu queria que tivesse um por aqui. Uma vez eu comi em uma das filiais deles e, nossa, é muito bom.

Mais uma vez, ele me fez rir ao pensar no período que passei com Tony, Hector e o clã Fasano.

— É uma família incrível. Eu gosto muito de todos eles. Só isso?

Ele balançou a cabeça.

— Você saiu de novo no jornal como a namorada do jogador do Red Sox. Não sei por que você ficaria com um cara que joga naquela porcaria de time. Devia ter escolhido alguém do Texas Rangers. Aquilo sim é equipe!

— Sério? Você conhece toda a minha história de vida e está preocupado com o time do meu cliente? — Senti minha temperatura subir com a frustração. As pessoas não deveriam saber tanto assim sobre a minha vida particular. Especialmente um cliente.

— Então ele não era seu namorado? Mas eu vi vocês se beijando no jornal. Aquele camarada, o Weston, também.

Gemi e soltei um suspiro irritado.

— Todos eles são clientes. Menos o Weston. Ele é meu namorado, mas não era naquela época. Faz pouco tempo que estamos juntos. — Endireitei a coluna. — Não importa. O que você precisa de mim?

Ele umedeceu os lábios e esfregou a mandíbula.

— Simples. Eu preciso que você finja ser a minha irmã para impedir os investidores de ficarem com uma participação grande na empresa.

— Mas como isso vai funcionar? Mais cedo ou mais tarde eles vão descobrir a verdade.

— Não, acho que não. Imagine a minha surpresa quando eu descobri que a Mia Saunders que eu vi na TV e na revista do supermercado não só tinha o mesmo nome como a mesma data de nascimento que o meu pai anotou. Por enquanto, a sua carteira de motorista vai servir. Depois, quando chegar a hora de ir atrás dos registros de nascimento e do teste de DNA no tribunal, eu, hum... espero já ter encontrado a verdadeira Mia Saunders. A minha Mia. Eu sempre quis ter uma família grande. O meu pai não teve mais filhos. Foi por isso que eu me casei com a Cyndi quando nós dois éramos jovens e nós logo tivemos um bebê. Eu quero um monte de crianças correndo por esta empresa um dia. Por enquanto, eu preciso proteger os negócios. É por isso que você está aqui.

Ouvi-lo dizer "minha Mia" fez meu coração doer novamente. Eu entendi. O que ele queria era uma família de verdade — com mãe, pai, irmã, irmão, tudo isso. Eu tinha Maddy, e agora tinha uma família de amigos, mas antes éramos somente Maddy, eu e pops, quando ele estava sóbrio o suficiente para tentar ser uma figura paterna. Eu também desejava um ambiente familiar real. Aquela conexão profunda com as pessoas. O que Maddy e eu tínhamos era tudo para mim.

— Vou fazer o que você precisar. É só me instruir.

— Simples assim? Você vai concordar em me ajudar, compartilhar suas informações e fingir que é ela?

A decisão não era tão difícil. Eu já tinha fingido ser namorada, musa, noiva, modelo, namorada-troféu de um coroa e sedutora. Por que não a irmã de um cara bom, que só queria proteger os negócios da família? Estendi a mão.

— Batize a sua próxima filha com o meu nome e eu te ajudo — falei, com a expressão mais séria que consegui.

— Sério? É só isso que você quer? Uma xará? — Seus olhos ficaram suaves mais uma vez, e fui tocada novamente por aquela sensação, como se eu o conhecesse, como se já tivesse visto aquele olhar antes.

Recolhi a mão.

— Você daria mesmo o meu nome para a sua filha, né?

Ele encolheu os ombros.

— Se você vai salvar o negócio da família, acho que é o mínimo que eu posso fazer. Além disso, você é minha irmã. — Ele disse com tanta convicção que eu quase acreditei.

— Eu posso dizer que você é bem sincero. Mas eu estava brincando. Você não me deve nada. Basta dar uma vida boa para a sua família.

— Você não quer mais dinheiro? Me chantagear? Você poderia. E muito. Esta empresa fatura bilhões de dólares por ano. Eu poderia dar um jeito na sua vida pra sempre.

Com uma convicção que sentia até a ponta dos pés, balancei a cabeça.

— Uma boa ação é feita sem motivo, sem precisar de pagamento. Você já pagou a taxa para que eu viesse pra cá. Com esse valor, eu paguei o meu credor. Está tudo certo.

Seus olhos verdes escureceram.

— Credor? O dinheiro que eu mandei era para pagar uma dívida? O meu investigador não encontrou nenhuma dívida no seu nome. Você tinha muito pouco dinheiro na conta-corrente e na poupança, mas eu sei que alguns cheques tinham sido compensados para um fundo de faculdade. Eu achei que você estivesse usando esse dinheiro para pagar as mensalidades. Ele deveria ser seu! — O tom de voz era veemente, e ele apertou as mãos em punhos. Não era exatamente a resposta que eu esperava.

Gemi.

— Olha, Max, a minha dívida não é problema seu. Merda, não é nem problema meu — falei automaticamente, embora não devesse.

— Como assim? Que dívida é essa que você está pagando? — Ele se levantou e colocou as mãos nos quadris. A luz do sol atingiu a fivela do cinto, me cegando por um momento.

— Não é da sua conta. — Fechei os olhos, tentando evitar a luz. Aquele brilho reluziu como se estivesse me perfurando com muito mais que um raio de sol: com a verdade, me atingindo o coração com sua flecha perversa.

— Claro que é. Você é minha irmã.

— Irmã de mentira — eu o lembrei, em tom de aviso. O tipo que geralmente faz as pessoas ouvirem. Mas não ele. Max não se deixou perturbar pelo meu tom.

Com um gesto elegante, ele tirou o chapéu, colocou sobre a mesa e passou os

dedos pelo cabelo rebelde. Quando as mechas caíram em camadas loiras ao redor das orelhas, ele pareceu mais que familiar. Achei-o parecido com minha irmã caçula, Maddy, por um breve segundo. Caramba, eu já estava começando a ver coisas.

— Olha, não vou entrar em detalhes sobre a dívida. Mas, para o seu governo, eu estou cuidando disso.

— Mas e a faculdade? Se você está aqui, obviamente não está estudando.

Apertei os punhos contra os olhos. Isso não era realmente da conta dele. A maioria dos meus clientes não tinha conseguido informações pessoais tão cedo. Apenas Wes, mas era diferente. No fundo eu sabia que ele era algo mais. Só precisei de tempo para confirmar. Agora, eu tinha esse caubói gigante se intrometendo na minha vida. Pela aparência da sua mandíbula apertada e pela posição firme, ele não ia ceder até conseguir algumas respostas.

Respirando fundo, eu me inclinei para a frente.

— Eu larguei os estudos há muito tempo, Max. As mensalidades não são minhas.

Ele coçou o queixo.

— São de quem?

— Da minha irmã, Madison. Eu estou pagando a faculdade dela.

Sua mão caiu na mesa, onde ele se apoiou pesadamente. A madeira rangeu com a pressão.

— Você tem uma irmã? — Ele ofegou.

— Hum, sim, cinco anos mais nova. Ela está na faculdade, em Nevada. Vai ser cientista — falei, com orgulho e carinho absolutos. Minha irmãzinha era meu único motivo para me gabar. Tudo o que eu fazia era por ela, por causa dela. Ela teria tudo que a vida pode oferecer, e eu fiz o meu melhor ao longo dos anos para conseguir isso. Então eu ri, percebendo um detalhe importante e provocando o vaqueiro com ele. — Eu pensei que o seu detetivezinho tivesse mencionado isso. — Balancei o dedo para ele.

Quando nossos olhares se encontraram, notei que os dele pareciam torturados e endurecidos. Ele engoliu em seco algumas vezes, abriu a boca e depois a fechou novamente.

— Outra irmã — sussurrou. — Madison. — Ele disse o nome dela como se fosse uma oração, algo a ser erguido em um altar e adorado. — Duas irmãs. Tudo o que eu sempre quis. Estou ferrado. — Ele balançou a cabeça, fechou os olhos e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

Que. Merda. Estava. Acontecendo?

5



— Max, qual é o problema? — perguntei enquanto ele se levantava, ia até a janela e passava as mãos enormes pelos cabelos loiros.

Ele limpou a garganta.

— Hum, nada. — Fungou, tentando se recompor.

Eu estava perplexa. Ele havia começado a falar sobre negócios no ramo do petróleo, depois entrou na minha vida pessoal e, em um giro de cento e oitenta graus, estava em lágrimas. Não fazia sentido. Quer dizer, eu meio que percebi que ele tinha um fraco por coisas de família, mas nada que eu tivesse dito poderia ter feito um grandalhão como aquele surtar e chorar.

Eu me levantei, fui até a janela e coloquei a mão em seu ombro. Era firme, indicando sua força. Ele definitivamente não passava os dias por aí sem fazer nada. Não. Eu tinha a impressão de que Max era do tipo que colocava a mão na massa, e muito.

— É o seu pai?

Seus olhos mostraram dor quando as sobrancelhas se estreitaram e ele assentiu. A tensão irradiava de seu corpo como uma parede de energia magnética. Antes que eu percebesse, estava sendo puxada para seus braços, com o rosto aconchegado em seu peito. Ele me segurou enquanto seu corpo enorme tremia. Para um cara do seu tamanho, aquilo significava que toda a terra parecia tremer com ele. O que uma garota deveria fazer numa situação como aquela? Aguentar aquilo, ou ser engolida pela força do seu luto? Eu aguentei firme e sussurrei palavras de conforto:

— Está tudo bem, Max. Você vai ficar bem. Ele está em um lugar melhor. — Aquele comentário final fez com que ele me apertasse ainda mais. — Calma. Lembre-se que você tem uma esposa linda, uma filha adorável e uma família que te

ama. — Seus braços tensionaram e depois ele foi afrouxando o aperto a cada respiração.

Max tossiu, deu um passo atrás e se virou. Enxugou o rosto, limpou a garganta e tossiu de novo. Querendo ser atenciosa, caminhei pela sala, dando a ele algum espaço para esfriar a cabeça e se recompor.

Após um instante, ele falou:

— Desculpe, Mia. Eu, hum, não percebi que tinha escondido tudo debaixo da armadura. — Bateu o punho contra o peito. — Eu agradeço se você não comentar sobre isso com ninguém. — Abaixou a cabeça e olhou para longe.

Dei de ombros.

— Ei, todo mundo tem problemas, Max. O seu só é mais recente.

Sua postura e a forma como ergueu o queixo revelaram o poder sob a superfície.

— Venha. Vou te apresentar o restante do campus.

— Você primeiro. — Estendi o braço, mostrando que estava pronta.

Passamos por Diane ao sair do escritório. O sorriso dela era brilhante e grande. Suas mãos estavam entrelaçadas contra o peito. Ela sorriu quando Max ofereceu o braço mais uma vez para que eu o segurasse. Eu ri e me inclinei na direção dele, tanto para seu benefício quanto para o meu. Acho que ele precisava de uma amiga em quem se apoiar.

Por algumas horas, ele me acompanhou de departamento em departamento, me apresentando sempre como sua irmã. Eu podia jurar que, a cada apresentação, o nível de orgulho em sua voz se tornava mais verdadeiro. Todo o cenário confundiu minha mente e me fez sentir estranha, como se eu fosse um barco sem âncora nem remo. Eu não tinha nada além da força dos meus braços para remar na água fria e me levar de volta à margem.

Maxwell me levou ao departamento de engenharia, onde me apresentou a uma mulher esbelta de cabelo castanho comprido, preso numa trança embutida. Ela usava óculos sem aro e tinha uma expressão tensa. No momento em que entramos em sua sala, uma névoa de desconfiança pairou no ar. Eu soube imediatamente que ela representaria um problema para o nosso joguinho de esconder-a-verdadeira-irmã.

— Mia, esta é a minha prima, Sofia Cunningham. Ela coordena o departamento de engenharia e faz parte do conselho de investidores, já que tem interesse pessoal na empresa.

Estendi a mão para ela, que olhou com desdém antes de segurá-la com muita força, me fazendo me encolher e dar um passo para trás, me soltando de suas garras.

— É um prazer conhecer você — menti.

— Aposto que sim. Então esta é a Mia, a irmã desaparecida que ninguém conhecia. — O comentário malicioso atingiu o alvo, que era Max, não eu. Ele gemeu. Quanto a mim, eu podia me segurar, então olhei para ela com a expressão vazia, sem permitir que ela percebesse qualquer indício do que eu sentia. — Onde você estava esse tempo todo?

Imediatamente revirei os olhos. Não pude evitar por mais tempo.

— Hum, Vegas — respondi com franqueza, já que era o lugar onde estive a maior parte da vida. Se alguém pesquisasse, saberia que era verdade.

— É mesmo? — Ela apoiou o peso em uma perna e empurrou os óculos para cima no nariz. — Interessante o meu tio morrer de repente e deixar para você metade daquilo em que temos trabalhado tanto na última década.

Sabendo que com aquele tipo de mulher eu não podia recuar, afastei o cabelo do rosto, enganchei o braço no de Maxwell e a encarei com desprezo.

— Acho que eu tenho sorte, não?

Sofia pigarreou e nos indicou uma mesa. Apontou para uma grande folha de papel com várias coisas escritas, que podiam muito bem estar em outro idioma, já que eu só conseguia ver linhas, fórmulas e marcas.

— Max, esses esquemas precisam ser revisados pelo conselho e pelo jurídico. O financeiro precisa liberar a verba para darmos andamento ao projeto da fábrica na Ásia. Quando você vai estar livre para ver isso?

Max passou um braço sobre o meu ombro.

— Sof, eu acabei de encontrar a minha irmã. Só tivemos um dia juntos. Talvez você possa me dar alguns dias para conhecê-la melhor antes de me pressionar com assuntos de trabalho. Eu avisei que, quando ela estivesse aqui, eu iria me afastar por um tempo.

Ela suspirou e seus lábios fizeram beicinho.

— Você sabe que eu não gosto de adiar coisas de trabalho. Isso é importante, Max. Mais importante que uma estranha — ela meio que rosnou.

O corpo dele ficou rígido.

— Sofia, você sabe o que a família significa pra mim, e eu não vou deixar você falar assim da minha irmã. Ela é da família também, assim como você. Só porque acabamos de descobrir a existência dela, isso não muda esse simples fato.

— Sim... Bem, veremos essa coisa de irmã.

— Você vai analisar as credenciais dela?

As sobrancelhas de Sofia se ergueram até a linha do cabelo.

— Talvez. O que você diria sobre isso?

Ele se inclinou, apoiando o antebraço na mesa, e se aproximou do rosto dela.

— Analise o que quiser, prima. Não há o que encontrar. Mas fique à vontade. Faça a sua pesquisa. Eu sei o que você está fazendo. Eu sei que você vai ter uma participação no ganho dos quarenta e nove por cento, mas o testamento está aí. Fale com o jurídico. Verifique os detalhes. Procure quanto quiser. Você não vai encontrar nada além da verdade. — Ele enrolou os papéis que ela havia mostrado e os colocou debaixo do braço. — Vou dar uma olhada nisto quando puder. Quando não estiver ocupado com a visita da minha irmã.

Com isso, ele se virou, colocou a mão nas minhas costas e me levou para fora da sala.

— A sua prima sempre foi uma vaca? — perguntei, sem malícia no tom. A última coisa que eu precisava era irritá-lo depois daquela conversa.

Ele começou a rir e abraçou meus ombros, me puxando para perto do seu corpo grande mais uma vez enquanto caminhávamos por um dos enormes corredores. Eu odiava admitir, mas gostava da proximidade do que parecia ser a ligação entre um homem e uma mulher sem o aspecto sexual para confundir a simples conexão humana. Com Maxwell, era fácil. Aquilo funcionava em um nível que eu não esperaria se não estivesse ali para experimentar por mim mesma. Max era um cara bom, e, quanto mais tempo eu passava ao seu lado, mais certeza tinha de que realmente gostava de sua companhia. Eu gostava do fato de ele ser simples e direto. Um homem de verdade.

Claro que, com esse pensamento, minha mente vagou para o meu próprio caubói moderno. Achei que ele poderia gostar de Max. Eles tinham muito em comum. Os dois valorizavam a família e apreciavam as coisas simples da vida, mesmo convivendo com o luxo. Ambos trabalhavam duro, e era nítido que amavam muito suas mulheres. A lembrança dos braços de Wes em mim no aeroporto atravessou meu subconsciente como um trem de carga.

Os braços de Wes estavam ao redor da minha cintura. Seus dedos faziam círculos na pele sensível, na parte inferior das minhas costas.

— Eu não quero que você vá — ele disse, como se eu já não soubesse o que ele estava pensando. Desde que tínhamos admitido nossos sentimentos um pelo outro, eu sentia seu humor e analisava seus pensamentos muito mais rápido. Talvez eu tivesse bloqueado esse lado da nossa relação antes, sem querer permitir esse nível de proximidade.

— Vou estar de volta em três semanas, e vamos nos falar todas as noites.

— Promete? — A maneira como ele pediu fez meu coração bater depressa, num ritmo que enfraqueceu meus joelhos. Eu me inclinei, soltando o peso contra seu peito. Ele murmurava aquele som de contentamento, o que me fez ronronar e esfregar o nariz em sua camisa, garantindo que seu cheiro ficasse em mim durante o voo para Dallas. Bastava inspirar profundamente e eu o sentiria.

— Em três semanas vou estar de volta. A menos que você me peça para te encontrar em outro lugar, estou planejando voltar para casa.

Toda vez que eu mencionava sua casa em Malibu como casa*, um sorriso maravilhoso enfeitava seu rosto.*

— Eu adoro quando você se refere à nossa casa. — Ele deslizou as mãos até a minha bunda e a apertou, me pressionando contra sua virilha. Seu membro estava semiereto.

— Eu sei. Dá pra ver que você vai ficar com saudade. — Me esfreguei em seu pau duro. Ele resmungou um palavrão e deslizou as mãos pelo meu cabelo, puxando com firmeza e forçando minha cabeça para trás. Eu estava completamente à sua mercê e amando cada segundo.

— É tão agradável ter você por perto, mana — Max falou, me arrancando da lembrança de dois dias antes. Olhei ao redor para ver se alguém estava olhando. Os corredores estavam tranquilos. Murmúrios soavam através de cada porta pelas quais passávamos. Uma conversa ao telefone, uma voz alta, alguém batendo uma revista enrolada na mão enquanto caminhava. Até o som da digitação de um teclado soou alto, mas não havia ninguém em nosso campo de visão.

Então, por que ele me chamou de mana? Talvez estivesse tentando se acostumar com o termo carinhoso. Embora eu tenha percebido, um pouco tarde demais, que gostava de ouvi-lo falar daquele jeito, mais do que deveria. Se ele continuasse, eu acabaria esquecendo que não era realmente sua irmã, mas alguém desempenhando um papel. Uma atriz de aluguel.

Brinquei, dando um tapinha em seu ombro, ou melhor, no bíceps, já que ele era muito alto. Ele me conduziu pelo edifício enorme em direção ao refeitório. Só que não era um refeitório comum. O lugar tinha quatro restaurantes, uma máquina de salgadinhos e mesas de madeira com cadeiras de assento macio para quem trazia comida de casa.

Max apontou para os restaurantes. Havia um de comida italiana, um americano, um oriental e o último era um tex-mex, especializado em comida mexicana com um

toque texano.

— Onde você gostaria de comer? São todos de graça.

— De graça? — perguntei, chocada, enquanto considerava as opções.

Eu estava no Texas. Seria louca se não escolhesse o tex-mex pelo menos uma vez, então apontei para o restaurante com a grande pimenta e um sombrero no letreiro.

— Sim. Meus funcionários trabalham em turnos de doze a dezoito horas. Além disso, alguns passam a noite no que chamamos de abrigo, para tirar algumas horas de descanso e em seguida voltar ao trabalho.

Eu me encolhi.

— Por que você faz com que eles trabalhem tanto?

Ele me levou até o restaurante, que era exatamente igual a qualquer outro, exceto pelo fato de não ter caixa ou hostess. Sentamos no lugar que escolhemos e o cardápio já estava sobre a mesa.

— Não é de propósito, mas, meu anjo, alguns dos nossos projetos são extremamente urgentes. O tempo de duração pode causar uma diferença significativa no custo do barril de petróleo. Isso representa tempo e dinheiro perdido para nós, o que, inevitavelmente, é repassado para o consumidor, geralmente no posto de gasolina. — Anuí e peguei o cardápio. — O trabalho é duro, não vou mentir. Mas a minha equipe é muito bem remunerada por qualquer inconveniente. Por exemplo, a comida nos restaurantes é de graça. Nós temos uma creche, uma academia e uma sala de jogos para que eles possam descarregar as energias quando a pressão é demais. Além disso, temos um jardim zen para as pessoas fazerem caminhadas e se sentirem em contato com a natureza.

— Uau, você cuida mesmo do seu pessoal.

Ele sorriu e acenou para um dos garçons que passavam.

— Nós tentamos. Eu quero que a minha equipe, independentemente do cargo, trabalhe duro e saiba que é apreciada e valorizada, entende?

Assenti.

— Bem, eu entendo na teoria, mas nunca tive esse tipo de experiência. Pelo menos até agora. A Millie cuida bem de mim.

— Millie?

— Ah, desculpe. A sra. Milan, como ela prefere ser chamada. Na verdade ela é minha tia.

— Do lado do seu pai? — Max perguntou imediatamente.

Girando o saleiro, balancei a cabeça.

— Não. Da minha mãe.

Max apoiou o cotovelo na mesa e o queixo na mão.

— Me fale sobre ela.

Se eu estivesse pensando do jeito normal, sem ser influenciada pelo ambiente legal e pela facilidade com que me vi conversando com ele, teria achado estranho seu interesse. Quem se importava com uma tia qualquer da outra pessoa?

— Hum, acho que, pra começar, eu diria que pareço com ela e com a minha mãe.

— Isso é verdade — ele disse, e eu estreitei os olhos. Como ele poderia saber se aquela afirmação era verdadeira?

Antes que eu pudesse perguntar, fomos interrompidos pela garçonete. Nós tínhamos pedido a mesma coisa: um combinado de tortilla e enchilada de queijo, e Max acrescentou dois tacos. O cara era como uma parede maciça, precisava de muita comida. Provavelmente consumia todo o estoque da despensa em casa.

— Continue. A tia Millie é irmã da sua mãe e gerencia a Exquisite Acompanhantes de Luxo, certo? Foi assim que você entrou no negócio?

— Sim. Eu precisava ganhar muito dinheiro, e rápido.

— Posso perguntar por quê?

Bufei.

— Eu não entendo por que você se importa.

Ele olhou para longe, o rosto rosado.

— Digamos que eu esteja curioso. Eu gosto de você, Mia. Já posso dizer que você é gente boa, e quero que o seu tempo aqui valha alguma coisa. No mínimo, quando voltar para casa, que você tenha outra pessoa com quem contar. Eu gostaria de ser essa pessoa.

Aprendi com esta jornada a não ser tão cética a respeito dessas coisas. Tai, naturalmente, tinha sido do mesmo jeito. Um homem que protegia as mulheres, todas elas, não por alguma ideia ultrapassada, mas porque se importava. Max tinha esse jeito também. Respirei fundo e decidi ser honesta. Colocar tudo para fora, e, se ele pensasse algo diferente a meu respeito, paciência. Eu precisava correr alguns riscos na vida. Riscos reais com pessoas e relacionamentos, se quisesse ter quem se importasse comigo a longo prazo.

— O meu pai se envolveu em alguns problemas. Ele é alcoólatra na maior parte do tempo, e viciado em jogo o tempo todo. Normalmente ele deixava em casa o suficiente para cobrir o aluguel, e só. O resto, alimentação, roupas, coisas de que a gente precisa para viver com conforto, tinha que ser pago de outra maneira.

Os olhos de Maxwell ficaram gelados.

— E como é que essas coisas eram pagas quando você era criança?

Baixei o rosto e olhei para o chá gelado que o garçom colocou na minha frente, com o açúcar e o limão.

— Geralmente eu trabalhava para ganhar o que faltava. Comprava roupas para a Mads e para mim em brechós. Eu tinha muito cuidado com as minhas roupas, porque sabia que a Maddy iria usar um dia. E sabe que ela nunca reclamou? Ela é a melhor de nós duas, a minha menina.

Falar em Maddy fez meu coração doer. Assim que voltássemos para o rancho, eu ligaria para ela. Fazia muito tempo... Eu precisava conversar com minha irmã e contar que tinha me mudado para a casa de Wes. Talvez eu pudesse fazer com que ela e Matt fossem nos ver no Natal. Acho que tudo dependeria de onde eu passaria o feriado. Eu ainda tinha uma grande dívida para pagar.

— Vocês duas devem ser muito unidas. — Sua voz estava rouca, emocionada, daquele jeito que passei a reconhecer nele.

— Sim, unidas demais. Nós praticamente só tínhamos uma à outra depois que a minha mãe foi embora e o pops começou a beber. Ele nunca se recuperou dessa perda.

Max fez uma careta e murmurou alguma coisa que eu podia jurar que era:

— Eu conheço esse sentimento. — Mas desconsiderei imediatamente. Ele não conhecia a nossa mãe, mas também disse que não conhecia a dele, então talvez fosse isso que ele quis dizer.

Houve uma longa pausa enquanto Max rasgava pedaços de seu guardanapo e eu me perdia no passado. Lembrando de alguns dos momentos em que Maddy e eu teríamos adorado o consolo de uma mãe, uma mulher que cuidasse de nós à medida que nos tornávamos mulheres.

O garçom entregou nossa comida, e por alguns instantes nos concentramos nela. Max comeu uma porção gigante de sua enchilada e largou o garfo. Depois de mastigar e engolir, juntou as mãos na frente do rosto, apoiando o queixo sobre elas.

— Você pode me contar sobre a Madison? — Sua voz saiu suave, quase necessitada.

Como eu era praticamente uma mãe coruja, não tive nenhum problema em falar sobre a minha menina.

— Eu a chamo de Maddy, ou Mads. — Ele sorriu e pegou o garfo mais uma vez, como se estivesse se entrincheirando na história e na refeição ao mesmo tempo. — Ela é linda. Cabelo loiro comprido, muito alta e magra. Os olhos são iguais aos meus. Ela está se tornando mais mulher a cada dia.

— Ela não é morena? — ele zombou. Achei estranho, mas não falei nada.

— Não, ela é o oposto de mim. — Olhei para seu rosto chocado e observei cada uma de suas características. — Sabe — eu ri —, ela parece mais com você do que comigo. Você deveria ter escolhido a Maddy para fingir ser sua irmã.

Sua mandíbula se apertou.

— O seu pai é loiro?

— Não, o cabelo dele também é escuro. A Mads puxou a nossa avó, eu acho. Pelo menos foi o que o pops disse.

— Hum. Certo, e o que mais? Você disse que ela está na faculdade?

Sentei-me um pouco mais reta.

— Ela vai ser cientista e doutora! — Não havia nenhuma vergonha em meu comentário. Minha irmãzinha faria algo surpreendente com a própria vida, e eu não poderia estar mais orgulhosa.

— Você parece muito animada com isso.

Inclinando a cabeça para o lado, eu o observei revirar a comida no prato.

— Por que não estaria? Passei a vida estimulando a Mads a fazer coisas incríveis. Eu tive que ser mãe, pai e irmã nos últimos quinze anos. E estou pagando pela educação dela, trabalhando duro de cidade em cidade para garantir os estudos da minha irmã e salvar o nosso pai.

Sua testa se franziu e os olhos se estreitaram.

— Me conte em que tipo de problema o seu pai se meteu. Você disse que ele jogava. Aconteceu alguma coisa?

Dei uma garfada na tortilla, apreciando a crocância da alface e a mistura de carne assada, queijo, salsa verde e feijão. Muito bom. Max esperou pacientemente enquanto eu mastigava.

— Acontece que ele estava devendo uma bolada para um agiota. E não tinha como pagar, pra variar. Deram uma surra nele e o deixaram em coma. Lá no hospital, eles me encurralaram e disseram que, se não recebessem o dinheiro, iam matar o meu pops. Depois iriam atrás da Maddy e de mim. Chamaram de "dívida herdada". — Eu me mexi e afastei o cabelo do rosto. — Infelizmente, eu conheço o cretino que emprestou o dinheiro. Ele é meu ex, e é implacável. Pode facilmente acabar comigo, com o meu pai e a minha irmã se não receber. Então eu estou fazendo o que precisa ser feito para pagá-lo.

— Qual é o valor da dívida?

Uma pessoa normal provavelmente manteria essa informação para si, mas eu estava cansada de guardar segredos. Às vezes você precisa deixar a merda sair ou

engoli-la de uma vez.

— Um milhão de dólares. — Os olhos de Max se arregalaram. — Eu sei. Loucura, né?

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

— E a sua taxa é de cem mil por mês. Então você está pagando em parcelas?

Coloquei um dedo na ponta do nariz.

— Bingo! — Eu ri, mas ele nem chegou a esboçar um sorriso.

— Quanto você deve ainda?

Remexendo a comida, pensei no assunto.

— Incluindo este mês, quatrocentos mil.

Ele bufou.

— Então é por isso que você não tem dinheiro na conta. Qualquer extra que sobra, você manda para a sua irmã, certo?

— Certo mais uma vez. Você está ficando bom neste jogo, Maximus!

Ele riu.

— Maximus?

Examinei sua forma gigante.

— Você é enorme. O apelido combina.

— Mia. — O tom de Max era muito sério. Quando ele colocou a mão sobre a minha na mesa, eu sabia que algo estava acontecendo. — Eu gostaria de pagar a dívida total. Um milhão. Assim você pode ter o seu dinheiro de volta. Você não deveria ter que pagar pelos pecados do seu pai.

Umedecendo os lábios, puxei a mão e olhei diretamente em seus olhos. Eu nunca entenderia por que homens como Max pensavam que podiam resolver todos os problemas do mundo com dinheiro. Só podia ser por causa da caraterística de donzela em perigo, o que fazia todos os homens da minha vida ultimamente se tornarem cavaleiros de armadura brilhante.

— Por que você faria isso? — perguntei de forma irreverente, mas Max não levou numa boa. Todo o seu corpo ficou tenso, e ele apertou a mandíbula com tanta força que fiquei preocupada que ele quebrasse um dente.

— Porque eu posso. — As palavras saíram estranguladas, do mesmo jeito que um alho passa pelo espremedor.

Eu me recostei na cadeira e olhei em seus olhos, garantindo que ele soubesse que eu estava falando sério.

— Isso não vai acontecer.

Ele também se recostou e apoiou um braço no encosto, como se estivesse se

posicionando de maneira bem confortável.

— Seria inteligente da sua parte aprender a aceitar um presente.

Um presente. Ele era insano, completamente doido, igual àquelas pessoas que encantam cascavéis.

— Diga isso ao meu namorado rico. Eu tive uma ideia. Que tal vocês começarem um clube? O clube do "nós temos mais dinheiro que juízo", para dar os seus "presentes" a pessoas que realmente precisem de ajuda. Eu estou muito bem, e vou continuar muito bem depois de pagar essa dívida, mudar de vez para Malibu e ver a minha irmã receber o seu diploma e a porcaria do ph.D. Agora podemos mudar de assunto? Você está me irritando, e eu estava curtindo um bom almoço grátis. Que, por sinal, para comida de graça... — dei outra garfada na tortilla mais crocante que já tinha experimentado — ... é surpreendente!

Max olhou para mim como se tivesse aparecido um terceiro olho na minha testa.

— Como quiser, meu anjo — ele disse, com um sorriso.

Meu anjo. Ele ganha o apelido superlegal de Maximus, e eu ganho *meu anjo*? Deprimente.

6



Passamos a semana seguinte nos conhecendo. Eu me encontrei com diferentes membros da equipe e fiquei muito tempo no escritório. Principalmente, saí com a família de Max como se fizesse parte dela, o que foi estranhamente maravilhoso. Se Maddy e Wes estivessem lá, eu me sentiria em casa. Max me levou a todos os restaurantes gratuitos da empresa. Foi difícil escolher um favorito; eram todos deliciosos.

Hoje, quando terminamos o almoço, Max me mostrou a outra metade do campus. A parte em que não havíamos passado muito tempo. Descobri que era ali que se localizava a maioria das chatices corporativas, como RH, jurídico, relações-públicas e marketing. Se eu tivesse um podômetro, tenho certeza de que teríamos contabilizado dez mil passos ou mais ao longo do dia. No fim, voltamos para sua caminhonete e fomos para o rancho.

Quando saí do veículo, fiquei surpresa ao ver mais um homem enorme carregando uma criança no colo. Havia outra agarrada à cintura de uma loira esbelta. Seu cabelo se parecia com fios de ouro e caía, em um corte reto, nas costas. Ela usava saia lápis, blusa de seda azul-celeste e chinelos. Sapatos à parte, ela estava mais elegante do que a maioria das pessoas que eu conhecia. Talvez tivesse calçado os chinelos na pressa no fim do dia, para substituir o que, provavelmente, eram saltos absurdamente altos.

Quando subimos os degraus da varanda, pudemos ouvir o final do discurso da mulher:

— ... como agradecimento, adoraríamos receber vocês para jantar em breve.

— Ora, ora, olhe só o que o gato trouxe — Max falou em tom de brincadeira, batendo nas coxas enquanto sorria para o casal parado na varanda.

O homem se virou e o sorriso aumentou. Parei e olhei para o espécime muito gato à minha frente. Ele era grande como um viking, cabelo loiro-escuro, queixo esculpido, dentes brancos e retos e a quantidade certa de barba para fazer uma mulher gaguejar. As mangas da camisa polo estavam esticadas ao redor de braços enormes, maiores que as minhas coxas — e olha que elas não eram finas. Seus olhos azul-esverdeados brilharam quando observaram meu corpo, muito mais rapidamente do que a maioria dos homens fazia. Não que eu fosse uma modelo ou algo assim, mas nunca havia faltado interesse masculino, e, verdade seja dita, meus seios eram dignos de atenção.

O pedaço de mau caminho me observou como se estivesse me avaliando, não me secando. Eu quis fazer um beicinho, com direito a tremer os lábios, até que a loira se virou. Então eu entendi. Seus olhos eram de um azul impressionante, que me lembrou as águas havaianas na costa de Oahu. Aqueles olhos estavam em um rosto claro intocado, com lábios vermelhos, carnudos e bem torneados, maçãs do rosto altas e nariz pequeno. Basicamente, uma das mulheres mais lindas e elegantes que eu já tinha visto. Tudo isso em um corpo magro, mas ainda assim feminino, o que explicava por que ele só tinha olhos para ela. A cada poucos instantes, ele olhava para a mulher como se estivesse prestes a lhe dar uma mordida. Havia fome queimando ali. Eu conhecia aquela sensação, pois era do mesmo jeito que Wes olhava para mim, como se nunca tivesse o suficiente. Pelo pequeno sorriso que ela lhe ofereceu em troca, percebi que ela apreciava totalmente a atenção.

No colo do homem havia a menina mais adorável do mundo. Além da pequena Isabel, é claro. Ela e eu tínhamos nos tornado amigas rapidamente. Acordei naquela manhã com sua mãozinha brincando com meu cabelo, deitada ao meu lado na cama.

— Como é que você tem cabelo preto? — ela perguntou. Eu ri, esfreguei os olhos sonolentos e falei que era porque minha mãe tinha cabelo preto. Sua boquinha formou um "o" quando ela ligou os pontos. — E o meu pai tem cabelo amarelo, por isso eu tenho cabelo amarelo! — Eu a puxei para cima e nós duas rimos juntas. Eu disse que ela era muito inteligente e, em seguida, a deixei brincar com todas as minhas coisas enquanto me arrumava para ir à empresa com Max.

— Hank e Aspen Jensen — Max apontou para o gato usando jeans apertado e depois para a perfeição na Terra que era sua mulher. — A filha deles, Hannah. — Fez cócegas na barriga da menina, que gritou deliciosamente. — E esta é a minha irmã, Mia Saunders. — Novamente anunciou com mais orgulho do que a situação merecia.

Trocamos apertos de mãos, e fiquei satisfeita ao perceber que Hank não estrangulou a minha. Eu gostava quando um homem dava um aperto de mão firme, mas com consideração pela outra pessoa.

— Prazer em conhecer vocês. Olha só a coincidência, vocês conhecem o meu namorado, Weston Channing — falei.

Os olhos de Aspen se iluminaram. E com isso quero dizer que o sol saiu, pássaros cantaram e borboletas se agitaram ao nosso redor. Ela era muito bonita. Se não aparentasse ser tão simpática, provavelmente eu me sentaria com Gin e falaria merda sobre o fato de ela ser tão perfeita e como era injusto que vadias como ela deixassem todos os homens de joelhos.

— Eu amo o Weston! — Ela colocou as duas mãos no peito.

Seu marido resmungou ao lado dela, um rosnado do tipo: "Mim Tarzan, você Jane".

— Que história é essa de amar outro homem, amor? — Seu tom era muito sério, embora ela tivesse levantado a mão, fazendo um gesto irreverente para descartá-lo.

— Eu não sabia que ele estava namorando. Ele é muito gentil e definitivamente um gato.

Com aquele comentário, a mão de Hank se curvou na cintura de Aspen, e ele a puxou de encontro ao peito.

— Agora você está insinuando que está atraída por outro homem, querida?

Ela revirou os olhos e deu um tapinha na mão dele, sobre a barriga dela.

— Nunca tive um encontro, um beijo ou qualquer coisa além de um jantar de negócios e aquela única dança com ele... no nosso *casamento*. Então relaxa, garotão. — Ela enfatizou a palavra "casamento". Ele deslizou a mão até suas costelas, perigosamente perto do seio, e ela ofegou quando ele beijou repetidas vezes seu pescoço nu, sem se preocupar com a ostensiva exibição pública de afeto, ou melhor, de propriedade. Aspen revirou os olhos e sorriu. — Homem das cavernas — disse, ofegante. Então o empurrou com o bumbum, afastando-o. — Vá ficar com o Max e as crianças enquanto as garotas fofocam.

A mandíbula dele apertou antes de assentir, mas, quando ela começou a se virar, ele curvou a mão atrás do pescoço dela, puxou a mulher para perto e a beijou. Ela grunhiu e depois gemeu, derretendo, completamente dominada pelo marido. Isso me fez sentir uma falta tremenda de Wes. Tanto que chegava a doer. Era como se a cada dia a distância aumentasse. Eu não sabia se era pelo fato de o nosso envolvimento ser recente ou pela necessidade de estar ligada a alguém que me

conhecia intimamente, sabia quem eu era e me amava de qualquer maneira, mas aquilo fazia parecer que estávamos em lados opostos do mundo, quando, na verdade, eram apenas alguns estados e uma curta viagem de avião.

Cyndi nos levou para a varanda de trás da casa, onde havia um ventilador ligado, um conjunto de cadeiras macias de vime com assento estofado e um jarro de vidro cheio de um líquido cor-de-rosa.

— Pink lemonade com vodca. — Ela sorriu. Coloquei um braço em volta de seus ombros e a puxei para perto.

— Uma mulher que sabe como me agradar. — Dei uma risadinha.

Sua resposta foi estranha. Em vez de rir, ela murmurou:

— Espero que sim. — E depois se afastou, se ocupando em servir a bebida frutada nos copos. Havia outra jarra marcada com uma carinha triste. Apontei para ela e franzi a testa, olhando para o símbolo desenhado com caneta marcadora.

— Essa é para mim. — Esfregou a barriga arredondada. — Nada de álcool por mais dois meses. — Ela fez um beicinho. Puta merda. A mulher ainda tinha dois meses de gestação pela frente e estava enorme. Bem, não que eu soubesse muito sobre essas coisas para avaliar como uma mulher grávida deveria parecer no sétimo mês.

Dei um tapinha em suas costas antes de me sentar.

— Que droga.

Ela encolheu os ombros.

— Vai valer a pena quando ele estiver aqui.

Recusando-me a ser aquela que nega bebida grátis, tomei um gole e deixei o líquido refrescante com sabor de vodca e limão descer pela garganta. Não só era delicioso como trazia uma sensação de calma para o humor estranho do dia, conferindo uma vibração mais relaxada e leve ao ambiente.

Nós três conversamos sobre trivialidades primeiro — o tempo e as últimas tendências da moda, das quais eu não entendia absolutamente nada. Aspen admitiu que seu assistente pessoal escolhia tudo o que ela usava e que ficaria em pânico se a visse de chinelos. Aparentemente, ele os desprezava com tanta intensidade que justificava que ela tocasse no assunto. Seu nome me escapou enquanto a bebida continuava a aquecer meu estômago e soltar minha língua.

— A minha irmã, London, também está grávida. Gêmeos! — Aspen contou com alegria, demonstrando quanto estava animada por se tornar tia.

Quando ouvi a palavra "irmã", pulei para pegar o celular dentro da bolsa.

Os olhos de Cyndi se estreitaram em preocupação.

— O que houve? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Nada. É que ouvir a Aspen falar da irmã me fez lembrar que eu preciso ligar para a Maddy. Já devia ter feito isso dias atrás.

— Quem é Maddy? — ela perguntou, com a mão na barriga. Desde que se sentou, sua mão esfregava constantemente diferentes pontos. Eu estava louca para perguntar por que ela fazia aquilo e nervosa por talvez fazê-la se sentir desconfortável, caso perguntasse. Grávidas são uma raça estranha. Percebi que seria uma delas um dia, isso se Wes quisesse. Aquela era mais uma coisa que meu novo namorado e eu precisávamos discutir no futuro. Seria bom conversarmos sobre essas coisas sérias. Nunca tive esse tipo de conversa com meus outros namorados, e pensei no tempo que perdi com eles. Eu era uma idiota. Agora eu estava em um novo caminho, e ele seria repleto de entardecer, surfe e aconchego nas colinas de Malibu com o meu bonitão.

Rindo daquele jeito que apenas dois copos cheios de limonada com vodca conseguem fazer, respondi:

— Minha irmã, bobinha.

O rosto de Cindy empalideceu e sua mão se aproximou da boca. No mesmo instante, seus olhos se encheram de lágrimas. *Merda. O que foi que eu disse?*

— Você tem uma irmã? — Sua voz falhou quando eu assenti. — O Max não me contou. — Ela se engasgou com um meio soluço. O que havia com aquelas pessoas? Era como se mencionar a palavra "irmã" fosse um gatilho para deixá-los à beira de um colapso emocional.

Deixei o telefone tocar, mas respondi enquanto esperava.

— Faz sentido. Ele só ficou sabendo na semana passada.

Ela se levantou tão rapidamente que perdeu o equilíbrio. Aspen segurou seu braço e colocou a mão sobre sua barriga.

— Você está bem?

— Preciso falar com o Max. Meu Deus, é por isso que ele anda tão estranho.

Olhei ao redor, sem entender o que estava acontecendo.

— Se você diz... — falei, sem saber por que o ar tinha se tornado tão tenso. Tudo estava correndo bem, até onde eu sabia.

— Alô? — Maddy atendeu. — Mia?

Ahh, lá estava a minha luz.

— Oi, minha menina — respondi e me virei para olhar a paisagem. As colinas se formavam em trechos verdes salpicados de flores de laranjeira aqui e ali. Ao longe,

dava para ver a parte de trás de um celeiro vermelho. À minha direita havia o esboço de outro celeiro, agora num tom amarelo-claro que combinava com a casa. Um grande "C" estava escrito na parte da frente, acima das portas. Alguns cavalos andavam por ali, perto da construção, a uma distância de pelo menos dois campos de futebol de onde estávamos. Havia mais animais do que eu podia distinguir ao longe. Fiz uma nota mental para ir conhecer o celeiro e todos os animais da fazenda. Eu nunca tinha estado em uma fazenda antes. Talvez Max pudesse me ensinar a montar direito um cavalo.

— Onde você está, Mia? — Maddy perguntou.

— Em Dallas, no Texas, numa fazenda completa. — Fazenda completa. Fazenda cheia. Fazenda cheia de fazenda. Bufei enquanto tentava, e não conseguia, repensar de forma coerente o que eu queria dizer. O álcool distorce um pouco as coisas.

— Ah, não acredito! Que legal. Tem animais?

Assenti, embora ela não pudesse ver.

— Tem, sim. Tem cavalos. Vou ver se o Max pode me levar para um passeio.

— Cara, você tem muita sorte. O Matt e eu acabamos de ter um dia intenso nos matriculando nos cursos de outono. — Sua voz mudou. Havia uma pitada de tristeza tão sutil que quase se escondeu sob a felicidade que ela sempre exalava.

Virando-me, percebi que não estava sozinha. Cyndi e Aspen me observavam. Principalmente Cindy, que parecia se agarrar a cada palavra que eu dizia. Aspen, por outro lado, olhava para mim, sorria e bebia mais limonada. Hank teria trabalho à noite com uma loira embriagada se ela continuasse naquele ritmo.

Se Maddy tinha ido se matricular nos cursos de outono, significava que estava de bobeira, sem muita coisa para fazer. Antigamente, quando ela estava no período entre semestres, nós passávamos algum tempo juntas. Agora, trabalhando, eu não podia mais me dar a esse luxo.

— Desculpe por não poder ir para Vegas passar as férias com você. — Voltei a me jogar na cadeira e coloquei a mão na testa, esfregando o toque de estresse que lentamente se formou ao pensar quanto eu sentia falta da minha menina.

Maddy fungou, e eu soube que ela estava quase chorando.

— Não tem problema. Eu tenho o Matt agora... eu acho.

— Você acha? O que houve? — perguntei, ficando sóbria instantaneamente. A mãe que havia dentro de mim saiu rápido para a superfície.

— Nada. Nós estamos bem. De verdade. Mia, ele começou a falar sobre adiantar o casamento.

Medo, dor de cabeça e uma dose diabólica de raiva me atingiram como uma bola de demolição. Eu me senti como o Coiote perseguindo o maldito Papa-Léguas sem nunca alcançá-lo, e sempre se machucando de alguma forma violenta.

— Maddy, você não pode se casar assim tão rápido... — Engoli o caroço gigante na garganta, tentando deixar a voz da razão assumir, e não a da irmã autoritária.

Novamente ela fungou, mas desta vez pude ouvir um pequeno som de choro. Passei anos secando suas lágrimas e confortando-a o suficiente para saber quando ela tinha algum problema difícil de enfrentar sozinha. Amaldiçoei mais uma vez o cretino do nosso pai. Se não fosse por ele, eu estaria lá agora, ajudando-a a lidar com a mudança de vida repentina que a estava preocupando.

— Sei lá, Mia. Eu quero ficar com ele, mas está indo tudo muito rápido. — Balancei a cabeça com suas palavras. — Nós somos jovens demais e estamos morando juntos há pouco tempo.

Tentando assumir a posição de irmã, e não a de mãe coruja, fiz a pergunta de um milhão de dólares:

— Você está feliz?

— Ah, Mia, eu estou *muito* feliz. É tudo perfeito. Morar com ele nos últimos dois meses tem sido um sonho. A gente se encaixa, sabe?

— Eu sei. — Eu me sentia assim quando estava com Wes, mas achava que agora não era o momento de mencionar minha mudança de vida. Não quando ela estava com dificuldades com algo muito mais complicado.

Cyndi deslizou para perto de mim, os olhos preocupados. Colocou a mão em meu joelho, e eu a cobri com a minha, necessitando de solidariedade feminina enquanto lidava com aquilo.

Maddy aguardava, certamente esperando que eu pudesse convencê-la a esperar. Aproveitar o tempo para ser jovem e apaixonada e não se apressar em mudar de vida tão radicalmente. Ela suspirou.

— Eu sinto que ele quer apressar as coisas. Mas... mesmo sabendo que eu quero me casar com ele, que ele é tudo pra mim, eu prefiro ir mais devagar, sabe?

Assenti rapidamente e ajeitei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Você disse isso pra ele?

O choro soou através da linha, e eu ouvi um baque. Como se ela tivesse caído para trás sobre uma superfície macia como a cama, segurando o telefone no ouvido, da mesma forma que fazia quando era adolescente e morava em casa com o pops e comigo.

— Sim, mas ele fica todo triste, pensando que eu não o amo de verdade. Ele

queria ir até a Strip, casar em uma daquelas capelas vinte e quatro horas. Disse que a gente podia guardar segredo sobre o assunto e fazer uma festa de casamento depois da formatura, como planejamos.

Não, não, não, não. Pressionei os dedos na têmpora com tanta força que poderia deixar marcas. Com esforço extremo, eu me levantei e respirei fundo várias vezes antes de responder:

— E o que você disse?

Houve uma longa pausa.

— Eu respondi que nunca poderia me casar sem você lá. Que isso te magoaria demais, e eu prefiro caminhar em cima de brasas do que te machucar. Eu te amo, Mia. Eu nunca poderia fazer isso.

Suspirei e segurei o cabelo com tanta força perto da raiz que a dor clareou as coisas.

— Eu também te amo, mana, mas você não pode tomar as suas decisões com base na minha reação. Se é isso que você quer fazer, mesmo que eu fique triste por não participar, eu te apoiaria.

O soluço que veio através da linha me deixou em uma confusão de emoções. Eu queria estar lá para apoiá-la, abraçá-la e ajudá-la naquele momento da sua vida.

— Não, não é o que eu quero. Eu quero você lá. Ponto-final. Se o Matt não entende isso, bem, que se foda.

— *Que se foda?* — Eu ri e repeti: — Que se foda? Maddy, eu não acredito que você acabou de dizer isso! — Minha irmã certinha e contida tinha um lado boca-suja. Um lado que ela nunca havia usado na minha frente.

Ela riu.

— Ah, escapou.

— Bom, foi engraçado. Querida, não se preocupe. Você e o Matt vão resolver isso. Em um relacionamento, um relacionamento de verdade, do tipo pra sempre, existem momentos bons e ruins. Este é um daqueles momentos em que vocês vão ter que concordar em discordar. Explique para ele como se sente. Diga que quer esperar, passar mais tempo envolvida e focada nas aulas. O resto vem depois. Se ele te ama, querida, e eu sei que ama, ele vai entender. Mais cedo ou mais tarde. Não deixe que ele te pressione, tá?

Outro suspiro, e então ouvi um barulho ao fundo. Maddy ofegou e o telefone crepitou com a estática.

— Desculpa, amor. Me perdoa. Eu nunca devia ter tentado forçar você a se casar agora. É só que... eu te amo tanto. Me perdoa, por favor. Não me deixe —

ouvi o apelo de Matt abafado através da linha.

Em seguida, Maddy sussurrou:

— Eu tenho que desligar, Mia. — Sua voz estava embargada novamente.

— Vá pegar o seu homem, minha menina. Eu te amo. — Limpei uma lágrima que escorreu pelo meu rosto.

— Eu te amo mais — ela disse e desligou.

Baixei o telefone, cruzei os braços e deixei as lágrimas caírem. Antes que eu percebesse, dois braços grandes estavam ao meu redor, me abraçando com força.

— Sinto tanta falta dela — falei contra aquele peito, duro como pedra, em que eu me encontrava inclinada pela segunda vez naquele dia.

Max me abraçou apertado, enquanto outra mão acariciava minhas costas. Menor, mais feminina. Cyndi, imaginei.

— Vamos trazer a sua menina para o Texas — Max disse contra meu cabelo. E beijou minha testa do jeito que imaginei que um irmão faria com sua irmã verdadeira. Mas eu não era sua irmã, e esse pensamento fez as lágrimas caírem com ainda mais força.

Absorvendo seu perfume, que cheirava a couro e a homem, pressionei as mãos em seu peito. Ele era mesmo duro como aço.

— Eu não posso fazer isso. Você precisa que eu esteja focada nos negócios. Além disso, vocês já estão sendo legais demais.

Ele balançou a cabeça, e a esposa repetiu o gesto.

— Não. Nós adoraríamos recebê-la, se ela puder vir.

Tecnicamente ela estava em férias da faculdade, meu subconsciente avisou. Então, lembrei de Matt.

— De qualquer maneira, ela não viria. Ela e o noivo moram juntos, é um relacionamento muito recente, e eu duvido que ele concorde que ela venha para o Texas ficar na casa de um estranho.

Max franziu a testa, e sua esposa olhou ao redor, como se tentasse encontrar outra coisa para se concentrar.

— Eu não sou um estranho para você. Além disso, podemos trazer os dois. Tem muito espaço. Quanto mais gente, melhor — disse Max.

Eu me afastei de seus braços, precisando de espaço. Sua natureza reconfortante nublava meu julgamento.

— O quê? Não. Você não pode fazer isso. Vocês nem conhecem os dois. Além disso, por que você iria querer a minha irmã e o noivo dela aqui? Não faz sentido.

— Te faria feliz? Você disse que está com saudade dela.

Assenti, esperando que um momento de clareza surgisse, mas nada aconteceu. Só mais névoa e confusão.

— Bom, sim, mas isso aqui não tem a ver comigo. Tem a ver com te ajudar a salvar os seus bens.

Foi quando o Max doce, prático e gentil mudou. Seus olhos se estreitaram, os lábios se tornaram uma linha fina, e ele apertou tanto a mandíbula que provavelmente poderia cortar vidro com ela.

— Meus bens não significam nada sem o amor da minha família. Vamos trazer a sua irmã e o namorado pra cá. Fim da história. Cyndi, amor, você pode organizar isso? — Seu pedido não admitia discussão.

— Claro, amor. A Mia e eu vamos providenciar tudo amanhã. Agora calma. Fume um charuto e tome um uísque com o Hank. Eu vou falar com ela — a mulher respondeu, como se eu não estivesse na varanda. Na varanda não, caramba. Como se eu não estivesse na porcaria do mesmo continente.

Todo o estresse do dia, passar um bom tempo com Max, beber pink lemonade com vodca, falar com Mads a respeito das decisões que ela precisava tomar na vida, e agora Max fazendo valer sua vontade, estavam cobrando seu preço. Eu estava exausta. E-X-A-U-S-T-A. Precisava de uma cama e cerca de dez horas de sono. Sem dizer uma palavra, me virei bruscamente em direção ao quarto.

Cyndi me chamou, me pegando nas escadas:

— Mia?

— Amanhã. Agora eu preciso de um tempo e quero dormir. Você pode me dar isso? Ou o seu marido tem que te dar a ordem para me deixar em paz? — retruquei.

Ela ofegou, e uma expressão de dor maculou suas feições. Umedecendo os lábios, ela assentiu, se virou e saiu da sala.

Com o coração pesado, subi as escadas. Pediria desculpas a ela no dia seguinte. Ela não merecia a minha raiva. O problema era que nada fazia sentido desde que eu havia chegado a Dallas. A necessidade constante de Max de me chamar de irmã e os colapsos emocionais, não só dele, mas também de Maddy, estavam me sugando. Agora meu cliente, o homem que havia me contratado para trabalhar, queria trazer minha irmã e seu noivo para ficarem conosco no Texas. Quem diabos fazia aquilo?

Se eu pensasse a respeito, realmente pensasse, a maioria dos homens por quem eu tinha sido contratada teria feito a mesma coisa se tivesse me visto chorar de saudade. Eu não devia ter feito isso, ter aquela conversa com Maddy na frente de uma plateia. Só que, enquanto eu estava falando com ela e a vi tão estressada, a

realidade foi arrancada de mim, e a única coisa que me importava era ter certeza de que ela estava bem.

A felicidade de Maddy sempre foi a coisa mais importante para mim. Agora, parecia que eu tinha todas essas pessoas ao meu redor, se preocupando de verdade com o que eu pensava ou precisava. Estava começando a me acostumar com Weston me dando aquele tipo de atenção, que dirá um monte de gente que agora eu considerava meus amigos.

Amigos.

Era isso. Era assim que amigos reagiam? Quer dizer, se eu pegasse Ginelle como exemplo, aquela louca moveria céus e terra para garantir que eu estivesse segura e feliz. Tudo o que ela pudesse fazer por mim, faria. Essa situação não era a mesma coisa? Max e Cyndi não estavam tentando ser amigáveis? Acho que sim. Merda, eu não sabia. Havia um período necessário para fazer amizade com alguém, antes de essa pessoa poder oferecer passagens caras de avião e estadias de uma semana, extensivas aos membros da sua família? Um mês? Um ano? Uma década?

Esfregando os olhos, deitei de bruços na cama e me aconcheguei ali. Por que eles se preocupavam tanto com alguém que não era parte da família? Sobrecarregada e emocionalmente esgotada, decidi que não havia nada que eu pudesse fazer a respeito naquela noite. O sono era prioridade. No dia seguinte eu lidaria com os excessivamente generosos Cunningham e pediria desculpas a Cyndi por ter sido rude. Tudo seria mais claro à luz do dia.

7

Aparentemente, os Cunningham não tinham preocupação alguma com a privacidade alheia. No momento em que acordei e chequei meu telefone, havia mensagens de Weston e de Maddy. Conferi as duas enquanto esfregava os olhos. A de Maddy provava o meu ponto perfeitamente.

> Ai, meu Deus! O Matt e eu estamos tão animados para ir pro Texas. Uhu! Chegamos aí na sexta-feira. A sua amiga Cyndi foi muito gentil. Muito legal mesmo. Reservou um avião particular pra gente!
>
> Recebeu minha mensagem?
>
> Avião particular!! Uau! Demais!

Jesus! Parecia que Cyndi, a pequena miss da fazenda, trabalhava rápido. De alguma maneira ela conseguiu pegar o número de Maddy no meu celular sem que eu percebesse. Olhei ao redor do quarto. Minha roupa da noite anterior estava dobrada e pendurada. Uma conferida rápida em minhas roupas me mostrou que eu estava usando uma camiseta masculina. Uma camiseta muito grande. Enorme, na verdade. Soltei um longo suspiro. Ela tinha me trocado. Ah, cara. Agora eu me sentia uma cretina. A doce grávida entrou no meu quarto, tirou minhas roupas, sapatos e tudo o mais e cuidou de mim. Até me deu uma camiseta do marido. Merda. Eu esperava que Max não tivesse ajudado. Isso seria duplamente constrangedor. Por outro lado, ela roubou meu telefone e invadiu minha

privacidade para cumprir as ordens do marido, o que a colocava firmemente na categoria "nem tudo são rosas".

Fui para a mensagem de Wes.

> Oi, linda. Senti falta da sua voz ontem à noite. Me dê notícias.

Sem demora, toquei no nome dele no aparelho e liguei, precisando da conexão que eu só tinha com aquele homem que já havia aprendido a amar com todo o meu ser. Sentada na cama de pernas cruzadas, esperei, um pouco impaciente.

Quando pensei que teria de deixar uma mensagem, seu tom de voz sussurrado veio através da linha.

— Mia — ele disse, no lugar do "alô" —, você está bem?

Suspirei, pensando que estava longe de estar bem, mas não em perigo real. Apenas meio que perdendo a cabeça.

— Sim. Desculpe não ter ligado ontem à noite. Acho que caí no sono antes mesmo de encostar no travesseiro. Foi um dia muito longo. Incrivelmente longo.

— Ah, é? Me conte tudo. Tenho algum tempo e estou com saudade.

Ouvi-lo dizer que sentiu saudade de mim fez meu peito apertar e meu sexo pulsar. Aquele homem me deixava louca. Mais algumas semanas e eu estaria fazendo alguma coisa concreta a respeito. Naquele momento, porém, sem poder tê-lo por perto para desfazer a tensão que eu carregava, relatei o meu dia, contando até mesmo sobre o surto de Max na empresa e o jeito estranho como Cyndi agiu comigo, como se estivesse pisando em ovos. Também contei sobre a prima de Max, Sofia Cunningham, insatisfeita com meu aparecimento súbito na família, bem quando estava prestes a abocanhar uma parte dos quarenta e nove por cento da Cunningham Óleo e Gás. Então expliquei a situação com Maddy e o que rolou na noite anterior, incluindo a maneira como Cyndi cuidou de mim, depois invadiu minha privacidade e falou com Maddy sem me consultar.

Por um longo tempo, Wes não disse nada.

— Lindo, você está aí?

— Ah, sim, estou aqui. Só não estou muito feliz com tudo o que você disse. Eu sabia que tinha algo estranho quando você me contou sobre o trabalho deste mês, e o meu investigador não encontrou nada além de coisas boas sobre o cara. Ele é um homem de família, ótimo nos negócios e herdeiro da Cunningham Óleo e Gás. Aparentemente, os Cunningham estão mantendo em segredo o assunto da irmã e do

percentual das ações, porque a pessoa que eu contratei disse que não conseguiu encontrar nada a respeito.

— Sério? Hum, acho que faz sentido manter segredo até que eles descubram tudo. — Ajeitei uma mecha de cabelo atrás da orelha e mordisquei o lábio. — Wes, é difícil estar aqui. Quanto mais tempo passo com essa família, mais eu queria que fosse real — sussurrei, com medo de que, se eu dissesse em voz alta, a verdade pudesse me engolir.

Wes exalou alto.

— Linda, eu sei que você deseja essa conexão. Só não se apegue demais. Além disso, você tem a mim e à Maddy. Nós somos a sua família. Você sempre vai ter um lar comigo e com a minha família, baby. E no futuro nós vamos legalizar isso. — Seu tom era prático, mas as palavras atingiram meu coração, enviando um choque pelo meu sistema e desgastando os nervos sem distinção. Agora eu era uma bola de energia nervosa esperando o próximo pulso magnético.

Puta merda. Ele acabou de insinuar o que acho que insinuou?

— Wes... — falei em tom de alerta, sem querer abordar aquilo, mas sabendo que, se não o fizesse, ficaria louca.

— Eu sei, eu sei. Você não está pronta para o assunto casamento. — Ele riu e aliviou a intensidade da conversa. — Eu só quero que você saiba, linda, que estou comprometido com você pra sempre. O seu lar é aqui comigo, e nós somos uma família agora. Certo?

Família. A mera sugestão daquilo arrepiou minha pele, me trazendo uma agradável sensação de formigamento.

— Sim, baby. Certo. Como estão indo as filmagens? — perguntei, não querendo falar apenas sobre mim e meus problemas.

— Tudo bem. Embora eu esteja trabalhando em algumas cenas românticas nas quais poderia aproveitar a ajuda do mundo real. — Sua voz assumiu um timbre grave que me deixou tonta de tesão e precisando do seu toque. — Você conhece alguma morena sensual, com pernas longas, seios tão grandes que me fazem salivar só de pensar neles e um traseiro sobre o qual eu poderia escrever uma cena de dez páginas?

Eu ri e girei uma mecha de cabelo no dedo.

— Hum... eu posso pensar em alguém — falei, usando o tom sensual e rouco que eu sabia que o deixava maluco.

Ele gemeu.

— Caramba, linda. Eu já estou duro.

— Hum, tire o pau pra fora. — Ouvi o som do zíper se abrindo e um farfalhar de roupas.

— Pronto — ele respondeu. O tom necessitado fez minha autoconfiança aumentar.

Recostando-me na cabeceira, segurei o telefone perto do ouvido para poder capturar cada respiração.

— Segure a base e finja que é a minha mão. Aperte fazendo pressão, mas vá com calma, não muito. — Ele gemeu. — Agora, lamba o polegar e faça um círculo ao redor da ponta. Pense que é a minha boca sugando a cabeça do seu pau duro. Deslizando a língua pelo pedacinho de pele que te deixa louco.

— Porra, isso está me deixando louco mesmo. Eu preciso de você aqui, linda — ele gemeu mais uma vez.

— Estou lambendo o seu pau pra cima e pra baixo, suave e rápido. Desci a mão pra segurar e acariciar as bolas, e depois vou te engolir até a garganta, em uma chupada rápida. Está tão fundo. Nem consigo respirar, ofegando até você ficar com pena de mim e se afastar um pouco, me dando mais espaço. O seu gosto é tão bom, de mar e de homem. *Meu* homem. Ah, baby, estou molhadinha pra você. — Engoli em seco, e a respiração de Wes ficou entrecortada enquanto eu definia o cenário.

Jogando a precaução para o espaço, serpenteei a mão entre as pernas, debaixo da renda da calcinha.

— Estou encharcada pra você, Wes.

— Está tocando essa boceta linda? — ele rosnou.

— Humm, sim, pensando em você tocando esse pau duro, imaginando que sou eu que estou ao redor dele, baby. — Gemi e acariciei meu clitóris em círculos rápidos. Não demorou muito para eu começar a arquear as costas, estendendo a mão para um corpo que estava a mais de dois mil e trezentos quilômetros de distância. — Está chegando lá? — perguntei quando ele gemeu.

— Ah, sim. Você está fodendo essa boceta doce com os dedos, com carinho e força, como eu faria? — A imagem surgiu em minha mente, e pensar naqueles dedos largos dentro de mim fez meu sexo ficar ainda mais molhado.

— Sim — falei com a voz áspera e prendi a respiração, enfiando dois dedos no calor molhado. Deixei a palma da mão estimular o clitóris, enviando tremores de prazer pelo meu centro, peito e em todos os membros. — Eu vou gozar...

— Eu também. Estou batendo o meu pau com força, pensando que vou te comer na porta da frente no segundo em que você chegar aqui, em duas semanas.

Vou rasgar a sua calcinha e meter em você, enfiar o meu pau tão fundo que você nunca mais vai querer me deixar.

— Wes, Wes, Wes... — eu gemia, levantando os quadris, me tocando enquanto o imaginava me penetrando contra a superfície de madeira. Meu namorado amava transar contra paredes e portas. Apertei o feixe de nervos com força e ele literalmente pulsou no ritmo da sua respiração ofegante através da linha. Então o orgasmo me tomou. Meu corpo inteiro se contraiu, o tecido sensível entre as coxas apertando os dois dedos ainda encaixados dentro dele. — Ah, isso! Eu te amo — sussurrei no telefone, ao mesmo tempo em que sua voz soltou um fluxo de palavrões.

— Porra, baby. Tão bom. Porra de mulher sexy. Caralho. Minha. Toda minha — ele rugiu e eu toquei meu clitóris lentamente, deixando os pequenos choques de prazer me tomarem enquanto eu ouvia meu homem enlouquecer com o pensamento de transar comigo. Logo sua respiração desacelerou. — Linda... eu amo a sua voz. É como sexo líquido por telefone.

Eu ri e segurei o celular com força contra o ouvido.

— Gostei de ouvir você gozar pra mim. Obrigada por retribuir.

Ele gemeu.

— Humm, o prazer foi todo meu, Mia. Vou estar ocupado hoje à noite, mas me ligue mesmo assim. Deixe uma mensagem antes de dormir, assim eu vou saber que você está bem. E lembre que eu te amo.

Abri um enorme sorriso. Aquele momento íntimo com Wes, ainda que por telefone, me deu energia renovada para descobrir como lidaria com os bem-intencionados Cunningham.

— Eu também te amo. Tenha um bom dia no trabalho.

— Você também, linda. Ligue se precisar de mim.

Eu queria dizer que sempre precisava dele, mas aquilo era muito piegas, até mesmo para mim. Em vez disso, esperei que ele desligasse, me agarrando ao celular como se fosse minha salvação.

Naquela noite, um sonho que tive algumas vezes ao longo dos anos voltou. Eu tinha uns quatro anos e estava brincando em uma área especial de um parque, ligada a um dos cassinos de Las Vegas. Um menino de cachos loiros me levava pela mão.

— O meu pai disse que eu tenho que ficar de olho em você, porque ele precisa conversar sério com a sua mãe. — O menino era mais velho que eu. Talvez tivesse o dobro da minha idade. Ele tinha o cabelo engraçado e dentes grandes, com um espaço entre os dois da frente. — Quantos anos você tem?

— Quatro e meio — respondi, como se fosse muito mais velha do que parecia.

Ele subiu em uma pequena parede de pedra, se apoiou em um joelho e estendeu a mão para me ajudar a subir. Coloquei o pé hesitantemente na ponta, até que percebi que podia me equilibrar muito bem.

— Eu já tenho dez. Dois dígitos — ele disse, orgulhoso, como se o fato de ser mais velho fosse um prêmio e ele já tivesse conseguido seu troféu.

Em vez de segurar a mão dele, eu me impulsionei para cima. Mesmo orgulhosa por ter conseguido subir, fingi que era fácil.

— Meu pops diz que idade é só um número. Um número que funciona melhor naquelas rodas coloridas do cassino em que a mamãe trabalha.

— Roleta? — Suas sobrancelhas se ergueram de um jeito engraçado.

Dei de ombros. Eu realmente não tinha certeza, embora o pops gostasse de se sentar à mesa que tinha a roda. Era onde ele estava agora. Jogando aquele jogo. Minha mãe estava apresentando o seu show extravagante para aquele homem. Eu sabia que devia ser realmente importante, pois ela usava aquelas roupas cheias de diamantes e penas grandes que saíam do cabelo e das costas. As que estavam nas costas quase tocavam o chão e eram muito macias. Ela me deixava acariciá-las, mas eu nunca tinha permissão para brincar com suas roupas extravagantes. Ela dizia que eram muito caras e tinha medo que eu as estragasse.

— O meu pai gosta da sua mãe — o menino disse enquanto oscilava de um degrau ao outro no trepa-trepa. Eu estava parada na beirada do lugar, mas não conseguia alcançar as barras, nem mesmo na ponta dos pés.

— Todo mundo gosta da minha mãe. Ela é atr-triz. — Minha língua ficou presa na palavra que a mamãe dizia o tempo todo. — Se as pessoas não gostarem dela, ela não está fazendo o seu trabalho direito. — Repeti o que ela havia me dito.

O menino assentiu, o cabelo caindo sobre os olhos. Ele afastou as mechas, e olhos verdes intensos focaram em mim. As pessoas me diziam o tempo todo que meus olhos eram como os de um gato, mas achei que os daquele menino pareciam mais que os meus. Como os da mamãe.

— Bom, o meu pai disse que quer casar com a sua mãe e formar uma família. E aí você seria minha irmã.

Fiz uma careta.

— Ele não pode casar com a minha mãe, porque ela já tem o meu pai. Com aliança e tudo.

Os olhos do menino se estreitaram.

— Sério? Acho que ele não sabe disso. — Sua cara feliz ficou triste. — Eu estava esperando ter uma mãe, e a sua é bonita e legal.

— Ela não é muito legal. Só é boa em fingir que é legal.

Sua cabeça inclinou para o lado.

— Ela é malvada com você?

Caminhando até os balanços, me sentei.

— Não. Mas ela não gosta de mim como as mães dos meus amigos gostam deles.

Ele ficou atrás de mim, puxou o balanço e me empurrou para a frente, me dando um bom impulso. Eu seria capaz de me balançar sozinha agora. Ele foi para o outro balanço e se sentou, mas não se mexeu.

— Então eu não quero ela como minha mãe.

— É, talvez o seu pai possa escolher uma mais legal — ofereci.

— Boa ideia. Acho que vou ajudar ele a procurar uma muito mais legal e bonita. Talvez você possa me ajudar.

Abri um grande sorriso e arrastei o pé no chão para parar o balanço.

— Seria divertido.

O menino e eu passamos a hora seguinte caminhando ao redor do cassino, de mãos dadas, apontando as mulheres que poderiam ser sua nova mãe. Infelizmente, não foi possível chegar a um acordo sobre a mulher certa antes que seu pai e minha mãe nos encontrassem. Ela estava chorando e, quando ficou de joelhos, me sacudiu e gritou que eu deveria ter ficado no parquinho. O homem se ajoelhou, ficando no nível dos olhos do menino, colocou as mãos em seus ombros e deu uma bronca nele, mas o garoto não chorou. Ele pediu desculpas, e seu pai disse que tinha ficado assustado e o abraçou apertado. Minha mãe não me abraçou. O menino olhou para mim com tristeza nos olhos, por cima do ombro do pai, e murmurou: "Desculpa". Acenei e vi quando o homem segurou a mão da minha mãe, a puxou e a beijou.

O pai do menino continuou beijando a mamãe até que ela o empurrou e disse para parar. Ele pediu que ela fosse com ele, que me levasse e fugisse, deixando aquela vida. Logo em seguida, meu pai se aproximou, mostrando à mamãe um pote cheio de fichas. Ele me levantou, me girou e me abraçou forte, como sempre fazia. Meu pops dava os melhores abraços. Em seguida, mostrou mais uma vez o pote de fichas para a mamãe e a puxou para o seu lado, dizendo que iríamos jantar fora. Ela sorriu e se afastou do menino e do homem, como se não os conhecesse.

Vi como os ombros do homem caíram e sua cabeça pendeu para a frente. Ele colocou a mão no ombro do garoto, que acenou para mim.

Acordei sobressaltada. O sonho ainda estava tão vívido que eu quase podia ouvir os sons do cassino em todo o ambiente, ver as máquinas caça-níqueis e as luzes brilhantes piscando. Fechei os olhos e caí de volta na cama, ajeitando o travesseiro e o virando para o lado frio. Normalmente eu conseguia controlar meus sonhos o suficiente para poder voltar a eles ou pensar no que eu queria e sonhar com aquilo. Desta vez, quando fechei os olhos, mergulhei em outra memória.

Mamãe e papai estavam brigando de novo. Maddy voltava para casa com a tia Millie. Era seu aniversário de quatro anos, e fomos pegar seu presente. O pops queria visitar a mamãe no trabalho e ter certeza de que ela estaria em casa a tempo para a festa. Mamãe achava que não era justo perder parte do trabalho para comemorar um aniversário de quatro anos. Ela disse que Maddy nunca se lembraria mesmo, então o que aquilo importava?

Foi quando um homem esbarrou nos dois, na rua. Um adolescente estava ao seu lado e amparou minha mãe. Ela se virou, pronta para gritar com o intruso, mesmo que ele estivesse tentando ajudar. Eu soube imediatamente que era o menino do passado, só que mais velho. O pai não havia mudado nada. Ainda usava um grande chapéu de caubói, igual ao daquele dia, alguns anos antes. Quando minha mãe viu seu rosto, ficou branca como um fantasma e se apoiou no pops. Ele a segurou desta vez.

— Meryl? — o homem disse para minha mãe, cujas mãos tremiam na lateral do corpo. — Meu Deus, faz muitos anos. Hum, este é, este...

— Maxwell. — Sua voz falhou enquanto ela dizia o nome do garoto.

Max. Verdade. Seu nome era Max. Só que eu tinha esquecido. O adolescente tirou o próprio chapéu de vaqueiro e respondeu:

— Senhora. — E enfiou as mãos nos bolsos da calça de brim. Eu ainda podia ver os cachos loiros de seu cabelo, que espreitavam por baixo do chapéu preto largo. Então ele olhou para mim. Aqueles olhos verde-claros brilharam com bondade enquanto ele me cumprimentava. — Oi, mocinha — ele disse e eu sorri. Me perguntei se ele se lembrava de mim, do passado, mas eu duvidava.

— Quem são esses? — pops perguntou para mamãe.

— Hum, este é um velho amigo, Jackson Cunningham. E o filho dele... Maxwell. — Era como se sua voz falhasse sob a pressão absoluta de ter que dizer o nome do menino. Pops estendeu a mão e se apresentou. Os olhos azuis de Jackson nunca se afastaram da minha mãe. Os dela nunca deixaram Max. Havia algo em seu olhar, um segredo escondido tão profundamente, que eu sabia que nos quebraria se viesse à tona.

Ficamos os cinco ali, sem jeito. Jackson olhando descaradamente enquanto minha mãe parecia murchar dentro de si mesma. Pops finalmente rompeu o momento, puxando minha mão e anunciando que estávamos atrasados para um evento importante.

— Hum, sim, temos que ir. Foi bom ver você, Jackson. Espero que você e o Max, hum, seu filho, fiquem bem.

— Espere, Meryl. Vamos trocar telefones — Jackson estendeu a mão enquanto minha mãe balançava a cabeça, se afastando e se arrastando atrás de pops e de mim. — Não, Meryl. De novo não... — Seu apelo era quase um sussurro ao vento.

— É melhor. Vocês estão melhor assim.

O despertador tocou, mas tudo que eu podia ouvir eram aquelas seis palavras girando dentro das garras do sonho e, mais recentemente, pelo caminho infernal que era minha memória.

É melhor. Vocês estão melhor assim. Fechei os olhos com força, tentando não lembrar.

É melhor. Vocês estão melhor assim. Sua voz era suave, soando quase como uma canção.

É melhor. Vocês estão melhor assim. O cheiro do perfume dela girou no ar do meu quarto muito tempo depois que ela já tinha partido.

Mia, minha querida... Eu lembrava vagamente dela acariciando minha testa enquanto eu a abraçava durante o sono, com apenas dez anos, em meu edredom temático de princesas, muito quente, mas apertado ao meu redor. Ela beijou meu cabelo e sussurrou aquelas mesmas palavras: *É melhor. Vocês estão melhor assim*.

E então minha mãe foi embora e nunca mais voltou. Por muito tempo eu bloqueei aquela lembrança, pensando que não era real, que eu havia imaginado. Da mesma forma que tinha bloqueado o sonho sobre o menino e seu pai. Só que não era um sonho. Eram lembranças que deixavam uma coisa clara como o dia.

Eu conhecia Maxwell Cunningham, e seu pai conhecia minha mãe.

8



— Max, nós precisamos conversar — falei ao entrar na cozinha. Cyndi estava fazendo um café da manhã completo, com panquecas, bacon e ovos. Meu estômago roncou alto quando senti o cheiro.

Ela apontou para a mesa enquanto Max enchia um prato com todos os itens. Eu me sentei como um elefante — minhas pernas, cansadas demais de segurar o peso dos meus fardos, tinham entrado em colapso.

— Aqui, coma. Nós precisamos te explicar algumas coisas — ele disse, bruscamente.

Antes que eu pudesse começar, foi a vez de Cyndi:

— Eu sei que você deve estar brava — disse enquanto colocava uma xícara de café na minha frente. Com uma eficiência que eu sabia que nunca teria, ela adicionou duas colherinhas de açúcar e um pouco de creme, lembrando exatamente como eu tomava meu café. Fatos como esse realçavam sua beleza natural. Ela prestava atenção nas pequenas coisas. Os detalhes que faziam uma pessoa se sentir confortável, tipo como ela gostava do café. — Eu preciso começar dizendo que lamento muito — Cyndi anunciou.

— Não, você não lamenta — falei, observando seu rosto para ver se havia ao menos um pingo de remorso.

Seus olhos azuis se reviraram. Ela parou e colocou a mão na barriga, a espátula do ovo pairando no ar na outra mão.

— Tem razão. Eu não lamento. Você precisa da sua irmã aqui, e nós precisamos conhecer os dois.

Eles *precisavam* conhecer os dois. Aquela parte me deixou confusa.

— Por quê? O que acontece entre mim e a minha irmã não tem nada a ver com você, o seu marido e os negócios dele. — Encarei Max, que olhou para baixo, tendo

um grande trabalho para evitar a conversa e empurrando os ovos pelo prato. O fato de Max não devorar a comida era outra coisa estranha. O homem gostava de comer. Toda vez que eu o via à mesa, ele limpava dois pratos antes que qualquer um terminasse o primeiro.

Ele suspirou profundamente, seu corpo estremecendo com o esforço.

— Nós todos nos afeiçoamos muito a você, Mia. Dá pra aceitar e deixar acontecer?

Bufei, peguei uma fatia de bacon e a coloquei na boca. A textura crocante e salgada da carne deliciosa cobriu meu paladar como um manto de perfeição. Bacon, o alimento perfeito. Mastiguei por alguns momentos, pensando em como encararia a questão. Sim, eles estavam sendo gentis, ainda que de forma exagerada. Mas — e aqui cabia um enorme *mas* — eles tinham feito aquilo sem me consultar. Era a minha vida, a minha família, não deles. Eles precisavam entender a gravidade do que tinham feito.

— Escutem, Max e Cyndi... — Fiz um gesto para os dois. Ela colocou a espátula no fogão, desligou o fogo e se aproximou do marido. Ele passou um braço em volta de sua cintura enquanto ela o abraçava. Eles apresentaram uma frente unida, e algo naquilo não me caiu bem. Independentemente disso, eu tinha um ponto a tratar e, por Deus, o deixaria bem claro. — Vocês não podem se intrometer na minha vida. Eu estou aqui para trabalhar. E vocês pagaram uma bolada para eu fazer isso. Mesmo que tenhamos nos tornado amigos, isso não dá a vocês o direito de se meter nos meus problemas. Você é meu cliente. Eu sou uma funcionária, não sou parte da família. O que vocês fizeram, convidando a Maddy e o noivo para virem aqui, foi tão sem sentido, tão fora de propósito... — Balancei a cabeça, sem saber como terminar o que eu precisava falar sem crucificá-los. — Vocês passaram dos limites. — Minha voz tremeu, a raiva borbulhando no cerne do problema.

Max inalou e assentiu.

— Eu falo por nós dois quando digo que lamentamos a forma como invadimos a sua vida. Mas, por favor, saiba que as nossas intenções foram as melhores.

— É, de boas intenções o inferno está cheio. — Franzi os lábios e puxei um joelho até o peito, me equilibrando na cadeira. — Por favor, vamos esclarecer as coisas. Acho que as linhas estão se confundindo aqui. Estou fingindo ser alguém para ajudar a enganar os investidores até você encontrar a sua irmã *verdadeira*. Por mais que eu quisesse que fosse verdade... eu não sou sua irmã. Você não pode agir como o irmão mais velho salvando a irmãzinha.

Dizer aquilo deixava tudo às claras, preto no branco. Max apertou a mandíbula e

fechou os olhos. Cyndi se inclinou, beijou sua testa e sussurrou em seu ouvido algo que soou como "Conte a ela", mas não pude ter certeza.

Vários minutos excruciantes de um silêncio desconfortável se passaram até que, finalmente, Max abriu os olhos e soltou a esposa.

— Certo, Mia. Entendi. Vamos fazer as coisas do seu jeito.

— Max, amor... — Cyndi começou, mas ele ergueu a mão, cortando-a.

Seus olhos estavam focados em mim como um laser.

— Podemos seguir em frente? — ele me perguntou. Seu tom agora era o de um empresário duro e rápido.

Anuí e brinquei com meu guardanapo, sentindo que estava errando de alguma forma. A conversa mudou tão rapidamente que eu nem tive chance de comentar sobre os sonhos ou lembranças antes que ele se levantasse abruptamente, arrastando a cadeira no piso de cerâmica.

— Vá se preparar para o trabalho, Mia. Hoje é dia de usar terno.

— Terno?

Seu queixo se projetou.

— Vamos encontrar os investidores. Hora de assumir a fachada de irmã — ele resmungou de um jeito que fez espetos pontiagudos perfurarem a barreira resistente ao redor do meu coração. A barreira que eu havia erguido naquela manhã, depois de descobrir que eles tinham me enganado. Eu precisava admitir: suas palavras magoaram. Machucaram de verdade. Minhas preocupações eram válidas, e foi ele quem extrapolou seu papel, não eu. Então, por que eu me sentia como a escória na sola do sapato de um trabalhador de aterro sanitário?

— A que horas vamos? — perguntei, com a boca cheia.

— Em quarenta e cinco minutos. Cyndi, amor, estou na varanda. Preciso de um pouco de ar — ele murmurou e se afastou.

Terminei o café da manhã e pensei em como faria para trazê-lo de volta ao espírito jovial em que estivera na maior parte do tempo desde que eu havia chegado, mas não consegui pensar em nada. E, claro, agora, com a tensão entre nós, teríamos uma reunião com o conselho de investidores para apresentar a nova relação entre irmãos, e precisávamos que ela fosse crível o suficiente para que ninguém se opusesse, pelo menos por enquanto.

A viagem para a Cunningham Óleo e Gás foi sufocante. Max ligou o som e não pronunciou uma palavra sequer durante todo o caminho. De vez em quando o ar mudava e eu o via intensificar ou relaxar o aperto no volante. Aquilo me fazia pensar que ele ia dizer alguma coisa, mas então ele expirava e se concentrava na estrada novamente.

Quando saiu da caminhonete, veio até o meu lado, cavalheiro como sempre, e me ajudou a descer. O tailleur me serviu perfeitamente. Eu me senti forte, poderosa e pronta para encarar um grupo de empresários indigestos. A saia lápis era de um comprimento aceitável e tinha uma fenda decente na parte de trás. Nada muito provocante. A blusa era num tom verde-menta que destacava meus olhos. O blazer acinturado e a cor cinza realçavam meu cabelo lindamente. Quem o escolheu havia feito um ótimo trabalho.

Quando entramos no edifício, todas as mulheres num raio de quinze metros olharam para Max. Ele parecia delicioso no terno preto com camisa branca imaculada. No pescoço havia uma espécie de gravata de couro preto trançado, presa com uma peça de metal em formato de estrela, que combinava com o logotipo da empresa. Ele arrematou o visual com um perfeito chapéu preto sobre os cabelos loiros. Sorri e apertei sua mão. Um choque de eletricidade e familiaridade formigou na minha palma.

— Sentiu isso? — perguntei, querendo mais do que tudo saber se ele percebia aquela conexão entre nós. Não era de natureza sexual, como eu havia experimentado com outros homens com quem tive intimidade. Eu me sentia bem de mãos dadas com ele. Como se o universo tivesse nos juntado e devêssemos estar ali, naquele momento, juntos. Ligados de uma forma que eu não conseguia entender.

Ele inclinou a cabeça em minha direção.

— Meu anjo, eu sinto essa conexão com você há muito tempo. Desde que te vi pela primeira vez, quando nós éramos pequenos.

Engoli o soluço que queria rasgar meus pulmões.

— Você sabia?

Ele assentiu.

— Lembrei no momento em que você apareceu no aeroporto, mas é mais que isso. Eu senti um tranco, por assim dizer. Como se fosse uma parte que faltava em mim e que estivesse por aí, se movendo ao redor da Terra. Uma parte que eu não podia ver nem tocar, mas sabia que estava lá.

Assenti e apertei sua mão.

— Eu não entendo. É como se eu te conhecesse, mas não conheço.

Max colocou o braço em volta dos meus ombros e me puxou para perto de seu peito. Uma sensação de paz e serenidade encheu meu coração e me aqueceu.

— Vai dar tudo certo. Nós vamos dar um jeito. Primeiro precisamos passar pela reunião de hoje. Está na hora, querida. — Ele me conduziu para o elevador. Minha mente vivia uma mistura de passado e presente.

Fechei os olhos e vi o menino dos meus sonhos, seus olhos correspondendo tão intimamente aos meus. Afastando os pensamentos, ergui o queixo e apertei a mandíbula. Estufando o peito ao endireitar a coluna, me preparei para a batalha. Não importava o que estava acontecendo entre mim, Max e nosso passado nebuloso: o presente era agora. Seu direito de nascença, a empresa que sua família possuía há gerações e havia construído do zero, dependia de que aqueles investidores acreditassem que eu era sua irmã. Segurei sua mão com força quando ele abriu a porta de vidro que dava acesso à enorme sala de reuniões com vista para a paisagem exuberante do campus, além dos hectares de árvores.

— Manda ver! — sussurrei e ele riu.

Max me levou a uma cadeira na frente da sala. Havia apenas duas vazias, e pelo menos duas dúzias ocupadas com pessoas que também usavam terno. Sofia Cunningham estava a três cadeiras da minha. Seu desprezo e antipatia por mim eram palpáveis quando alisei a parte de trás da saia e me sentei, ereta. Max não se sentou. Em vez disso, ficou atrás da sua cadeira e colocou as mãos no encosto.

— Senhoras e senhores, eu convoquei a reunião de hoje para trazer à tona uma revelação emocionante. Como todos se lembram, há vários meses, meu pai, Jackson Cunningham, surpreendeu todos nós com a sua vontade. Quando ele faleceu, nós fomos informados de que quarenta e nove por cento da Cunningham Óleo e Gás havia sido deixada para a minha meia-irmã, uma mulher cinco anos mais nova que eu, cuja existência eu não conhecia.

Murmúrios e falatório soaram entre pequenos grupos por toda a sala.

— Silêncio, por favor! — Max abriu os braços e a conversa parou. — Como seu último desejo, meu pai anotou o nome e a data de nascimento da mulher com quem eu divido minha linhagem. O nome dela é Mia Saunders. Nascida em 14 de julho, cinco anos depois que eu nasci. Esta pessoa à minha esquerda é essa mulher. Estou imensamente orgulhoso de apresentar a vocês a minha irmã, uma mulher que só recentemente eu conheci, mas por quem já sinto um vínculo familiar. Srta. Mia Saunders. Levante, mana.

Eu me levantei e todos os olhares na sala se voltaram para mim. Vários comentários sussurrados reverberaram pelo local:

— Eles não se parecem em nada.

— Dá pra ver pelos olhos.

— Ela é linda.

— A semelhança está lá.

— Ela não pode ser irmã dele. Olhe para ela.

— O cabelo dela é preto. O dele é loiro. Eles não têm o mesmo sangue.

Desta vez, para silenciar a sala, Maxwell soltou um poderoso rugido:

— Basta!

Os rostos ao redor da mesa pareciam desgostosos, e alguns realmente deixaram transparecer. Finalmente, Sofia levantou a mão.

Maxwell olhou para ela.

— Sofia? Você tem algum comentário?

Ela colocou as mãos delicadamente em cima da mesa de mogno. Era a imagem perfeita da razão.

— Como parte desta família e investidora, me sinto na obrigação de dizer que você não pode esperar que todos os membros do conselho e os investidores nesta sala aceitem a sua palavra como verdade sobre esse assunto. São bilhões em jogo, e gerações de Cunningham colocaram nisto o seu nome. Que provas você tem de que essa é realmente uma relação de sangue?

Olhei para Max e o observei apertar os dedos, enterrando-os na cadeira de couro com força suficiente para deixar a marca das unhas.

— Minha palavra e minha honra como presidente desta empresa e chefe da família deveriam ser suficientes, não é? — Ele a desafiou na frente de todo mundo.

Os olhos de Sofia brilhavam como fogo, e o sorriso diabólico provou o que eu já tinha adivinhado. Nada além de uma prova sólida e irrefutável seria suficiente para fazê-la recuar. A mulher queria sangue e sua parte do dinheiro. Uma onda de choque e medo percorreu minha coluna enquanto eu apertava os dedos no colo, retorcendo-os, imaginando como Max os despistaria.

Ele inclinou a cabeça e olhou para a prima.

— Se você precisa de provas, é o que terá.

Ele acenou com a mão e a pequena Diane, sua alegre assistente, entrou rapidamente na sala com um controle remoto na mão. Logo atrás dela vinha uma mulher negra bem-vestida em um terninho branco. A roupa estava tão brilhante contra sua pele escura que uma onda de inveja me invadiu. As negras têm uma pele incrível, e aquela mulher era de tirar o fôlego. Seu cabelo estava preso em uma série

de tranças apertadas desde o couro cabeludo e juntas na nuca, onde caíam pelas costas até a cintura. Lindo.

— Obrigado, Diane. — Maxwell sorriu e ela retribuiu, deu um tapinha no peito dele, sobre o coração, seguiu para as cadeiras no canto da sala e se sentou em uma delas.

A linda mulher negra a seguiu, deslizando a pasta ao lado da cadeira e se sentando com as costas eretas. A sola vermelha de seu Louboutin altíssimo brilhou quando ela cruzou as pernas de maneira graciosa. Eu precisava arranjar umas amigas daquele jeito. Elas sempre pareciam saber se vestir. Eu poderia aprender algumas coisas sobre ser chique com uma mulher daquelas.

Max apertou alguns botões no controle remoto e uma tela de LCD deslizou na parede do fundo, a luz no centro da sala brilhando na tela em branco. Mais alguns toques no controle, e a imagem da minha carteira de motorista de Nevada apareceu.

Sem perder o ritmo, Max falou:

— Você quer a prova? Anexo A. A carteira de motorista de Mia Saunders provando não apenas que o nome dela é exatamente o mesmo que foi escrito no testamento, mas sua data de nascimento também.

Aquilo me confundiu. Achei que Millie e Max tivessem confirmado que o nome havia sido escrito de maneira um tanto quanto ilegível. Eu teria que verificar aquilo depois.

— Isso é suficiente para você, ou precisa de mais? — A pergunta foi dirigida a Sofia.

— Qualquer um pode falsificar uma carteira de habilitação. — Ela acenou com a mão para a tela, parecendo descartar aquilo totalmente.

— Certo, então. Anexo B. Cartão da previdência social de Mia Saunders, provando seu nome e sua cidadania. Devo continuar?

Sofia bufou e respondeu com altivez:

— Vá em frente. Você está fazendo um ótimo trabalho. Embora eu não tenha visto nada que não possa ser refutado em um tribunal.

O próximo slide me fez perder o fôlego. Lágrimas se formaram e ameaçaram cair. Toquei o canto dos olhos e olhei para a tela, perdida em um turbilhão de memórias.

— Esta é uma fotografia que o meu pai tinha da minha mãe comigo no colo. Ao lado, uma foto da Mia. A semelhança é extraordinária. — Ele resmungou e limpou a garganta.

Como podia ser? Aquela mulher com certeza era minha mãe. Muito mais jovem,

mas ainda assim era ela. Eu poderia reconhecê-la em qualquer lugar. Na foto, ela estava segurando uma criança de cerca de um ano, com cachos loiros como um halo em torno da cabeça. Balancei a minha, e as lágrimas caíram sem parar.

O volume de conversas atingiu um patamar bastante alto. A voz de Sofia estava tensa, no entanto ela seguiu em frente. Eu tinha que dar crédito àquela mulher. Ela era a definição da palavra "persistência".

— Muitas pessoas são parecidas, Max.

Ele assentiu.

— É verdade. Mas tem mais. — Estendeu a mão para a mulher elegante e fez um gesto para que ela se pronunciasse.

— Membros do conselho, meu nome é Ree Cee Zayas e eu sou advogada do falecido Jackson Cunningham e de Maxwell Cunningham. O sr. Cunningham me contratou para provar a legitimidade do direito de nascença de Mia Saunders e sua linhagem familiar. — Sua voz era calma e educada. Gostei dela instantaneamente, mas logo temi as próximas palavras que ela diria. — Se olharem para a tela, vão ver uma cópia da certidão de nascimento de Maxwell Cunningham, de Dallas, Texas, ao lado da certidão de nascimento de Mia Saunders, de Las Vegas, Nevada. Como vocês podem ver, a mulher apontada como mãe, Meryl Colgrove, e seu número de previdência social, mostrado claramente em ambos os documentos juridicamente validados, são exatamente os mesmos. Este documento seria incontestável em um tribunal e prova que Maxwell Cunningham e Mia Saunders compartilham a mesma mãe.

A sala ficou em silêncio. Absolutamente nada podia ser ouvido. A onda de choque me bateu com força. Parei de respirar e tremi sob a prova que me encarava. Com a enxurrada de emoções que me golpeou em uma confusão emocional, as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Maxwell ouviu quando engoli um soluço. Agachou-se ao meu lado, apoiando um joelho no chão e apertando minhas mãos dolorosamente. Eu não me importava. Estava dormente, abalada até o âmago.

Max beijou minhas mãos várias vezes.

— Eu devia ter te contado a verdade — sussurrou. — Me p-perdoe. — Seus próprios sentimentos sobrecarregaram as palavras de tal forma que ele gaguejou com o esforço de colocá-las para fora.

Eu me sentia incapaz de responder, mas ainda não havia acabado. Não. A bela mulher, que mais tarde eu viria a chamar de "anjo negro de eventos que mudam a vida", não parou por aí.

— Em razão da natureza extrema do direito de nascença e do valor monetário

em jogo nesta empresa, achei que seria prudente ir mais a fundo, e um teste de DNA foi feito. Uma amostra de cabelo foi retirada da escova da srta. Saunders, e os resultados foram comparados com aqueles do sr. Cunningham. Vocês podem ver na tela que os resultados são conclusivos: Maxwell Cunningham e Mia Saunders compartilham marcas genéticas maternas idênticas que comprovam, sem sombra de dúvida, que ambos são filhos da mesma mãe.

Foi então que eu me perdi, assim como o resto da sala. Eu não podia sequer ouvir meus pensamentos com o barulho das conversas na mesa. Simplesmente fiquei ali, imóvel, tentando juntar os pedaços da minha vida em algo parecido com uma realidade que eu pudesse entender. Nada veio. Nenhum lampejo surpreendente de sabedoria, nenhuma analogia bem orquestrada para explicar como os pequenos diagramas e linhas na tela à minha frente tinham, em última análise, mudado minha vida... para sempre. Eu não era mais Mia Saunders, a garota que cuidou da irmã caçula, cuja mãe a abandonou aos dez anos com um pai viciado em jogos e alcoólatra. Eu não era só uma mulher que se apaixonou por um homem muito melhor que ela. Estava se tornando claro para mim que eu era mais que isso.

Eu, Mia Saunders, era irmã biológica de Maxwell Cunningham. Um homem à frente de um império e de uma família sobre quem eu não sabia absolutamente nada. A documentação era incontestável. Max era meu meio-irmão.

— Mia, Mia, meu anjo. Por favor, diga alguma coisa. Qualquer coisa — Max pediu de joelhos à minha frente. Olhei para baixo, para os mesmos olhos verdes que minha mãe havia dado a mim, a Maddy e a ele.

— Você é meu irmão. — As palavras saíram da minha boca em um suspiro.

— Sou. — Ele examinou meu rosto, como se estivesse olhando diretamente para minha alma e vendo um pedaço de si.

— Meu irmão *de verdade* — repeti.

— Sim. E você... você é minha irmãzinha. — Ele engoliu em seco e umedeceu os lábios. As linhas ao redor dos olhos pareciam mais pronunciadas sob o peso de manter aquilo escondido.

— Meu Deus. Eu não consigo... — Respirei fundo. — Maddy! — As lágrimas escorriam pelo meu rosto, que ele segurou e enxugou com os polegares, acariciando as bochechas.

— Sim. Agora você entende por que era tão importante trazê-la aqui. Ela também merece saber a verdade.

Fechei os olhos e pensei em Maddy, no que essa informação faria com ela e com a dinâmica da nossa família. Em um floreio, empurrei a cadeira, e as mãos de Max

foram para o chão, para segurar o peso de seu grande corpo. De pé, observei o local em busca da saída mais próxima.

A necessidade de fugir era grande, uma sensação dolorosa e espinhosa, como um nervo exposto sendo bombardeado com impulsos elétricos. Percebi a gravidade da situação. Aquilo não era mais faz de conta. Max tinha me trazido ali porque sabia dessa informação o tempo todo e esperou até que estivéssemos na frente de todos aqueles estranhos para revelar a verdade.

Eu havia desejado ser a verdadeira irmã de Maxwell. Tinha pensado nisso várias vezes ao longo dos últimos dez dias. Naquele momento, as coisas estavam desordenadas no meu cérebro. Eu queria gritar, esbravejar e uivar até que tudo em minha vida e, o mais importante, a verdade voltassem para o seu devido lugar e aquela caixa de Pandora fosse trancada e enterrada para sempre.

Saí da sala com um único pensamento: *Cuidado com o que deseja, porque pode se tornar realidade e deixar o seu mundo inteiro de cabeça para baixo*.

9

O capô da caminhonete estava frio ao toque, resfriando a palma das minhas mãos quando me inclinei sobre ele, me curvando, olhando para os pés.

Apenas respire. Inspire... expire... inspire... expire. Repita. Tudo vai fazer sentido em breve.

Repeti o mantra sem parar até que o cascalho rangeu atrás de mim. Um par de botas pretas de caubói apareceu em meu campo de visão. Ele não falou nada durante um longo tempo, e eu apreciei aquilo. Finalmente as batidas aceleradas do meu coração voltaram a um fluxo normal. Eu me endireitei e me virei, deixando que a parte dianteira da caminhonete me segurasse.

Max estava diante de mim, os ombros caídos e uma carranca profunda marcando consideravelmente seu rosto. Os olhos, espelhos dos meus, eram como dias nublados e incertos.

— Mia, eu...

Levantei a mão para impedir quaisquer desculpas.

— Você sabia e não me contou.

Ele inalou, trouxe as mãos para cima e estalou os dedos.

— Eu não tenho desculpa. Só queria te conhecer, passar um tempo com você e talvez permitir que a verdade saísse naturalmente...

— Naturalmente, em uma sala cheia de estranhos, quando eu não posso reagir?! O que você estava pensando, Max? — gritei, sem conter a raiva. — Só consigo me perguntar por que você quis me machucar. — Respirei com dificuldade quando as lágrimas ameaçaram cair novamente.

Max levantou as mãos e se aproximou de mim. Eu não pude me virar ou fugir quando seus braços me seguraram contra o metal da caminhonete, me impedindo de fazer qualquer movimento.

— Mia, eu nunca quis te machucar. Não devia ter sido assim. Eu não sabia que a Sofia ia fazer todas aquelas perguntas. Tudo aconteceu muito rápido. — Ele balançou a cabeça. — Deus do céu. Você é minha irmã. Meu anjo, eu já te amo. — Seus olhos claros ficaram escuros e tempestuosos quando a mandíbula apertou e um músculo contraiu no queixo marcado. — Mia, eu morreria antes de permitir que algo te machucasse.

Fechei os olhos, incapaz de ver a honestidade nos partindo ao meio. Ele me amava. Meu irmão. Eu tinha outra vida, um irmão de verdade. Puta merda, aquilo era intenso demais, e eu não fazia ideia de como lidar com a situação. Tudo o que eu sabia é que precisava sair de lá.

— Me leve pra casa.

— Para Las Vegas? — Sua voz falhou.

— Não. Meu Deus! — Soltei um suspiro. — Para o rancho. Eu preciso de um tempo. E preciso descobrir como vou contar isso para a Maddy.

Max assentiu, destrancou a porta da caminhonete e a abriu para mim. Entrou e deu partida. Quando estávamos a cerca de dez minutos do rancho, ele cobriu meu joelho com a mão.

— Eu sei que isso não significa muito agora, e sei que você está tentando digerir tudo isso, mas estou muito feliz por você ser minha irmã. Depois que o meu pai morreu, antes de encontrarmos o testamento dele, eu fiquei completamente perdido. Quando descobri que tinha uma irmã, alguém com o mesmo sangue, isso me deu um novo propósito. Alguma coisa boa e certa para me concentrar. Quando vi a sua foto no site, tão parecida com a minha mãe... eu soube que as coisas aconteceriam como tinha de ser. Que finalmente eu não me sentiria mais sozinho.

— Mas você tem a Cyndi e a Isabel, e logo vai ter o seu filho. Você nunca está sozinho. — Cobri a mão sobre meu joelho e a apertei, o gelo em meu coração derretendo com sua confissão.

Ele assentiu.

— Sim, e eles são a parte mais perfeita do meu futuro. Mas tem algo especial em compartilhar o pai ou a mãe da gente. Como se fôssemos dois lados da mesma moeda. Como eu te disse, eu também tive esse sentimento. Então, quando vi que você lembrou que tinha me encontrado algumas vezes há muito tempo, eu soube que era verdade.

Umedeci os lábios e olhei pela janela.

— A minha vida toda eu sonhei com você. Bom, eu não sabia que era você, mas um menino que brincou comigo em um parquinho. — Então eu ri, lembrando da

caçada que fizemos. — E que nós andamos por lá tentando encontrar uma nova mãe para você.

Ele sorriu.

— Sim, eu pensei muito naquela primeira vez, me perguntando o que tinha acontecido com aquela mulher que parecia estar envolvida com o meu pai e a filha dela. Agora faz mais sentido. Pelo que eu entendi, o meu pai estava perseguindo a nossa mãe, mas ela não queria ser encontrada.

Bufei e cruzei os braços.

— É, e o meu pops também não conseguiu segurá-la. Você sabe onde ela está?

Maxwell balançou a cabeça e manobrou o carro, desviando de um gambá morto na estrada.

— Eu nunca tentei encontrá-la.

— Com o seu dinheiro e os seus contatos, imagino que seria muito fácil.

Ele olhou para mim de soslaio, mas manteve o foco na estrada.

— Seria. O único problema, meu anjo, é que, quando uma mulher vai embora, abandonando seu bebê, volta a se casar e tem outra família durante anos, para depois deixá-la também, obviamente é sinal de que ela não quer fazer parte da vida de nenhum deles, senão não teria ido embora. Às vezes as pessoas simplesmente não querem ser encontradas, ou então não fugiriam.

Repassei a lógica em minha mente enquanto seguíamos para o rancho. Aquilo definitivamente fazia sentido, mas a sensação persistente que eu tinha sobre a forma como minha mãe partira, especialmente depois do que me recordei no sonho da noite anterior, me fez considerar outra alternativa.

— Você já pensou que talvez ela quisesse que alguém corresse atrás dela?

Max desligou a caminhonete, tirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo.

— Nunca pensei nisso dessa forma. O que você acha? — Ele se virou de lado no banco. Olhamos um para o outro por alguns momentos.

— Acho que a nossa mãe fez muita besteira. Quando alguém costuma fazer bobagens, muitas vezes não quer que os problemas estraguem as únicas coisas boas que tem na vida. Talvez ela amasse a gente mais do que imaginamos.

Max fechou os olhos e franziu a testa.

— Se for esse o caso, talvez a gente devesse pelo menos procurar por ela.

— Eu concordo.

Decisão tomada. Max usaria seus recursos e nós iríamos procurar a nossa mãe. Eu tinha algumas perguntas para fazer a ela. A primeira era por que ela nunca nos contou que tínhamos um irmão.

No momento em que a porta da limusine se abriu e o cabelo loiro da minha irmã voou com a brisa, perdi a capacidade de respirar. Madison Saunders, minha irmã caçula, era uma bela visão, vestida com calça cropped, sandália plataforma e uma camiseta regata simples. Maddy estendeu a bolsa e Matt quase não compreendeu quando ela saiu correndo em minha direção, os braços tão abertos quanto o sorriso. Eu me preparei e esperei que seu peso batesse em mim. Quando o fez, foi como se uma nuvem de amor tivesse nos envolvido, me enchendo de alegria.

Maddy deu gritinhos no meu ouvido. Normalmente eu a giraria e bancaria a irmã mais velha pateta, mas desta vez a abracei tão apertado que seria necessário um pé de cabra para nos afastar. A sensação de medo que tive ao pensar em soltá-la, em não tê-la por perto, se acumulou ao meu redor como um nevoeiro espesso. A menina sempre foi o meu tudo, e eu sabia que, apesar de estar muito animada em vê-la, havia o fardo da verdade pairando naquela visita.

Soltando-se dos meus braços, Maddy franziu o cenho, segurou meu rosto e encostou a testa na minha.

— Qual é o problema? Por que você está triste? — Ela secou a umidade do meu rosto, enxugando as lágrimas que eu não percebi que estavam lá.

Limpando a garganta, soltei lentamente a respiração.

— Só estava com saudade. — Tentei acalmá-la.

Suas pálpebras se estreitaram.

— Você não está sendo sincera comigo. Não gosto disso, mas vou descobrir quando estivermos sozinhas.

Eu ri e bufei ao mesmo tempo.

— Certo, menina. Me deixe olhar pra você! — Eu me afastei o suficiente para poder examiná-la, e ela se iluminou como o sol entre as nuvens em um dia nublado. — A menina mais linda do mundo, mas...

— Só quando sorri — Matt entrou na conversa. Ele segurou sua cintura, puxando-a para seu lado e afastando-a do conforto dos meus braços. Ele pagaria por aquele movimento. Apertei os olhos para ele.

— Essa fala é minha!

Ele riu.

— Eu sei. — Balançou as sobrancelhas. — A Maddy me disse isso um milhão de vezes! Não vejo a hora de ouvi-la dizer as mesmas palavras para os nossos filhos um dia. — Ele esfregou o nariz no da minha irmã, e eu quis vomitar e abraçá-lo ao mesmo tempo.

A voz potente atrás de mim pigarreou ou amaldiçoou. Eu não estava bem certa.

— Maddy, tem, hum... algumas pessoas que eu gostaria que você conhecesse. — Virando-me, encontrei Maxwell abraçando a esposa, Cyndi. Isabel estava pulando nos degraus da varanda, atrás dos pais, perdida em seu próprio mundinho, como era comum à maioria das crianças de quatro anos.

Os olhos de Max estavam enormes, a boca aberta de forma pouco atraente. Os olhos de Cyndi também pareciam estar assustados, só que ela tinha uma mão cobrindo a boca aberta. Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto eu segurava a mão de Maddy e a levava para mais perto.

— Hum, gente, oi? — Acenei com a mão na frente de ambos, e eles pareceram sair do transe ao mesmo tempo.

— Jesus... — Max sussurrou.

Cyndi ofegou de forma gutural.

— Ah, meu Deus.

Eu me virei para Maddy.

— Eles geralmente não são esquisitos assim, mas este é Maxwell Cunningham e esta é sua esposa, Cyndi. Pessoal, esta é a minha irmã caçula, Madison Saunders, e o noivo dela, Matt Rains.

As sobrancelhas de Maddy se ergueram quando Max e Cyndi continuaram a encará-la. Os olhos de Maxwell não deixaram seu rosto. Era como se ele estivesse atordoado por causa de uma arma de choque, a boca entreaberta e os olhos observando tudo lentamente.

Cyndi falou primeiro, mas o que ela disse não fez nenhum sentido para Maddy.

— Ela parece... Jesus, ela é idêntica a você — ela afirmou, como se também tivesse sido atingida por uma arma de choque.

— É inacreditável — Max finalmente disse, inclinando a cabeça para o lado.

Matt passou um braço ao redor da cintura de Maddy e a puxou para o lado.

— O que está acontecendo? Parece que vocês dois viram um fantasma.

Ele disse exatamente o que eu estava pensando. No entanto, devia ser bem estranho ver sua irmã pela primeira vez, especialmente uma que se parecia tanto com a gente. Entrelacei os dedos enquanto os dois avaliavam Maddy. Fiquei

preocupada com a possibilidade de eles revelarem tudo antes que eu tivesse a chance de contar a ela. Ela precisava saber por mim que tinha um irmão.

Finalmente, Isabel apareceu entre as pernas dos pais e olhou para a nova hóspede.

— Uau! Você é bonita como uma princesa.

A garota deu um tapinha na perna de Maddy. Ela se abaixou, ficando de joelhos para que a menina pudesse vê-la de perto. Nós duas sempre tivemos jeito com crianças, mas a Maddy tinha poderes especiais. Elas eram atraídas para minha irmã como um adolescente para jogos. A menina segurou uma mecha do cabelo de Maddy e seus olhinhos se arregalaram.

— Amarelo como o meu e o do papai!

Olhei para o rosto dela, percebendo a semelhança entre as duas, em seguida olhei para Maxwell com novos olhos. Seu cabelo era do mesmo tom dourado. Até mesmo o tom de pele e o formato do rosto combinavam. *Eles* realmente pareciam irmãos, enquanto Max e eu tínhamos poucas semelhanças. Lado a lado, os dois eram assustadoramente parecidos.

Maddy olhou para Max e sorriu. Foi quando aconteceu. O reconhecimento. Não apenas o zumbido de familiaridade no ar ao redor da gente, mas, ao ver o rosto da pequena Isabel ao lado do de Maddy, os sorrisos idênticos, vi exatamente o mesmo em Maxwell. Era como olhar em um microscópio e ler um código genético, só que desta vez era ao vivo e a cores. Fisicamente, Maxwell, Maddy e Isabel compartilhavam o mesmo sorriso, mas não era igual ao da nossa mãe nem ao meu. Repetidamente me diziam que Meryl e eu tínhamos o mesmo sorriso. Sempre achei que Maddy tivesse algumas características do pops, mas naquele momento eu não conseguia lembrar uma única vez em que houvesse comparado os dois e os achado parecidos.

Maddy acariciou os cabelos de Isabel.

— E qual é o seu nome? — perguntou.

— Isabel, mas também me chamam de Bell.

Maddy tocou o nariz da criança.

— Bom, eu acho que você é a menininha mais bonita que eu já vi. Por isso, se você acha que eu pareço uma princesa, isso deve fazer de você uma rainha! — Ela suspirou e colocou a mão no peito. Isabel riu de um jeito doce. — Talvez a gente possa brincar enquanto eu estiver aqui, depois que eu conhecer melhor os seus pais e passar algum tempo com a minha irmã. O que acha?

— Vai ser tão divertido! — a menina gritou e bateu palmas. Em seguida, como

um tiro no meio da noite, girou e correu até as escadas, gritando: — Vou pegar a minha coroa! — enquanto subia os degraus de madeira e batia a porta de tela, correndo para dentro da casa.

Maddy riu e se levantou, esticando a mão.

— Estou feliz por conhecer os amigos da Mia. E obrigada mais uma vez por mandarem o avião e a limusine. Foi a primeira vez que estive num carro desses! — E sorriu.

— O prazer foi todo meu, querida. Venha, vamos entrar. — Max estendeu o braço, liderando o caminho até a varanda. — A Cyndi fez alguns dos melhores pratos da roça. Frango frito, quiabo refogado, macarrão com queijo e torta de nozes.

Depois de ter passado as últimas duas semanas comendo as refeições de Cyndi, minha boca se encheu de água.

— Sério, a comida dela é a melhor. Vamos.

— Vocês primeiro — Maddy respondeu.

Entrelacei a mão na dela e cutuquei seu ombro.

— Obrigada por ter vindo. Senti sua falta. — Maddy se inclinou contra meu ombro, da maneira como tinha feito uma centena de vezes ao longo dos anos.

— Eu preciso aproveitar qualquer oportunidade que tenho de te ver. Especialmente quando é pra voar em um jatinho particular! — Ela riu. — Ah, meu Deus, você devia ter visto. Serviram champanhe pra gente... em um avião! — Sua voz se ergueu com a empolgação. — E nem pediram a nossa identidade! — ela sussurrou para que apenas eu ouvisse.

Segredos de irmãs eram comuns entre nós, mas aquilo estava prestes a mudar. Uma pontada acertou meu coração. Max também era seu irmão agora, e eu tinha a responsabilidade esmagadora de encontrar uma maneira de contar isso a ela.

Sempre fomos só Maddy, pops e eu. O trio de corações solitários e abandonados, sabe Deus por quê. Agora eu sabia que havia uma parte inteiramente nova de nós, algo que teria repercussões sobre quem éramos e o tipo de família que seríamos no futuro. Ainda não tinha conseguido me acostumar nem com a entrada de Matt para a família. Gostaria de saber se Maddy havia conseguido lidar com a carga horária na faculdade e todas as mudanças recentes em sua vida.

Era muito para uma jovem de vinte anos: o pai em coma, a irmã se divertindo ao redor do mundo como acompanhante, ficar noiva, ir morar com o noivo, e agora um irmão entrava em cena. Um irmão que ela jamais soube ter. Era difícil compreender aquilo. Fiquei preocupada com a possibilidade de ser um ponto crítico para Mads. Ela era frágil de um jeito que eu não era. Essa era uma parte dela que a

fazia especial, embora muitas vezes ela me lembrasse de que não era uma boneca de porcelana e não quebraria sempre que uma má notícia surgisse. Só que tinha sido minha responsabilidade, durante os últimos quinze anos, protegê-la de todas as merdas que a vida pudesse jogar em seu caminho. E eu ainda não tinha descoberto se aquela era uma notícia ruim ou não.

Pensar em Max e em sua família como mais um dos nossos problemas me fez sentir uma megera de coração frio, mas essa era a verdade. Havíamos lidado com uma realidade bastante dura ao longo dos últimos anos, e aquele fato novo caiu sobre nós como uma bomba de um daqueles programas de barracos familiares.

Um irmão. Pior, um irmão mais velho que tivemos antes mesmo de nascer. Nossa mãe sabia que ele existia e nunca se preocupou em mencionar para nós. Cacete, eu encontrei o menino duas vezes. Ela teve a chance de contar a verdade e optou por não falar nada. Aquilo me fez pensar se o pops fazia ideia. Rejeitei o pensamento instantaneamente. Não, ele não devia saber. Se soubesse, teria nos contado. A família era muito importante para ele, mesmo que tivesse um jeito estranho de demonstrar isso.

Por outro lado, e o pobre Max? Nossa mãe o tinha abandonado quando ele era praticamente um bebê. Ele nem se lembrava dela. Assim como Maddy. Ela não recordava nada sobre a nossa mãe. Quanto a mim, eu lembrava de tudo. Com todas as merdas de detalhes. Quanto mais eu pensava nisso, mais raiva tinha. Como ela ousara deixar Max do jeito que fez? Fugir para Vegas, ter uma filha, casar com pops, ter outra filha e depois repetir o padrão de abandono? O que havia com seus filhos que tornava tão fácil para ela ir embora?

Olhei para Maddy, rindo de alguma piada que Max tinha contado, segurando a mão de Matt por cima da mesa de jantar. A luz em seus olhos, quando brilhavam com humor, era etérea; difícil não ser envolvido por ela. Seu sorriso... Caramba, eu não era poeta, mas senti que podia recitar alguns sonetos de Shakespeare só de ver aquele sorriso, capaz de transformar qualquer coisa sombria em brilhante. Nunca, nem em um milhão de anos, eu abandonaria o amor e a confiança de Maddy. No entanto, a nossa mãe fez isso, não apenas com uma, mas com três crianças. E pior: ela havia nos negligenciado de forma ainda mais imperdoável, por não ter nos contado a respeito do outro. Max tinha trinta anos. Eu tinha vinte e cinco, e Maddy, vinte. Aquilo era mais de duas décadas de tempo perdido que jamais recuperaríamos.

Enquanto eu me sentava e pensava sobre todos os feriados, aniversários, formaturas e reuniões de família perdidos, a raiva começou a se instalar dentro de

mim. O monstro irado da vingança rosnou, arranhou e cresceu em meu ventre. Exigiu tudo de mim não tomar nenhuma atitude em relação a isso. Meryl Colgrove-Saunders, minha mãe, tinha cometido os piores pecados que uma mulher pode cometer.

Partiu o coração de dois homens e, de quebra, a crença deles no amor.

Abandonou seus três filhos.

Negou a eles o amor dos irmãos.

Observar Maddy e Max interagindo, pensar em todas as vezes em que ela deveria estar lá, fez o monstro em mim rosnar e se preparar, pronto para lutar, mutilar e causar danos. Mais do que nunca, eu queria encontrar a minha mãe. Eu precisava, na verdade. Desta vez ela seria responsabilizada por suas ações, não pelos homens que abandonou, mas pelos filhos. Eu me senti mal por mim, Maddy e Maxwell. As três crianças que ela rejeitou.

Ao longo dos anos, eu sempre quis saber por que ela nos deixou. O que eu tinha feito para tornar sua vida tão ruim? O que a pequena e doce Maddy poderia ter feito? O que o pops devia ter aprontado para fazê-la nos deixar? Agora que eu sabia que ela tinha abandonado Jackson e Maxwell, um ódio profundo deslizou por cada nervo e poro do meu corpo.

— Mia, pegue essa. — Mads me entregou uma cerveja gelada. — Vamos brindar.

— Vamos brindar a quê? — Max questionou, nossos olhares se encontrando de lados opostos da mesa. Seus olhos pareciam felizes e tristes ao mesmo tempo, e imaginei que provavelmente era assim que eu estava nos últimos quinze anos.

— Não há nada mais importante que o presente. É por isso que se chama presente — falei, e todo mundo levantou sua cerveja.

— Vou beber a isso — Max falou, suas palavras nubladas por emoções que apenas Cyndi e eu entendíamos.

— Ao futuro. Que seja tão incrível quanto o dia de hoje! — disse Maddy, a felicidade revestindo seu tom.

— Ao futuro.

Que seja tudo o que nós sempre sonhamos.

10



Droga! Pela quinta vez tentei ligar para Wes. Nada além de caixa postal. Infelizmente, eu havia recebido uma mensagem no mesmo dia em que descobri que Maxwell era meu irmão, dizendo que Wes precisou ir até uma locação. Desta vez, tinha sido para um local remoto em pleno coração da Ásia. Aparentemente, um ator do set havia sofrido um grave acidente de carro, o que significava que Wes precisaria reformular algumas de suas cenas no campo de batalha. Logo imaginei que ele estaria inacessível por um tempo, mas isso não me impediu de tentar contatá-lo diariamente durante os últimos cinco dias.

Não ter Wes para compartilhar minha descoberta me magoou. Eu tinha passado a contar muito com ele em pouco tempo. Talvez fosse esse o caminho do verdadeiro amor. O casal se apoiava um no outro até que não houvesse outra fonte com o mesmo efeito. Claro, eu tinha Ginelle, mas não iria sobrecarregá-la com isso ainda. Além do mais, Maddy merecia saber de tudo antes da minha melhor amiga. Isso a afetava, e eu ainda não tinha descoberto a melhor maneira de contar que Maxwell era nosso meio-irmão. O que eu fiz, porém, foi roubar sua escova de cabelo e pedir a Max que mandasse seu pessoal fazer o mesmo teste de DNA. Eu queria algo com o nome dela, em que ficasse comprovado que ele era realmente seu irmão. Não que eu não acreditasse que fosse verdade. Quanto mais tempo eu passava com os dois, mais me sentia uma forasteira.

Eles não eram parecidos só fisicamente, mas também nos gestos. Por exemplo, a forma como inclinavam a cabeça enquanto pensavam, ou como passavam os dedos incansavelmente pelo cabelo, sem nenhuma outra razão além de tocá-lo. A maneira fácil e frequente como os dois sorriam. Eles compartilhavam algo que eu não conseguia entender. Nem queria. Maddy sempre tinha sido minha, e agora eu teria que dividi-la. Ainda bem que Max era incrível.

Ele já me tratava como irmã mais nova, embora tenha se segurado por causa da Maddy. Felizmente, ele respeitava o nosso relacionamento e tudo de que eu havia desistido ao longo dos anos, e não tentou passar por cima daquilo. Todos os dias perguntava quando contaríamos a ela. Tínhamos mais dois dias antes que ela e Matt fossem embora, e mais alguns antes que eu voltasse para Malibu. Naquele ponto, eu não tinha certeza de que Wes estaria lá. Nem sabia como seria ficar naquela casa enorme sozinha. Claro, supostamente era minha casa agora, mas eu ainda não tinha tido tempo suficiente para senti-la como minha. Agora era o local para onde eu voltava entre um cliente e outro. Mais cedo ou mais tarde, eu deixaria minha marca.

Uma batida soou na porta do meu quarto.

— Entre.

Fechei o diário em que estava escrevendo meus pensamentos e sorri quando Max apareceu. Sua estrutura era tão grande que quase preencheu o quarto, mas o que me surpreendeu foi a mulher que o seguiu. Era a advogada, Ree Cee Zayas. Merda, ela estava chiquérrima de novo. E eu ali sentada, de legging, camiseta e pés descalços. O cabelo estava preso num coque bagunçado e eu estava sem maquiagem, enquanto ela entrou usando um tailleur vermelho poderoso, combinando com os lábios pintados na mesma cor. Seus olhos negros como carvão pareciam suaves quando ela colocou a maleta sobre a cama.

— Hum, o que está acontecendo? — Olhei de Max para Ree Cee.

— Tenho algumas informações alarmantes sobre o teste de DNA que você e o sr. Cunningham solicitaram da srta. Madison Saunders.

O jeito como ela falou enviou uma pontada de medo para minha coluna, me fazendo endireitar a postura dolorosamente.

— O quê? O que houve? Ela está bem? — Eu não fazia ideia do que um teste de DNA poderia revelar. Qualquer coisa, mesmo a mera sugestão de que pudesse haver algo "alarmante", me fez agarrar o cobertor com as duas mãos.

Max se sentou ao meu lado e colocou um braço sobre o meu ombro.

— Meu anjo, relaxe. A Maddy está ótima. O que ela encontrou no teste referente à nossa genética é que é chocante. Eu a trouxe aqui para lhe contar pessoalmente, e eu queria estar presente para que você saiba que estou com você a cada passo do caminho.

Engoli em seco e apertei sua mão, trazendo as duas para o meu peito.

— Max, você está me assustando. — Seus ombros cederam, ele segurou meu rosto e levou os lábios à minha testa, onde deu um beijo prolongado.

— Está tudo bem. Todo mundo está bem. — Ele limpou a garganta. — Vá em

frente, sra. Zayas. Compartilhe o que descobriu.

O quarto inteiro estava quieto. O ar ao redor era denso, como se uma névoa tivesse nos envolvido enquanto eu observava a mulher pegar um conjunto de papéis e colocá-los na cama.

— É mais fácil se eu lhe mostrar. — Ela alinhou três documentos à minha frente, para que eu pudesse vê-los facilmente. Um tinha o nome de Mia Saunders, o seguinte Maxwell Cunningham, e o último Madison Saunders. Eram os mesmos papéis que haviam sido mostrados na tela de LCD na reunião da semana anterior. Os quadrados e as linhas eram familiares. — Consegue ver aqui, onde os seus marcadores genéticos correspondem aos do sr. Cunningham? — Assenti. Ela mudou para o papel de Max e apontou para o de Maddy. — Agora, veja como estes marcadores genéticos se igualam. — Eram quase idênticos, um a cópia do outro.

— Sim. E o que isso quer dizer? — Fiz uma careta ao tentar juntar todas as peças.

— Certo, agora compare o seu com o da srta. Madison Saunders.

Ela colocou o meu ao lado do de Maddy. Nem todas as caixas correspondiam, mas várias delas, sim.

Dei de ombros.

— O que isso significa?

Max esfregou minhas costas enquanto eu tentava encontrar a resposta que eles obviamente queriam que eu enxergasse sem a necessidade de palavras.

Ree Cee suspirou.

— Srta. Saunders, este teste foi feito três vezes para termos certeza. O sr. Cunningham pediu três testes, para que os resultados não pudessem ser contestados.

— E? — Balancei a cabeça. — Fale logo. Já sabemos que a Maddy é irmã do Max também. O que há de tão surpreendente?

Maxwell fechou os olhos, mas esperou que a advogada respondesse:

— Srta. Saunders, isso mostra que Madison Saunders e Maxwell Cunningham são cem por cento consanguíneos. Eles compartilham a mesma mãe *e* o mesmo pai. Você compartilha a mesma mãe com os dois, mas tem um pai diferente.

O mundo à minha volta parou. Cada músculo, cada respiração, cada átomo dentro de mim ficou paralisado. Por vários minutos, minha visão ficou piscando, e meu coração batia tão forte que pensei que alguém estivesse pisando no meu peito.

— Meu Deus, ela vai desmaiar. — Foi a última coisa que ouvi antes que tudo ficasse preto.

Acordei sentindo um calor na lateral e minha mão direita completamente dormente. Algo a estava prendendo, enquanto o lado esquerdo do meu corpo estava muito quente. Pisquei algumas vezes, olhando o teto do quarto de hóspedes no rancho dos Cunningham. O quarto estava na penumbra, iluminado apenas por uma lâmpada suave no canto.

Um murmúrio ia e vinha, como rajadas de vento transportando sons em trechos. Com esforço, pude ouvi-lo do lado direito.

— Por favor, faça ela ficar bem. Não posso perdê-la agora, acabei de encontrá-la. Não posso. Por favor, faça ela ficar bem. — Era Max falando aquelas palavras suaves, que soavam abafadas. Ao me virar, eu o vi inclinado sobre a cama, a testa encostada em nossas mãos entrelaçadas. Ele a segurava com tanta força que parecia que meu sangue havia parado de circular. Mexi os dedos e sua cabeça se levantou. — Graças a Deus! — Ele se moveu para a cabeceira da cama e espalhou vários beijos em minha testa. Seus olhos estavam úmidos quando se inclinou para trás. — Você nos assustou demais. Apagou por uma hora.

Tentei virar, mas meu lado esquerdo ainda estava imobilizado pelo peso em cima de mim. Virei o olhar e encontrei Maddy aconchegada ao meu lado, com um braço ao redor da minha cintura. Sua cabeça estava em meu peito, a respiração saindo em suspiros suaves contra meu pescoço.

— O que aconteceu? — sussurrei, sem querer estragar o momento. Fazia muito tempo que eu não abraçava a minha menina assim.

— Você desmaiou e caiu em um sono profundo. Chamei um médico e pedi que ele viesse examiná-la. Ele disse que você estava bem, apenas dormindo um sono pesado. Disse que às vezes o corpo faz isso, quando se depara com informações extremas, difíceis de a mente lidar. Desculpe, Mia. Eu não imaginei que o que ela disse faria isso com você.

Balancei a cabeça.

— Bobagem. Eu estou bem. Não tenho dormido direito porque ando preocupada com tudo isso. — Fiz um gesto para o quarto, mas ele sabia o que eu queria dizer. — E estava preocupada com o meu namorado. Não tenho notícias dele há vários dias, ele está na Ásia, em uma locação. Então a sua advogada veio com isso... Acho que eu só desliguei.

Ele assentiu, solidário e compreensivo. Maddy se agitou e seus olhos se abriram.

— Ei, você está bem? — ela perguntou, se sentando.

Passando os dedos por seus cabelos, analisei cada faceta bonita do rosto: os olhos que combinavam com os meus, o narizinho arrebitado e os lábios vermelhos como os de um querubim. Independentemente de qualquer coisa, ela ainda era minha irmã, mesmo que pela metade, o que representava uma nova série de problemas.

— Estou bem. Vamos sentar. Precisamos conversar sobre uma coisa com você.

Recostei-me na cabeceira e brinquei com as linhas na colcha. Eu apostaria um bom dinheiro que Cyndi tinha costurado aquilo sozinha. Isso não me surpreenderia. Ela era a personificação da perfeita esposa do campo. Max se sentou ao pé da cama e colocou a mão quente sobre meu joelho. Eu estava começando a me acostumar com o gesto de conforto do meu irmão mais velho.

— Maddy, amor, surgiram algumas informações sobre a gente e a nossa família.

As sobrancelhas dela se estreitaram.

— Que informações?

— Bem, acontece que a nossa mãe teve um filho antes da gente. — Sua cabeça recuou e a boca se abriu. — Eu sei, acredite em mim, isso também me chocou. Mas, hum... minha menina, o Max... ele é nosso irmão. — Tentei abrandar o assunto. Eu esperava que daquela forma seu lado compassivo aflorasse. De nós duas, ela era definitivamente a mais gentil.

Os olhos de Maddy se arregalaram e ela fez algo que eu não esperava. Um lento sorriso deslizou em seu rosto.

— Você é nosso irmão de verdade? — perguntou, a incredulidade permeando cada palavra.

Max assentiu.

— Sim, querida, eu sou.

— Mas como? — As palavras saíram incertas.

— Eu encontrei algumas informações no testamento do meu falecido pai deixando quase metade da empresa da minha família para uma mulher chamada Mia Saunders.

— Não acredito! — Ela colocou a mão sobre a boca.

Max riu suavemente.

— Sim, acredite. Enfim, eu contratei um investigador para localizar a Mia Saunders certa. Quando vi a foto da Mia, eu soube que ela era minha irmã. Nós até nos encontramos antes, no passado, quando o meu pai foi para Las Vegas, antes de você nascer.

— E o Max fez testes de DNA em mim e em você, e confirmou que nós somos

irmãos biológicos.

Maddy ficou de joelhos e colocou as mãos sobre as coxas. Seu corpo inteiro se iluminou como fogos de artifício. Ela estava aceitando aquilo melhor do que eu tinha imaginado.

— Isso é tão legal! — Ela jogou os braços ao redor de Maxwell. — Eu sempre quis ter um irmão! — gritou de alegria. Sim, *muito* melhor do que eu pensava. E eu passei a semana inteira estressada com aquilo tudo. Só que não era só isso.

Bati nas costas de Maddy e Max a soltou. Ela enxugou as lágrimas e sorriu.

— Minha menina, tem mais uma coisa. Mas não estou realmente certa de como te contar isso.

Seu sorriso desapareceu e ela inclinou a cabeça para o lado.

— Apenas me conte, Mia. O que você já revelou é uma notícia incrível. A nossa família é maior do que a gente pensava. Não somos só você e eu. Agora nós temos um irmão e uma cunhada... e... ah, sim — ela bateu palmas —, temos uma sobrinha e um sobrinho a caminho! Não vejo a hora de contar para o Matt e o pops. Este vai ser o melhor ano de todos. Vamos querer vocês no casamento. A Isabel pode ser a minha daminha... — ela continuou falando.

Suspirei e Max colocou a mão no ombro dela.

— Querida, a sua irmã está tentando compartilhar uma informação que pode não ser tão fácil de engolir. Estou contente, aliás, estou eufórico por você ficar tão feliz por nós sermos uma família. Eu compartilho desses sentimentos.

Maddy sorriu para ele como só ela podia. Merda. Por que diabos tinha que ser tão difícil? Era como se eu fosse sempre a portadora das más notícias. Pelo menos uma vez eu gostaria apenas de ter descoberto que Maxwell era nosso irmão, assim poderíamos comemorar, nos reunir em família e nos conhecer melhor. Mas não. Isso tinha que vir acompanhado do fato de que o homem que ela sempre considerou seu pai não era realmente seu pai. Ah, por falar nisso, seu verdadeiro pai estava morto e ela nunca teria a chance de conhecê-lo.

As lágrimas corriam sem controle pelo meu rosto. Inspirei profundamente e as deixei cair.

— Mads, a advogada encontrou mais uma coisa na sua genética. — Limpei as lágrimas, irritada por elas ainda estarem caindo e eu não ser capaz de segurá-las.

Max estendeu a mão para mim, os olhos traindo sua tristeza. Ele sabia o que me custaria dizer aquilo, e estava lá, compartilhando minha dor. Ele odiava saber que eu estava sofrendo, e que o que eu tinha de contar só traria mais tristeza. Ele sempre

quis uma grande família, e agora estava ganhando duas irmãs para adicionar ao seu rebanho.

— Posso? — ele perguntou, e ficou claro ali que eu realmente não estava sozinha. Max podia ter se tornado meu irmão havia apenas uma semana, mas estava pronto para entrar de cabeça e segurar as rédeas, dizer o que precisava ser dito, tirar o peso da dor de cima de mim. Assenti, sem saber o que mais fazer. Meu corpo estava torturado. Era como se cada soluço fosse um golpe punindo meu peito. — Maddy, querida, o que a Mia está tentando dizer é que a advogada descobriu que você e eu temos os mesmos pais.

Ela piscou algumas vezes, mas não se mexeu.

— Você quer dizer que nós três temos os mesmos pais? Mas isso significa que o pops é seu pai também, e ele nem te conhece? — Suas sobrancelhas se ergueram até a linha dos cabelos.

Uma sensação angustiante de medo borbulhou quando falei as palavras que mudariam sua vida para sempre:

— Não, minha menina. O pops não é seu pai. Você e o Maxwell têm o mesmo pai. Isso significa que o seu verdadeiro pai era Jackson Cunningham.

A onda de lágrimas a atingiu com força, correndo em linhas suaves pelo rosto. Era como assistir a um deslizamento de terra de uma montanha na Califórnia, vendo seu rosto desmoronar em uma confusão de lágrimas, coriza e soluços destruidores.

— Mas, mas o pops... Eu não estou entendendo. — Ela cobriu o rosto enquanto chorava. Eu a puxei para o meu colo, e seu rosto foi direto para o meu pescoço, como sempre fazia em tempos de turbulência. — Mas você ainda é a minha irmã. — Ela soluçou.

— Sim, meu amor, nós ainda somos irmãs biológicas, mas pela metade.

— Pela metade não! — ela gritou, molhando a pele da minha clavícula com suas lágrimas quentes.

Beijei sua têmpora e a acariciei o tempo todo, sussurrando que a amava, que sempre estaria lá, que nada mudaria entre nós. Tentei focar no lado positivo, dizendo que teríamos Max como irmão, para tentar tirá-la do colapso emocional. Finalmente ela parou de tremer, e sua respiração se tornou lenta e uniforme. Ela chorou até dormir. Essa reação não era incomum. Quando os meninos a magoavam na escola, ela fazia o mesmo.

Max se levantou e andou de um lado para o outro.

— Será que ela vai ficar bem? — Ele parecia um animal enjaulado. O corpo

estava tenso, as mãos apertadas em punhos e em posição de batalha. Ele nem nos conhecia e já estava na defensiva, pronto para proteger sua nova família.

— Sim, ela vai ficar bem. Imagino que tenha sido um golpe duro para ela. Até mesmo pra mim, mas nós estamos acostumadas a sobreviver a coisas difíceis.

Aquilo foi a coisa errada a dizer, pois ele fez uma careta e olhou para mim, seus olhos claros como uma máscara de gelo verde.

— Não mais. Agora vocês têm o dinheiro da nossa família e conexões.

Fiz uma careta.

— Nós não queremos o seu dinheiro nem as suas conexões.

— Não importa. Você vai ficar com a sua parte. Os advogados já estão trabalhando para transferir os quarenta e nove por cento para você.

— O quê? Você só pode estar brincando.

Ele parou e colocou as mãos nos quadris.

— Nada mudou, Mia. O testamento é válido. Meu pai obviamente não sabia sobre a Maddy, mas você vai receber quase metade da empresa.

— Eu não quero!

— Você não quer fazer parte da minha família? — Sua voz estava tensa, pesarosa.

— Claro, nós vamos ser uma família. Mas eu não preciso da sua empresa pra ser sua irmã. Além disso, tem a Maddy. *Ela* é sua irmã de verdade! — Meu tom era duro e implacável.

— Assim como você! Metade ou cem por cento, é tudo a mesma coisa pra mim.

Fechei os olhos e tentei pensar, mas havia muitas emoções girando em minha mente.

— Quero dar a minha metade pra ela, então.

Max riu. Uma grande gargalhada, inclinando a cabeça para trás e segurando a barriga, quase com histeria.

— Você vai dar bilhões de dólares em ações e tudo o que vem com isso para a nossa irmã caçula?

Eu me encolhi e apertei os lábios.

— Ela é a única pessoa que importa.

Ele bufou.

— Então você está se matando para pagar os estudos dela, indo de um lugar a outro para fingir ser qualquer coisa que alguém precise para saldar a dívida do seu pai, mas não vai aceitar um dinheiro que é seu por direito? Você é demais, meu anjo.

— Eu mesma vou falar com a advogada.

— Tarde demais. Já pedi para ela esboçar um documento para dividir a empresa em três partes. Em breve, você e a Maddy vão ser mulheres muito ricas, mas vamos levar de seis meses a um ano para cumprir as condições estabelecidas no testamento. Depois disso, nós dois vamos assinar a partilha.

— Mas o Jackson não era meu pai. Por que eu deveria ter qualquer participação nisso? Divida a empresa entre vocês dois.

Ele negou com fervor.

— Não era o que o meu pai queria. Ele sabia quem você era, sabia que não era dele e queria que você recebesse de qualquer forma. Agora, se ele soubesse que a Maddy era dele, eu sei, do fundo do coração, que ele desejaria dividir entre nós três. Ele era esse tipo de homem. Honra e família significavam tudo para ele.

— Você não vai mudar de ideia, não é? — sucumbi.

— Não.

— Você é sempre assim?

— Assim como?

— Mandão e teimoso? — Um lento sorriso deslizou em meus lábios, embora eu não quisesse.

Ele sorriu, se sentou na cama e pegou minha mão.

— Quando se trata da minha família, pode apostar.

O zumbido do celular me acordou de um sono pesado. O tipo de sono que acontece depois de tomar dois comprimidos de Benadryl. Procurei o aparelho e atendi sem verificar quem era. Provavelmente era Millie. Eu tinha enviado uma mensagem para ela pedindo que me mandasse os detalhes do próximo cliente, mas para me dar alguns dias em Malibu antes. Ela concordou, e eu não tinha nem me preocupado em saber quem era o novo cliente. Não pareceu importante antes, mas ela provavelmente devia estar querendo saber se estava tudo certo, já que eu voaria para Malibu no dia seguinte. Maddy e Matt estavam voltando para Vegas, no jatinho particular de Maxwell, com as novas informações de que ela tinha um irmão, estava prestes a se tornar uma mulher muito rica e o homem que a havia criado não era seu pai.

— Alô, Mia Saunders? — Uma voz anasalada rompeu minha felicidade sonolenta.

Limpei a garganta.

— Hum, sim. Sou eu. Quem é?

— Aqui é Wilma Brown, do Hospital e Clínica de Convalescença Kindred, em Las Vegas. — Eu me sentei, como se um balde de água gelada tivesse sido atirado em mim.

— Qual é o problema com o meu pai? — perguntei rapidamente, necessitando ouvir que ele estava bem.

— Srta. Saunders, receio que o seu pai esteja piorando. Ele contraiu uma infecção viral que se espalhou pelo sistema nervoso. Infelizmente, nós não tínhamos acesso a nenhum histórico médico dele e lhe demos o antibiótico mais forte possível para combater a infecção.

Ah, não. Ah, não. Eu podia ouvir no tom da sua voz que aquilo era ruim. Muito ruim.

— Ele vai ficar bem? — eu a cortei.

— Sinto muito, srta. Saunders, mas ele é alérgico ao antibiótico. Ele teve algumas convulsões antes que pudéssemos lhe dar medicação adicional para neutralizar os ataques e a reação alérgica. Mas ele também é alérgico ao medicamento de rebote e teve uma parada cardíaca.

O coração. Dele. Parou.

O coração dele parou.

O coração dele... parou.

Não importava quantas vezes ou maneiras diferentes aquela frase rolasse na minha cabeça, ela ainda tinha a capacidade de me roubar o fôlego.

— Srta. Saunders? Ele está vivo, mas em estado crítico. A situação não é favorável. Lamento dizer, mas é grave. Você e a sua família deveriam vir para cá o mais rápido possível.

— O quê? — Ele estava bem da última vez que o vi. Maddy havia me dito que ele estava ótimo, que os médicos estavam confusos sobre o fato de ainda não ter acordado.

— Ele pode não ter muito tempo. Vocês precisam vir logo, se quiserem se despedir.

— Obrigada. Vou pegar o próximo voo. Por favor, faça tudo o que puder — implorei.

— Nós vamos fazer. Até logo, srta. Saunders.

Estado crítico. Não é favorável. Venha logo. Se despedir.

Fechei os olhos, e as palavras se moveram pelas minhas pálpebras como legendas na parte inferior da tela.

Não importava quantas vezes eu visse as palavras, repetindo-as silenciosamente, o resultado ainda era o mesmo. Meu pai estava morrendo.

Não perca o próximo passo da jornada de Mia.

A *garota* do CALENDÁRIO

SETEMBRO

Conheça a seguir o primeiro capítulo.

1



Paredes brancas. Nada além de paredes brancas rachadas, azulejos lascados e a pintura no teto com grandes manchas cor de ferrugem. Piscando várias vezes, levantei a cabeça e a virei de um lado para o outro, para a frente e para trás. O nó em meu ombro era do tamanho do monte Everest, e já estava lá fazia quase uma semana.

— *Sinto muito, querida. Ele não está melhorando.*

— *Mia, nós estamos aqui para o que você precisar.*

— *Vamos continuar rezando por um milagre.*

— *Receio que as chances do seu pai sejam muito pequenas.*

— *Avise o restante da família.*

— *Fale com ele. Diga adeus.*

Fragmentos de condolências e respostas do médico giravam em minha cabeça como num toca-discos. Eu continuava baixando a agulha e a colocando no lugar para que a canção se repetisse.

Com os olhos muito cansados, encarei o único homem que sempre me amou. Desde a minha primeira respiração, passando pelo momento de me ensinar a jogar beisebol, me fazer estudar, até o dia em que minha mãe foi embora, antes de ele desmoronar. Mesmo quando seu rosto estava vermelho, sua fala arrastada e seus olhos cinzentos injetados, ele me amou, e eu contava com aquele sentimento para seguir em frente. Na maior parte do tempo, deu certo.

Sentada ao lado da cama, apertei sua mão, esperando que o calor que transmiti para sua palma aquecesse o reconhecimento em seu corpo e o estimulasse a lutar. Lutar por suas filhas. Lutar por *mim*, sua carne e seu sangue. Eu tinha passado a última década e meia lutando por ele e por Maddy, e agora ele precisava ser forte. *Estar lá*. Se esforçar para voltar para nós. Podíamos não ser muito, apenas duas

jovens tentando encontrar o próprio caminho, mas éramos dele, e lá no fundo eu tinha de acreditar que a luta valeria a pena, ou o perderíamos... para sempre.

A enfermeira do turno da manhã entrou. Ela caminhava com passos leves, sem emitir nenhum som enquanto verificava os sinais vitais do pops e marcava algo em seu prontuário, antes de me dar um sorriso pesaroso. Nos últimos dias, isso era tudo o que eu recebia: condolências, cenhos franzidos, pêsames hesitantes. Olhei para Maddy, encolhida em posição fetal no pequeno sofá, dormindo. Assim como eu, ela tinha se recusado a se ausentar por mais tempo que o necessário para tomar banho e trocar de roupa. Se o nosso pai fosse dar o último suspiro, estaríamos lá para testemunhar.

Ainda não tínhamos falado sobre o elefante branco na sala. Aquele tão pesado em meu peito que eu jurava que havia quebrado algumas costelas. Era impossível respirar fundo sabendo que Maddy estava magoada. A informação de que Jackson Cunningham era seu verdadeiro pai foi um golpe que atingiu nossa cabeça com força, nos chocando uma contra a outra. A notícia nos fez pisar em ovos, nos distanciando de uma forma que arrepiou minha pele. Agora eu precisava da Maddy mais do que nunca, e ela parecia estar se afastando, incerta quanto ao espaço que ocupava. Eu odiava aquilo, e odiava ainda mais o fato de nossa mãe ter feito daquela a nossa realidade.

O único benefício daquilo tudo era Maxwell. Ele tinha nos trazido até aqui em seu jatinho particular e telefonava todos os dias. Até nos hospedou por um mês em um hotel pertinho do hospital. Nosso novo irmão pensou em tudo, e se certificou de que soubéssemos que dinheiro não era problema. De repente, tínhamos os melhores médicos — uma equipe que vinha examinar nosso pai de tempos em tempos, analisando minuciosamente seu prontuário. Eles não só procuravam pistas a respeito de seu estado neurológico, para ter certeza de que ele não tivesse morte cerebral, como buscavam saber se ele seria capaz de superar as sequelas físicas da infecção viral, que estava piorando, incluindo não uma, mas duas paradas cardíacas provocadas pelas reações alérgicas ao tratamento.

Alguns dos médicos temiam o pior. Até as novas equipes de especialistas chegarem, o hospital o tinha desenganado. Diziam que não havia mais nada que pudessem fazer e recomendavam desligar os aparelhos que o mantinham vivo.

Desligar os aparelhos que o mantinham vivo. Eu não poderia fazer isso. Se eu estivesse em circunstância semelhante, será que o pops desistiria de mim, mandando parar as máquinas que me impediam de morrer? O inferno viraria gelo antes que isso acontecesse. Ele ficaria em cima de mim, fazendo massagem cardíaca em meu

peito sem parar, se isso me mantivesse viva por um minuto que fosse. Eu precisava dar a mesma chance a ele.

— Bom dia, srta. Saunders — o dr. Delícia disse enquanto pegava o prontuário do pops no pé da cama e o examinava. Por alguns minutos, ele faria anotações, verificaria algumas coisas, viraria as páginas e repetiria o processo.

Fiquei de pé, estiquei os braços acima da cabeça e fiz um pequeno alongamento, tentando aliviar a dor constante no meio da coluna, do tipo que se adquire ao ficar sentada em uma cadeira de plástico durante quase uma semana. Minhas costas protestaram e eu estremeci. O dr. Delícia balançou a cabeça, olhando para mim através de um par de óculos de aro preto. Seu cabelo escuro encaracolado era cortado rente à cabeça e brilhava. Parecia molhado, e, pelo aroma fresco que o acompanhava, ele tinha acabado de sair do banho. Sentir o cheiro bom de sabonete me fez lembrar que eu estava começando a feder. Fazia dois dias que eu não deixava o hospital. Nenhuma quantidade de desodorante poderia mascarar o cheiro que começava a exalar das minhas axilas.

— Bom dia, doutor. Qual é o prognóstico? Melhor? — Tentei não parecer muito esperançosa, porque durante quase sete dias, todos os dias, ele fazia careta e simplesmente balançava a cabeça. Hoje, porém, houve um momento. Um momento em que eu soube, realmente soube, que a nossa sorte estava mudando.

O jovem e eficiente médico se aproximou e colocou a mão em meu ombro. Ele o apertou e eu tentei não gemer com o pouco de alívio da tensão que aquele pequeno gesto provocou. Estava tão dolorida ao toque que, não importava quão breve fosse, parecia uma eternidade.

— De acordo com o prontuário, em algum momento durante a noite os pulmões do seu pai começaram a responder. É uma resposta ligeiramente positiva, indicando que talvez ele possa respirar por conta própria, mas não quero colocar a carroça na frente dos bois.

Não havia palavras para expressar minha gratidão por aquela partícula de esperança. Em vez de dizer algo, eu o abracei, enlaçando sua cintura. Coloquei tudo o que eu tinha naquele abraço, segurando-o como se minha própria vida dependesse daquilo. O médico não pareceu se importar. Na verdade, correspondeu. Passou os braços em volta do meu corpo, me mantendo contra o peito. Ficamos ali, uma mulher destruída e um homem da medicina, um curandeiro. Eu me apoiei nele e pedi a Deus que lhe concedesse a capacidade de salvar meu pai, independentemente de ele merecer ou não. Eu tinha de acreditar que todo mundo merece uma segunda chance. Se o pops sobrevivesse, acho que concordaria comigo. Talvez aquele fosse o

chacoalhão de que ele precisava para perceber que a vida realmente vale a pena ser vivida.

O toque de um celular invadiu a euforia do que tinha sido meu único momento positivo em boa parte da semana. Eu me afastei e olhei para os olhos azul-celeste do dr. Delícia.

— Desculpe. É só... — comecei, mas ele me cortou.

— Mia, nunca se desculpe por precisar de um abraço. Eu já percebi que você é uma mulher forte, mas todo mundo precisa de alguém em quem se apoiar. Vamos continuar pedindo por um milagre. Eu volto para verificar o estado dele em algumas horas.

Assenti e me virei para encontrar Maddy com o celular no ouvido.

— Hum, sim. Ela está bem aqui, tia. — Maddy estendeu o telefone enquanto afastava as mechas de cabelo loiro do rosto. Ela parecia se sentir como eu, embora eu estivesse certa de que, se houvesse um espelho por perto, minha imagem seria a de uma morta-viva.

Suspirando profundamente, levei o celular ao ouvido.

— Alô?

— Que raios está acontecendo? Você não atende as minhas ligações, perdeu o avião e não apareceu em Tucson, no Arizona, onde o cliente número nove estava te esperando!

Tentei formular uma resposta, mas não saiu nada. Eu deveria pedir desculpas, dizer algo, mas não conseguia me importar com aquilo.

— Millie...

— Não me venha com "Millie". Você está com sérios problemas, mocinha. Se você leu as letras miúdas do contrato, sabe que, se não atender o cliente, não apenas perde o pagamento de cem mil dólares como fica devendo a ele cem mil pelo transtorno!

Movendo-me tão rápido quanto minhas pernas cansadas podiam me levar, saí do quarto do pops e segui pelo corredor até a área do jardim. Era cedo, então ainda não havia ninguém ali.

— Você está me dizendo que agora eu devo cem mil dólares para algum ricaço filho da puta? — rugi no telefone.

— Você está gritando comigo? — A voz dela estava cheia de veneno e era letal. — Você se meteu nessa encrenca.

— Eu não tive escolha! O pops está morrendo!

— Então você simplesmente se manda e não me fala nada? Mia, eu teria avisado

o cliente com antecedência, e isso poderia ter sido evitado. Agora você está com um débito de duzentos mil dólares. Você não tinha o suficiente na conta para pagar a prestação deste mês para o Blaine.

Ah, não. Meu corpo começou a tremer, e minhas pernas não conseguiam mais me sustentar. Trêmula, caí no banco mais próximo.

— Eu perdi o pagamento... — falei, engasgada, o medo controlando minha língua.

— Sim! Eu tenho ligado várias vezes por dia. Finalmente consegui falar com a Maddy, mas ela também ignorou minhas chamadas até hoje.

— O meu telefone está desligado. Eu fiquei com o pops esta última semana, Millie. Ele ainda está em perigo. Não posso sair daqui. — Passei a mão trêmula pelo cabelo e puxei as raízes. A pontada instantânea de dor trouxe consigo uma clareza que tentei desesperadamente levar à minha mente.

— Eu não posso te ajudar, Mia. O meu dinheiro está investido nos negócios e em um novo empreendimento que comprometeu tudo. Você vai ter que conversar com um dos seus amigos ricos. Talvez um daqueles que pagaram a taxa extra — ela sugeriu. Como se fosse fácil. Sexo e dinheiro. Aquele era o nome do seu jogo.

Pedir duzentos mil dólares a Wes ou Alec? Não mesmo. De jeito nenhum.

— Eu vou pensar em alguma coisa.

— Eu só sei que você precisa dar um jeito nisso rápido. O seu próximo cliente é Drew Hoffman.

O nome quicou em minha mente como a bola na roleta, até parar no número vencedor.

— O médico das estrelas? Aquele que tem um programa diário na TV, linha de vitaminas, roupas de ginástica e DVDs? Você só pode estar brincando.

— Ele mesmo. Parece que ele viu a campanha de moda praia sobre a beleza em todos os tamanhos. Quer que você apareça no programa dele, em um quadro diário que vai se chamar "Vida bela". Mia, se der certo, você pode acabar conseguindo uma vaga fixa no programa no início do ano que vem. Ele só teria que esperar alguns meses para você começar. Sem pressão. — Ela gargalhou. Uma risada de bruxa como aquelas de filmes B ruins. Se eu estivesse ao lado dela, precisaria me esforçar muito para manter os dedos longe de sua garganta.

Sem pressão. Millie disse isso como se não fosse o acontecimento do século. Pressionei as têmporas com força. Todo o sangue em meu corpo parecia correr para o coração, fazendo com que ele batesse mais forte que o normal. Se eu não estivesse ali com o pops, essa notícia seria incrível. Minhas aparições na imprensa tinham me

dado um pequeno empurrão para o mundo da atuação até agora. A mídia tinha descoberto que eu existia, e, quando o clipe de Anton fosse ao ar, no próximo mês, coincidiria perfeitamente. Mas a oportunidade de ter um quadro fixo no programa de TV do dr. Hoffman... Que loucura. Era a grande chance para que eu me encontrasse e seguisse meu caminho.

Droga, eu precisava falar com Wes. Saber sua opinião, ver se ele conhecia o famoso médico pessoalmente e se tinha ouvido falar alguma coisa. Mas, claro, eu não podia fazer isso, porque não tinha notícias dele havia duas semanas. Não sabia onde ele estava ou quando voltaria; só sabia o que Judi havia dito: que ele tinha partido da noite para o dia. Disse que ficaria fora por duas ou três semanas e pediu que ela me avisasse que ele ligaria. Isso era tudo o que ela tinha para me contar. Recebi uma mensagem de voz com muitos chiados. A ligação estava tão ruim que não consegui ouvir muita coisa. Apenas que ele estaria em casa em breve e que me amava. Nada além disso.

Claro, ainda havia toda a questão de descobrir como eu conseguiria duzentos mil dólares ou uma maneira de fazer Blaine me dar mais tempo.

— Espero que o pops se recupere em breve. Não cancele o trabalho de outubro até eu retornar para você. Vou tentar ficar mais acessível, mas está sendo bem difícil agora, Millie. Também tem assuntos familiares sobre os quais eu preciso conversar com você. Uma coisa séria, que tem a ver com a minha mãe.

— Você soube de algo a respeito da Meryl? — Sua voz era tão baixa quanto um sussurro, tanto que tive de pressionar o celular mais forte no ouvido.

Balançando a cabeça para o ridículo da questão, confirmei que não queria entrar nesse assunto. O pops estava ali, lutando pela vida. Nossa mãe, a irmã de Millie, e as más escolhas gritantes que ela tinha feito nas últimas três décadas não seriam o centro das atenções. A última coisa que eu queria era lidar com minha mãe e seus segredos.

— Não, não soube. Mas algumas coisas vieram à tona. Quando o pops melhorar, eu te ligo, tá?

Millie suspirou.

— Ele... hum... vai ficar bem?

Uma risada curta e irritada escapou dos meus lábios.

— Não finja que se importa com o que acontece com o meu pai. Você sempre detestou o pops, se ressentiu por ele não levar a gente para a Califórnia quando a minha mãe foi embora e nos deixou na mão. Ele fez o melhor que pôde.

Seu grunhido soou através da linha.

— O melhor, na verdade, teria sido dar uma vida boa para vocês. Quando a minha irmã estava aí, todo mundo era feliz. Ele não conseguiu manter as coisas em ordem quando ela se foi. — Sua voz era fria e me gelou até os ossos.

A atitude profundamente defensiva contra o pops pesou em meu estômago. Minha tia ou não, ela estava cutucando uma onça e precisava ser colocada em seu lugar.

— Pelo menos ele não foi embora. A sua irmã fez isso. A mulher de quem você sente tanta saudade abandonou as filhas de dez e cinco anos, mas acho que está tudo bem, né? Não era a primeira vez que ela deixava uma família pra trás. Aliás, pelo que a gente sabe, ela pode ter uma porção de filhos por aí. Eu devo ter um monte de irmãos que não conheço.

Millie fungou, e sua voz tremeu.

— A sua mãe nunca esteve bem, boneca. Você sabe disso. No fundo você sabe que ela não foi feita para ter filhos e uma vida doméstica. O espírito dela precisava ser livre, ou ela se sentiria aprisionada dentro da própria vida.

— Você está arrumando desculpas para ela?

— Mia, ela te amava.

Bufei.

— É esse o nome que você dá? Ir embora e deixar as filhas? Amor? Ela não sabia o que é amor. — Agora que tinha Wes, eu tinha certeza disso. Quando você ama muito alguém, se preocupa mais com a felicidade do outro do que com a sua. Você faz sacrifícios que beneficiam a pessoa amada, não a si mesmo. Claro, é preciso dar e receber, mas tudo isso tem a ver com compartilhar a sua vida, fazer parte de uma família. — A minha mãe não sabia o que é amor, Millie — repeti.

— Não diga isso. É só que a Meryl nunca teve uma cabeça totalmente normal. Era assim desde pequena.

Naquele momento, decidi que ela precisava de um choque de realidade a respeito de sua querida irmã.

— Já ouvi o suficiente. Me faça um favor. Por que você não investiga Maxwell Cunningham mais uma vez?

— O seu último cliente? Eu já investiguei. Você sabe disso. — Seu tom era entediado, irritado.

— Faça isso, Millie. Cheque os registros de nascimento dele.

A linha crepitava enquanto eu caminhava para a porta, de volta para dentro do hospital. Eu precisava de uma dose de cafeína.

— Mia, você não está falando coisa com coisa. Registros de nascimento?

— Sim.

— E o que você espera que eu encontre?

Eu ri. Ronquei como um porco, gargalhei feito uma hiena, balançando todo o meu corpo. Vários médicos que passavam pelo corredor olharam para mim como se eu tivesse adquirido asas e anunciado que era uma fada. Eu não me importava. O delírio não era algo incomum nos nossos tempos, e imaginei que aqueles caras lidavam com doenças mentais o suficiente para ignorar aquela cena.

— Você vai descobrir que o nome da mãe de Maxwell Cunningham é Meryl Colgrove. O nome do pai é Jackson Cunningham.

— O quê? Isso deve ser algum tipo de piada. Não pode ser. Alguém está mentindo para você. — O pavor e o choque em sua voz eram genuínos. Pelo menos ela não estava sabendo da depravação da irmã.

— A Meryl foi embora e abandonou o filho quando ele tinha um ano. Três anos mais tarde, ela se casou com o pops, e um ano depois disso eu nasci.

Eu não estava pensando em repassar a árvore genealógica da merda da família, mas ela me fez chegar ao limite ao defender uma mulher que não merecia isso.

— Não é possível. Eu saberia... — ela disse, em um suspiro.

Assim que entrei na cafeteria, me arrastei até a máquina de café, coloquei cinquenta e cinco centavos nela e um copo de papel na saída. O café era horrível, mas ajudava a me manter acordada. Bem, por cerca de uma hora, então eu precisava caminhar novamente até a máquina feito um zumbi. Era uma das rotinas que eu repetia várias vezes ao dia.

Respirei fundo e encostei a testa na cafeteira enquanto ela zumbia, começando a funcionar e derramando o café. O zumbido aliviava minha cabeça dolorida.

— Pode acreditar. E fica pior.

— Mia, não... — Ela chorou, fungou e soluçou na linha. Francamente, naquele momento, eu não me importava. Eu tinha passado por mais merdas nas últimas semanas do que qualquer pessoa normal deveria passar. Ela precisava saber a verdade.

— Maxwell Cunningham. Ele não é apenas nosso meio-irmão; ele é irmão biológico da Maddy por parte de mãe e de pai. Você sabe o que isso significa, Millie? Hum? — Minha voz se ergueu, a raiva e a derrota controlando cada palavra. — Significa que a sua irmã traiu o meu pai. Ela teve um caso com Jackson Cunningham dez anos depois que tiveram o primeiro filho e engravidou da Maddy. Aquela cadela desgraçada fingiu que a Maddy era filha do pops e nunca se

preocupou em contar a verdade. É esse tipo de mulher que a sua irmã é. Agora lide com isso. Eu com certeza precisei lidar.

Desliguei o telefone, peguei o copo e bebi tudo de uma vez. O café estava quente o suficiente para queimar a língua, apagando qualquer sabor em seu rastro. Não que eu me importasse. A dor me daria alguma coisa para focar além do apuro absoluto em que meu pai estava.

Tirando uma nota de um dólar do bolso, coloquei-a na máquina e acrescentei dez centavos, posicionando meu copo, agora vazio, e outro para Maddy. Novamente, pressionei a testa contra o zumbido, que durou mais tempo desta vez. Por um minuto, sucumbi à escuridão.

— Jesus Cristo. Meu anjo, venha aqui — ouvi o som mais doce, depois da voz do meu Wes, antes de me virar e ser transportada para os braços maciços do homem que eu agora sabia ser meu irmão.

— Max. — Eu me apoiei em seu peito, agarrei suas costas e deixei as lágrimas caírem. Elas vieram rápidas e furiosas, como uma chuva torrencial, encharcando sua camisa preta, mas ele só me abraçou com mais força. Pela primeira vez desde que recebi aquela ligação, me senti segura. Protegida. — Obrigada. Obrigada por ter vindo — eu disse, entre soluços.

Como se fosse possível, ele me abraçou ainda mais forte. Mais calor cercava meu interior gelado.

— Não tem nenhum lugar no mundo onde eu preferiria estar a não ser aqui, apoiando minhas irmãs em um momento difícil. Conte comigo, meu anjo.

E por um longo, longo tempo, foi o que fiz.

Quando um soluço passou pelo meu peito e chegou à boca, ele se manteve forte. Quando meus joelhos enfraqueceram e eu perdi a capacidade de ficar de pé, ele me levantou. Quando pedi e implorei que meu pai sobrevivesse e apelei para Deus, ele sussurrou as palavras comigo.

Eu nunca tivera alguém em quem me apoiar, uma pessoa que largasse tudo para estar comigo quando eu precisasse. E bem ali, presa em seus braços aconchegantes, ele deixou uma marca em minha alma. Eu tinha um irmão e, agora que havia descoberto isso, não queria mais saber como seria a vida sem ele.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Agosto

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-agosto-598731ed600322.html

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Vídeo sobre a série no Youtube
https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/